

# Sobre os poemas mais publicados em vida de Fernando Pessoa (entre 1914-1934)

[On the most published poems during Fernando Pessoa's lifetime, between 1914-1934]

Raquel Madanêlo Souza\*, Roberto Bezerra de Menezes\*\* & Rodrigo Xavier\*\*\*

## Palavras-chave

Fernando Pessoa, Revistas literárias, Poemas mais publicados em vida, "Ceifeira", "Sol nullo dos dias vãos", "Gládio", "O Aldeão" / "Ó sino da minha aldeia", "Passos da Cruz – Soneto XII", "Canção de Outomno" / "No entardecer da terra", "Prece", "O menino de sua mãe", "Gomes Leal", "Addiamento".

## Resumo

Fernando Pessoa publicou em vida mais de quatrocentos textos que compreendem poemas, trechos do *Livro do Desassossego*, traduções, escritos de apreciação literária e de índole sócio-política, e um livro de 44 composições líricas, *Mensagem*, concluído em 1934. Dez dos poemas publicados em vida foram republicados em uma ou mais publicações periódicas entre os anos de 1914 e 1934. O objetivo deste artigo é apresentar esses poemas e os testemunhos que documentam a elaboração dos mesmos.

## Keywords

Fernando Pessoa, Literary magazines, Most published poems in life, "Ceifeira", "Sol nullo dos dias vãos"; "Gládio", "O Aldeão" / "Ó sino da minha aldeia", "Passos da Cruz – Soneto XII", "Canção de Outomno" / "No entardecer da terra", "Prece", "O menino de sua mãe", "Gomes Leal", "Addiamento".

## Abstract

Fernando Pessoa published more than four hundred texts during his lifetime, including poems, excerpts from the *Livro do Desassossego*, translations, writings of literary appreciation and sociopolitical nature, and a book of 44 lyric compositions, *Mensagem*, concluded in 1934. Ten of these texts were republished in more than one medium between the years 1914 and 1934. The purpose of this article is to present these poems and the testimonies that document their elaboration.

---

\* Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Centro de Estudos Portugueses, Polo de Pesquisa em Poesia Portuguesa Moderna e Contemporânea.

\*\* Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Polo de Pesquisa em Poesia Portuguesa Moderna e Contemporânea. Bolsista PNPd/CAPES.

\*\*\* Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Literaturas Vernáculas, Cátedra Jorge de Sena para Estudos Luso-Afro-Brasileiros.

## Em vida de Fernando Pessoa

Fernando Pessoa viveu para a escrita. Desde a infância, já elaborava versos<sup>1</sup> e dedicava-se a redigir jornais em cadernos e papéis avulsos, nos quais criava notícias, charadas e outros textos assinados por diferentes autores fictícios (PESSOA, 2013a). Ao longo de sua vida, publicou mais de quatrocentos<sup>2</sup> textos que compreendem poemas – em português, inglês e francês –, trechos do *Livro do Desassossego*, traduções, escritos de apreciação literária e de índole sociopolítica, e um livro de 44 composições líricas, *Mensagem*, concluído em 1934. Como aponta João Rui de Sousa, “Pessoa publicou o que foi oportuno publicar, mas também o que se lhe tornou possível publicar. Pouquíssimo em livro; queremos dizer, em livro de sua autoria. Bastante mais em periódicos ou por outros meios” (SOUSA, 1988: 11).

O “acervo textual publicado em vida por Fernando Pessoa” pode dividir-se entre “textos não-poemáticos” e “poemáticos” (SOUSA, 1988: 14)<sup>3</sup>. Ora, convém notar que, dos mais de 300 (trezentos) poemas editados pelo escritor português, 96 surgiram em livros da sua autoria,<sup>4</sup> 5 (cinco) no *Cancioneiro do I Salão dos Independentes* e mais de 200 (duzentos) em periódicos. Esta contabilidade vem sendo revista em diversos estudos,<sup>5</sup> ao longo dos anos e, mais recentemente, por meio de

<sup>1</sup> “Fizera sua primeira quadra aos cinco anos, antes da partida para Durban. Depois disso, somente em 1901 reinicia sua atividade poética, agora compondo em língua inglesa” (SEVERINO, 1969: 33).

<sup>2</sup> Na *Fotobibliografia de Fernando Pessoa*, João Rui de Sousa reúne 464 textos “respeitantes ao que, de Pessoa, foi tornado impresso até à data de sua morte (30 de novembro de 1935), reportam-se quase totalmente, como seria de esperar, ao domínio da escrita própria do poeta (438 textos), mas também integram a escrita por si traduzida (26 textos)” (SOUSA, 1988: 11).

<sup>3</sup> Não é novidade o interesse da crítica pela produção literária de Fernando Pessoa publicada durante sua vida. Em artigo publicado recentemente, Rodrigo Xavier observa que a *Fotobibliografia* e o volume *Mensagem e Poemas Publicados em Vida* (2018), não registam a existência de textos de Pessoa publicados no Brasil entre os anos de 1926 e 1935 (cf. XAVIER, 2020: 544). Arnaldo Saraiva ratifica as “redescobertas” de Xavier em seu livro *A Entrada de Fernando Pessoa no Brasil* (2021). Recentemente, também Jorge URIBE, em artigo intitulado “Em vida de Fernando Pessoa – Lista de publicações 1912-1935” (2020), buscou atualizar a lista das publicações, sem incluir as traduções e os textos de Pessoa como editor de outros autores, nem os escritos considerados de infância e uma primeira adolescência.

<sup>4</sup> Do total de textos “poemáticos”, segundo Sousa: “[...] 96 poemas foram publicados através de livros da sua autoria (35 *Sonnets*, *Antinous*, *Englisch Poems I-II*, *English Poems III* e *Mensagem*)” (SOUSA, 1988: 14).

<sup>5</sup> Além da *Fotobibliografia de Fernando Pessoa* (1988), organizada por João Rui de SOUSA, destacam-se o trabalho pioneiro do brasileiro Carlos Alberto IANNONE sob o título *Bibliografia de Fernando Pessoa* (1975); o livro de José BLANCO, *Fernando Pessoa: esboço de uma bibliografia* (1983); um contributo de Clara ROCHA, que foi incluído na edição crítica de *Mensagem – Poemas Esotéricos* (1993), coordenada por José Augusto Seabra; os volumes *Ficções do Interlúdio* (1998b) e *Crítica, Ensaios, Artigos e Entrevistas* (2000), editados por Fernando Cabral Martins, e *Prosa Publicada em Vida* (2006), volume organizado por Richard Zenith; assim como os tomos *Proses I: 1912-1922* (2013b) e *Proses II: 1923-1935* (2013c), reunidos por José Blanco; e, finalmente, *Mensagem e Poemas Publicados em Vida* (2018c), de Luiz Fagundes Duarte.

artigos de Jorge URIBE (2020) e de Rodrigo XAVIER (2020), e de um livro de Arnaldo SARAIVA (2021). Estes trabalhos revelam o interesse permanente da crítica pelos textos de Fernando Pessoa, em prosa e verso, publicados em vida.

### **Fernando Pessoa editor de revistas: *Orpheu* (1915) e *Athena* (1924-1925)**

Quando pensa nos lugares em que as composições “poemáticas” foram publicadas, Sousa destaca a importância das revistas *Orpheu* e *Athena*, em parte dirigidas e fundadas por Pessoa. Aquilo publicado em 1915 e 1924-1925 indicaria, de modo mais evidente, os planos do escritor para a edição de suas obras, devido a sua “acentuada influência” (SOUSA, 1988: 14) naqueles contextos de produção.

A revista *Orpheu* ficou conhecida como “sinédoque” (MARTINS in *ORPHEU*, 1994: 1) do Modernismo em Portugal, embora só tenha tido dois números publicados: o primeiro, sob a direção do poeta brasileiro Ronald de Carvalho e do português Luís de Montalvôr, com a promessa de uma faceta mais luso-brasileira; e o segundo, sob a direção de Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro. A publicação de 1915, que foi recebida com grande polêmica pela imprensa da época, sofreu os reveses da inexperiência de seus diretores, pois a partir do momento em que o financiador das impressões – o pai de Sá-Carneiro<sup>6</sup> – finalizou o apoio econômico, a revista não voltou a circular, ficando um terceiro número bastante esboçado e adiantado, do qual se conhecem hoje provas tipográficas.<sup>7</sup> Em *Orpheu*, Pessoa publicou nove poemas: três de Álvaro de Campos e seis do conjunto de “Chuva Oblíqua”, assinados por um “Pessôa” ainda com circunflexo.

A revista *Athena* foi lançada, em 1924, conjuntamente com Ruy Vaz. O título também mantém uma ortografia etimológica e configura um diálogo com a tradição clássica. *Athena* foi a segunda e última revista de literatura dirigida por Fernando Pessoa. Segundo Jorge de Sena, esta “revista de vanguarda” se orientaria por um “nítido desejo de tornar o Modernismo respeitável” (SENA, 1977: 505), como se lê no *Grande Dicionário de Literatura Portuguesa e de Teoria Literária*. Em outro lugar, Sena destaca ainda o protagonismo da *Athena* no conjunto das publicações periódicas: “Foi nessa revista que ele [Pessoa] publicou a maior massa de poemas seus: 14 poemas ortónimos, 20 odes de Ricardo Reis, e cerca de 40 poemas de Alberto Caeiro. Álvaro de Campos não foi colaborador poético da revista” (SENA, 2000: 207), apesar de ter colaborado com alguma prosa.

<sup>6</sup> Numa carta para Pessoa, escrita em 13 de setembro de 1915, Sá-Carneiro informa o fim da revista *Orpheu*: “Em duas palavras: temos desgraçadamente de desistir do nosso *Orfeu*. Todas as razões lhe serão dadas melhor pela carta do meu Pai que junto incluo e que lhe peço que não deixe de ler” (SÁ-CARNEIRO, 1995: 901).

<sup>7</sup> O terceiro número de *Orpheu* viria a público em 1983 (<https://purl.pt/27928>), através da *Nova Renascença*, e, em 1984, com preparação do texto, introdução e cronologia de Arnaldo Saraiva.

Ora, convém lembrar, para uma maior contextualização, que Clara ROCHA (1985), em *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*, classifica *Athena* entre as “revistas modernistas” portuguesas, incluindo nesta categoria *Orpheu*, *Centauro*, *Exílio*, *Portugal Futurista* e *Contemporânea*, deixando de fora a *Presença*, que, segundo a estudiosa, estaria relacionada a um outro contexto.

Em estudo introdutório publicado na edição fac-similar da *Athena*, editada pela Contexto, Teresa Sousa de Almeida acentua a “saudade” que tinha deixado o projeto de *Orpheu*: “Entre o Primeiro e o Segundo Modernismo, carregado de saudade de *Orpheu* e afirmando a diferença que o presente exigia, *Athena* propôs-se, antes de mais, como um espaço de reflexão” e de oposição à vanguarda (ALMEIDA, 1994: s/p). A investigadora também destaca a importância da revista de 1924-1925 no conjunto da obra pessoana: “Entre traduções, textos teóricos e poemas, Fernando Pessoa assegura praticamente metade da colaboração de *Athena*. Registe-se, no entanto, a ausência de Campos-poeta, provavelmente por não caber numa revista que, na sua proposta global, representa uma reação à vanguarda” (ALMEIDA, 1994, s/p).

Em *Athena*, Pessoa publicou o conjunto mais extenso de sua produção em verso, editada por ele mesmo em um único lugar. Somam-se um total de 75 poemas, divididos entre o ortônimo, com 16 (dezesesseis) poemas; o heterônimo Ricardo Reis, com 20 (vinte) odes; e Alberto Caeiro, com 23 (vinte e três) poemas de “O Guardador de Rebanhos” e 16 (dezesesseis) de “Poemas inconjuntos”. Neste estudo antológico<sup>8</sup>, destacamos o fato de a *Revista de Arte*, dirigida por Pessoa e Ruy Vaz e publicada entre outubro de 1924 e fevereiro de 1925, ter inserido em suas páginas cinco, dos dez poemas mais publicados em vida por Pessoa: “Gládio”; “Ó sino da minha aldeia”; “Canção” / “Sol nullo dos dias vãos,”; “Canção de Outomno” / “No entardecer da terra”; e “Ela canta pobre ceifeira”.

### Poemas mais publicados em vida

Foi José Blanco, no já mencionado livro *Esboço de uma bibliografia* (1983), que pela primeira vez deu destaque aos poemas mais publicados em vida por Pessoa. Blanco chamou a atenção para o fato de que a republicação desses dez poemas em novos espaços impressos não parecia ser a consequência de meras reimpressões não autorizadas (BLANCO, 1983: 19), já que, por vezes, os poemas passaram por revisão do autor, que acrescentou, subtraiu e/ou modificou vocábulos ou versos. No seu trabalho, Blanco demonstra certa surpresa, uma vez que “tendo Fernando Pessoa uma produção poética de tamanha amplitude”, escolheu “precisamente os dez referidos poemas para a honra de nova publicação” (BLANCO, 1983: 19).

---

<sup>8</sup> Agradecemos aos bolsistas de iniciação científica que ajudaram a fazer as transcrições: Ana Paula dos Santos Pinto (IC-UFRJ), Carolina Santos de Oliveira (IC-UFMG), Clara Mendes (IC-UFRJ), Nathalia Duarte Oliveira (IC-UFRJ) e Pablo Maia (IC-UFMG).

Como explicar a insistência de Pessoa nesse conjunto limitado de poemas? Consideraria o escritor, como especula Blanco, os referidos poemas mais acessíveis ao público leitor ou seriam esses os seus poemas prediletos? São hipóteses plausíveis, as duas, mas de difícil comprovação.<sup>9</sup> Veja-se uma lista dos referidos poemas várias vezes publicados, apresentados em ordem cronológica e indicando os lugares e as datas de surgimento dos poemas:

<b>Título / Incipit</b>	<b>Publicação periódica</b>	<b>Data</b>
1. "O Aldeão" / "Ó sino da minha aldeia"	<i>A Renascença</i>	Fev. 1914
	<i>Athena</i>	Dez. 1924
2. "A Ceifeira" / "Ella canta pobre ceifeira"	<i>Terra Nossa</i>	Set. 1916
	<i>Athena</i>	Dez. 1924
3. "Passos da Cruz – XII"	<i>Centauro</i>	Out.-Nov.-Dez. 1916
	<i>O Notícias Ilustrado</i>	Abr. 1929
4. "Canção" / "Sol nullo dos dias vãos"	<i>Ilustração Portuguesa</i>	Jan. 1922
	<i>Athena</i>	Dez. 1924
	<i>I Salão dos Independentes</i>	Mai. 1930
5. "Canção de Outomno" / "No entardecer da terra"	<i>Ilustração Portuguesa</i>	Fev. 1922
	<i>Athena</i>	Dez. 1924
6. "Prece"	<i>Contemporânea</i>	Out. 1922
	<i>Leitura para Todos</i>	Jun. 1926
	<i>O Notícias Ilustrado</i>	Jan. 1929
	<i>Revolução</i>	Jun. 1933
	<i>Mensagem</i>	Out. 1934
	<i>Diário de Lisboa</i>	Dez. 1934
7. "Gladio" / "D. Fernando, Infante de Portugal"	<i>Athena</i>	Dez. 1924
	<i>I Salão dos Independentes</i>	Mai. 1930
	<i>Mensagem</i>	Out. 1934
8. "O menino da sua mãe"	<i>Contemporânea</i>	Mai. 1926
	<i>O Notícias Ilustrado</i>	Nov. 1928
	<i>I Salão dos Independentes</i>	Mai. 1930
9. "Addiamento"	<i>Revista da Solução Editora</i>	1929
	<i>I Salão dos Independentes</i>	Mai. 1930
10. "Gomes Leal"	<i>O Notícias Ilustrado</i>	Out./1928
	<i>I Salão dos Independentes</i>	Mai./1930

<sup>9</sup> Basta lembrar, por exemplo, o seguinte: Pessoa refere-se de maneira elogiosa a um verso do poema "Cefeira": "Amo especialmente a última poesia, a da *Cefeira* onde consegui dar a nota *paúlca* em linguagem simples. Amo-me por ter escrito: Ah, poder ser tu, sendo eu!" (PESSOA, 1999: 146).

Como se pode observar a partir da tabela, em termos quantitativos, os poemas mais publicados em vida foram: “Prece” (6 vezes); “Gladio” (3 vezes – excetuando a versão das provas de página de *Orpheu* 3, que configuraria uma quarta publicação do poema); “Canção” / “Sol nullo dos dias vãos” (3 vezes); “O menino da sua mãe” (3 vezes); “O Aldeão” / “Ó sino da minha aldeia”, “A Ceifeira” / “Ella canta pobre ceifeira”, “Passos da Cruz – XII”, “Canção de Outomno” / “No entardecer da terra”, “Addiamento” e “Gomes Leal” (2 vezes). A ordem de apresentação dos poemas na tabela acima e no correr deste contributo segue a data da primeira publicação, considerando-se também o mês para melhor precisão.

Neste estudo antológico, pretende-se apresentar os percursos de elaboração (RODRIGUES-MOURA, 2019: 1139) e publicação dos poemas acima listados, buscando resgatar as diferentes versões publicadas e, ainda, a depender do caso, os testemunhos manuscritos e datilografados de cada poema, para, assim, remontar os itinerários textuais de cada escrito. O confronto destes e outros poemas se justifica aqui, pois, como aponta Luiz Fagundes Duarte na edição crítica de *Mensagem e Poemas Publicados em Vida* (2018c), um poema pode assumir diferentes interpretações e significados quando editado em contextos diversos, atendendo a que: “se, em absoluto, se trata do mesmo poema, a relatividade dos contextos em que aparece e reaparece transforma-o em outro” (PESSOA, 2018c: 12).

### “O Aldeão” / “Ó sino da minha aldeia”

Este poema é composto por quatro quadras, em redondilha maior, forma que é relacionada tradicionalmente à poesia de feição popular. Tal caracterização do poema, em que se verifica uma conformação exemplar ao esquema da quadra, com rimas no 2.º e 4.º versos, como aponta Jorge de Sena em capítulo incluído em *Fernando Pessoa & C.ª Heterónima*, apresentaria uma aparente simplicidade formal e temática que, na construção pessoana, revelaria o “tom de penetrante análise” do “sentimentalismo tradicional” (SENA, 2000: 210).

Outros críticos, como João Gaspar Simões, costumam referir uma carta de Pessoa, em que este tenta dissuadir o crítico da tentativa de realizar uma análise psicológica dos versos e de seu autor:

O sino da minha aldeia, Gaspar Simões, é o da Igreja dos Martyres, alli no Chiado. A aldeia em que nasci foi o Largo de S. Carlos, hoje do Directorio, e a casa em que nasci foi aquella onde mais tarde (no segundo andar; eu nasci no quarto) haveria de installar-se o Directorio Republicano. (Nota: a casa estava condemnada a ser notavel, mas oxalá o 4.º andar dê melhor resultado que o 2.º.).

(in VIZCAÍNO, 2017: 398)

Deste poema, “O Aldeão” / “Ó sino da minha aldeia”, conhecem-se dois impressos (*A Renascença* e *Athena*), dois manuscritos [119-11a] e [117-21<sup>r</sup>], dois datiloscritos [117-22] e [117-23].<sup>10</sup>

Publicado pela primeira vez em *A Renascença*, em fevereiro de 1914, nela, o poema é antecedido pelo título “Impressões do Crepusculo” e pelo numeral romano “I”, sendo que o segundo poema, identificado pelo numeral “II”, é “Pauis de roçarem ansias pela min’alma em ouro. . .” Pensando no referido conjunto, chama a atenção o fato de os poemas terem sido antecidos pelo título “Impressões do Crepusculo”, que parece tematicamente mais aproximado ao segundo poema do que propriamente ao primeiro. De fato, a edição da *Obra Poética* pessoana da Nova Aguilar traz o referido título antecedendo somente “Pauis de roçarem ansias pela minh’alma em ouro...” (PESSOA, 2005: 108). Sobre essa curiosa aproximação dos dois poemas na edição da revista de 1914, afirma Fernando Cabral MARTINS (2008) que a intenção de Fernando Pessoa teria sido a de colocar os dois textos em contraste, como viria a fazer em *Orpheu*, no ano seguinte, com “Opiário” e “Ode triunfal”.

Em sua segunda impressão, no terceiro número da revista *Athena*, de dezembro de 1924, o poema aparece realocado, sem título, como parte do subconjunto intitulado “DE UM CACIONEIRO”, inserido no conjunto intitulado “ALGUNS POEMAS”, juntamente com “Ceifeira”, “Sol nullo dos dias vãos” e “No entardecer da terra”, que também fazem parte dos dez poemas mais publicados em vida pelo escritor.

Dos dois testemunhos manuscritos, apenas o [117-21<sup>r</sup>] apresenta uma data: 8-4-1911, informação que se repete na parte superior e na parte inferior do suporte material. Enquanto ao lado da data localizada na parte superior encontramos a palavra “(Continuado)”, sugerindo “tratar-se de uma sequência de papéis entretanto desfeita” (cf. PESSOA, 2018c: 251), a mesma informação, no pé de página, apresenta um traço que a separa do poema e outro que a sublinha, reforçado por um terceiro de menor tamanho. O testemunho [119-11a], por sua vez, divide o espaço do papel com o poema “Vento que passas”, também ortônimo. Depois de dois traços centralizados, lê-se muito claramente o primeiro verso de “Ó sino da minha aldeia” e a última quadra, escrita na margem esquerda no sentido vertical (é pouco aquilo que muda: “tua pancada” em vez de “pancada tua”).

Nos dois datiloscritos, o pesquisador encontra o poema em sua versão final, com ligeiras diferenças ortográficas. Em [117-23], entretanto, temos o único testemunho que “traz o título ‘O aldeão’” (cf. PESSOA, 2018c: 251), embaixo do qual há um tracejado.

<sup>10</sup> Em achega ao referido poema, Maria Aliete Galhoz refere-se a outros dois manuscritos que correlaciona à gênese de “Ó sino da minha aldeia”: [36-15], datado de 24-4-10, e [57-6], de 19-3-11 (Cf. GALHOZ, 1991: 748-750). Apesar de ambos estarem relacionados ao “tema dos sinos” (GALHOZ, 1991: 748), percebe-se muito claramente que deles quase nada restou além disso mesmo. Em [48-39<sup>r</sup>], uma das últimas listas a tentar compor o *Cancioneiro* pessoano, o poema do segundo manuscrito [57-6], inclusive, aparece como item distinto de “Ó sino da minha aldeia” (cf. PIZARRO, 2017: 454).

Ainda sobre “Ó sino da minha aldeia”, é importante referir os muitos projetos pessoanos que consideraram incluir este poema:

*Este poema faz parte de um projeto, sem título, que se encontra em [48E-28a<sup>v</sup>]. Também integrou um projeto intitulado Breviario [48E-25<sup>r</sup>] que teria vinte e sete poemas, embora só estejam identificados dezanove, entre os quais, além deste, se contam os n.ºs 46 e 74. Integraria também o livro Itinerario [48C-40; 48B-63], com o título OLEOGRAPHIA. Seria, ainda, o sexto poema de V. A Sala Dando Sobre o Mar [48E-17] do grande projeto As Septe Salas do Palacio Abandonado [48E-12; 48E-20].*

(cf. PESSOA, 2018c: 252)

### “A Ceifeira” / “Ella canta pobre ceifeira”

“A Ceifeira” é o título do único texto de Fernando Pessoa publicado em *Terra Nossa*, “mensario de inquerito á vida alentejana”, que contou com apenas três números, o último deles em setembro de 1916. O mensário foi dirigido por António Lobato Adegas e Luís Chaves. No n.º 3, além do referido testemunho impresso, constavam na revista outras publicações com temáticas próximas à dos versos pessoanos. Nesta primeira versão do poema, o texto de “A Ceifeira” aparece em tipo itálico e, por questões tipográficas, a letra /o/, no 3.º e 4.º versos da 6ª estrofe, apresenta apóstrofo em vez de acento agudo.

O poema também foi impresso na *Athena*, mas sem o título. De facto, “Ella canta, pobre ceifeira” é o último dos 14 textos que compõem o subconjunto “DE UM CACIONEIRO”, inserido no conjunto intitulado “ALGUNS POEMAS”. Este testemunho apresenta diferenças significativas em relação à versão impressa em 1916. A primeira e a última estrofes têm alterações na pontuação, mudando de reticências para ponto-e-vírgula, acrescentando vírgulas à enumeração presente no terceiro verso e ainda exclamações, que ampliam o carácter interjetivo da composição. Já a 4ª e 5ª estrofes de *Terra Nossa* e *Athena* são completamente diferentes e, nesta última, tem-se o verso “O que em mim sente stá pensando”. A sexta e última estrofe traz, além das mudanças na pontuação, indicadas acima, uma alteração no primeiro verso, em que a expressão “a vida é tão breve!”, em *Terra Nossa*, passa, em registro arcaizante, a “a vida é tam breve!”, em *Athena*; e, por fim, no terceiro verso da mesma estrofe, há uma alteração na forma, já que o pronome “minha” e o substantivo “Alma” surgem separados na versão de 1924, de onde também desaparecem as reticências finais (que constavam em 1916).

Há outro testemunho, cuja cota é [CFP 028-MN]<sup>11</sup>, e que corresponde a uma página do exemplar da revista *Athena*, existente hoje à guarda da Casa Fernando Pessoa. A mesma imagem encontra-se também digitalizada, mas sem transcrição ou informação adicional, no artigo de Daiane Walker ARAUJO e Caio GAGLIARDI: “Jorge

<sup>11</sup> Quando a cota não é da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP) e do espólio pessoano (E3), figura informação adicional.



de Sena depois de Gaspar Simões: a abordagem evolutiva nos estudos pessoais dos anos 50 e 60” (2015). Vejam-se os versos escritos a lápis, à esquerda da estrofe final, como alternativa aos versos impressos. A transcrição do trecho manuscrito encontra-se em nota.

O manuscrito [5-26<sup>v</sup>] cujo *incipit* é “Ella canta e as suas notas soltas tecem” pode ser lido como provável primeira tentativa de escrita de “Ella canta pobre ceifeira”, e encontra-se datado de 15 de maio de 1913. O primeiro crítico a apontar essa hipótese foi Jorge de Sena, em seu livro *Fernando Pessoa & C.<sup>a</sup> Heterónima*, no qual batizou o testemunho em questão como a “ante-primeira” versão da “Ceifeira”. Porém, em seu livro, Sena indica 15 de maio de 1912 como a data de elaboração do mencionado manuscrito e não 15 de maio de 1913, o que muito provavelmente trata-se de um lapso editorial. PIZARRO defende, no aparato genético do *Livro do Desasocego* (2010), que, embora escritos no verso de passagens do *Livro*, os versos não são necessariamente atribuíveis a Bernardo Soares, até porque em 1913 o *Livro* era assinado pelo próprio Fernando Pessoa.

Já o testemunho manuscrito [117-42a<sup>r</sup>], datado de 1 de dezembro de 1914, é mais um documento que comprova o intenso processo criativo de Pessoa na tentativa de se chegar à versão publicada em *Terra Nossa* (1916). O testemunho é referido no aparato genético da edição de *Mensagem e Poemas Publicados em Vida* (PESSOA, 2018c), no qual Luiz Fagundes Duarte assim descreve [117-42a<sup>r</sup>]: “manuscrito a tinta, numa letra muito rápida e de difícil leitura, com muitas emendas e acrescentos, o que dá conta de uma gênese textual muito complicada” (in PESSOA, 2018c: 260). Há, anterior à versão apresentada por Duarte, a menção ao manuscrito no artigo “Poemas e documentos inéditos” (PIZARRO, 2017).

Já a versão [ACR, CORR. 4483-3<sup>v</sup>] enviada em carta a Armando Côrtes-Rodrigues, encontra-se na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, no espólio do escritor açoriano, anexo a uma carta de Pessoa de 19 de janeiro de 1915. Refira-se que a versão enviada a Côrtes-Rodrigues tinha oito estrofes; já as posteriores, sete. Em [ACR, CORR. 4483-3<sup>v</sup>], sendo este poema o último de um conjunto, figura, depois de um tracejado, a assinatura do autor.

O datiloscrito, sem data, cuja cota é [117-42], encontra-se no espólio pessoal, na Biblioteca Nacional de Portugal. Esta versão, diferentemente da outra versão datilografada enviada para Côrtes-Rodrigues, aproxima-se mais da que foi publicada na *Athena*, em 1924, pois apresenta o verso “O que em mim sente está pensando”. Além do título “CEIFEIRA”, nota-se a diferença na grafia do verbo de ligação, “está”, que traz a letra /e/ neste testemunho, mas não na versão da revista: “O que em mim sente stá pensando”. Além disso, e da ausência de título no poema que foi publicado na revista, evidenciam-se algumas diferenças na pontuação utilizada entre as duas versões e, também, uma importante mudança no primeiro verso da quarta estrofe: “Canta, que eu soffra sem razão!”, enquanto em *Athena*, tem-

se: “Ah, canta, canta sem razão!”. Várias vezes a letra /z/ apresenta problema de alinhamento.

Por fim, destaca-se o testemunho [32-34<sup>r</sup>] que apresenta o título “Ceifeira”, mas cujo *incipit* é “Mas não, é abstracta, é uma ave”, localizado no envelope 32, do espólio pessoano, no qual existem diversos poemas de 1932; daí a datação crítica proposta na publicação de 1955, de Jorge Nemésio. Este esboço poético não é referido nem na edição crítica de 2004, de *Poemas 1931-1933*, nem em *Mensagem e Poemas Publicados em Vida*, de 2018.

Vários estudiosos apontam para a influência de William Wordsworth na concepção deste poema pessoano e destacam a sua importância no conjunto de poemas publicados em vida por Fernando Pessoa, como, por exemplo, Jorge de SENA, em *Fernando Pessoa & C.<sup>a</sup> Heterónima* (2000); George MONTEIRO, em “The Song of the Reaper: Pessoa and Wordsworth” (1989); António M. FEIJÓ, em “A constituição dos heterónimos. I. Caeiro e a correcção de Wordsworth” (1996); e Arnaldo SARAIVA, em “Leitura do poema ‘Ela canta, pobre ceifeira’, de Fernando Pessoa” (2002).

### “Passos da Cruz – XII”

Este é o título do conjunto de quatorze sonetos publicado por Fernando Pessoa no número 1 da revista *Centauro*, referente a out.-dez. de 1916. Em artigo do livro *Fernando Pessoa & C.<sup>a</sup> Heterónima*, Jorge de SENA, ao apontar para a importância dos conjuntos de poemas publicados em vida por Pessoa, distingue aquilo que ele define como “dignidade algo esteticista” dos sonetos,<sup>12</sup> em comparação a um outro polo mais “artificial e artificial da criação ortónima nesse período”. Polo esse que seria representado ainda por outros grupos de poemas, como os seis da “*Chuva Oblíqua* (*Orpheu*, 1915), *Hora Absurda* (*Exílio*, 1916), os cinco poemas de *A Múmia* e as cinco *Ficções do Interlúdio* (todos em *Portugal Futurista*, 1917)” (SENA, 2000: 209).

Quanto à temática, Maria Aliete Galhoz (PESSOA, 2005), Jorge de SENA (2000) e José Augusto Seabra (PESSOA, 1993) são unânimes em apontar para o caráter ocultista desses poemas, que se caracterizariam também por “uma impecável construção formal” (in PESSOA, 2005: 741).

Sobre os testemunhos originais relacionados aos quatorze sonetos, cujo primeiro manuscrito remonta a 28-11-1913,<sup>13</sup> destacam-se estudos de Jorge NEMÉSIO

<sup>12</sup> Cf. “dignidade algo esteticista de quinze sonetos admiráveis (os catorze de *Passos da Cruz*, em *Centauro*, 1916, e *Abdicação*, em *Ressurreição*, 1920, cujo tom é muito afim do daquela sequência)” (SENA, 2000: 209).

<sup>13</sup> Jorge NEMÉSIO (1958), Maria Aliete Galhoz (PESSOA, 2005) e José Augusto Seabra (PESSOA, 1993) fazem referência ao testemunho [41-31], afirmando que o título manuscrito a lápis azul, na margem superior da folha, seria “Estações da Cruz”; já em *Mensagem e Poemas Publicados em Vida*, Fagundes Duarte sugere outro título: “Orações da Cruz” (in PESSOA, 2018c: 265), o que parece configurar um erro de leitura do referido manuscrito.

(1958; veja-se a p. 95), Maria Aliete Galhoz (PESSOA, 2005), José Augusto Seabra (PESSOA, 1993) e Luiz Fagundes Duarte (PESSOA, 2018c).

Entre os testemunhos do espólio pessoano relacionados a este conjunto de poemas, destaca-se a transcrição realizada por Maria Aliete Galhoz de um projeto, [48E-27<sup>1</sup>], que apresenta no cabeçalho o título “Passos da Cruz”, em vermelho. Na sequência, há quatorze números e treze versos, também datilografados, a tinta azul.

Quanto à sequência das composições nesse testemunho, Galhoz aponta para diferenças na ordem proposta em relação ao conjunto efetivamente impresso de “Passos da Cruz”. Em sua edição crítica, Fagundes Duarte afirma: “O projeto deve ter sido feito de memória, porquanto alguns dos sonetos são identificados não pelo *incipit* mas por um outro verso” (in PESSOA, 2018c: 264).

Em relação ao poema XII, único do conjunto que seria republicado em vida de Fernando Pessoa, Galhoz indica uma inversão da ordem do número “9 para XII” (in PESSOA, 2005: 741); acentue-se, ainda, que o verso que aparece ao lado do numeral nove corresponde não ao *incipit* do soneto, mas ao primeiro verso da última estrofe: “Só sempre a mesma pastorinha a ir...”.

Com relação ao soneto XII, que seria novamente impresso em *O Notícias Ilustrado*, Lisboa, 28 de abril de 1929, p. 11, verificam-se pequenas alterações na versão publicada no jornal, em relação à impressão anterior, em *Centauro*: a folha do jornal, dividida em três colunas, traz no topo da página, na coluna do meio, a palavra “*Anthologia*”<sup>14</sup>, antecedendo o título, “PASSOS DA CRUZ”, e na linha de baixo, o numeral romano “XII”. Logo abaixo do poema, posicionado mais à direita, o nome do poeta “*FERNANDO PESSOA*”, em itálico, letra inclinada que também é adotada na impressão do poema. No primeiro verso, a palavra “*tranquila*” é grafada sem os dois “l”<sup>15</sup> da versão anterior; o segundo, começa sem a inicial maiúscula, com o vocábulo “*pela*”; o mesmo ocorrendo no primeiro terceto, último verso, iniciado por “*serás,*”; e na última estrofe, em que tanto o “*e*”, que dá início ao segundo verso, quanto a palavra “*abysmo*”, que dá início ao último, começam com iniciais minúsculas.<sup>16</sup>

<sup>14</sup> A palavra “*Anthologia*” já aparecera antecedendo os poemas “*GOMES LEAL*” e “*PRECE*”, publicados respectivamente nos números 20, de 28 de outubro de 1928 e 32, de 20 de janeiro de 1929, em *O Notícias Ilustrado*, podendo configurar assim uma seção do periódico, dedicada a publicar poesia.

<sup>15</sup> A transcrição do soneto XII, em *Mensagem e Poemas Esotéricos*, apresenta um erro em relação às duas versões impressas do poema. Em *Centauro*, o primeiro verso é: “*Ella ia, tranquilla pastorinha*”, com dois “l” nas palavras “*Ella*” e “*tranquilla*”; na versão de *O Notícias Ilustrado* temos: “*Ella ia, tranquila pastorinha*”, com dois “l” apenas no pronome “*Ella*”. No livro coordenado por J. A. Seabra, transcreve-se “*Ela ia, tranquilla pastorinha*”, o que não corresponde a nenhuma das versões impressas do poema (cf. PESSOA, 1993: 132).

<sup>16</sup> Em *Mensagem e Poemas Publicados em Vida*, a informação que acompanha o soneto XII é: “*Imp2 [O Notícias Ilustrado, Lisboa, s. II, n.º 46, 28 Abr. 1929, p.u.]. Neste impresso, os versos que se seguem a outro que não tem ponto final são iniciados com letra minúscula*” (in PESSOA, 2018c: 276) No entanto, como se pode observar na imagem do poema impresso no periódico, há casos como o do segundo quarteto,

Entre os testemunhos originais do décimo segundo soneto do conjunto em questão, destaca-se uma folha manuscrita dos dois lados, escrita a tinta, identificada pela cota [64-23], sem data e sem assinatura. No topo da página, há o título “P da Cruz XII”, riscado logo abaixo, e, na sequência, dois quartetos e dois tercetos que trazem como primeiro verso: “Ella ia, tranquilla boieirinha”<sup>17</sup>, em que a palavra “boieirinha” aparece riscada e substituída por “pastorinha”. No primeiro verso da última estrofe, a palavra “boieirinha” também aparece riscada e, acima dela, a palavra “pastorinha”. Sobre o complexo processo de elaboração do poema, Duarte (in PESSOA, 2018c) apresenta as várias tentativas de reescrita do décimo segundo verso do soneto.

### “Canção” / “Sol nullo dos dias vãos”

“Canção” consta entre os poemas mais publicados em vida por Fernando Pessoa. Como aponta Jerónimo Pizarro, em artigo também publicado na revista *Pessoa Plural*, foram encontrados até o momento cinco testemunhos deste texto: “dois testemunhos datilografados, identificados com as cotas [117-30] e [117-31], e três testemunhos impressos: dois, com título (‘Canção’), encontram-se, respetivamente, na revista *Ilustração Portuguesa*, n.º 832, de Janeiro de 1922, e no livro colectivo *Cancioneiro* (1930); e outro, sem título, está incluído na sequência de ‘Alguns poemas’ da revista *Athena*, n.º 3, de Dezembro de 1924” (PIZARRO, 2017: 430). No mesmo documento, PIZARRO apresenta ainda o manuscrito, até então desconhecido, de “Sol nullo dos dias vãos”, constante no lote 31 da coleção Fernando Távora (2017: 432).

A versão inserida na *Ilustração Portuguesa*, de janeiro de 1922, trazia no cabeçalho uma imagem feminina: “Desenho de *Albert Jourdain*”, conforme indicado em legenda abaixo do nome do poeta. Nesta versão, “nulo” e “ela” (2º verso da segunda estrofe; 2º verso da terceira estrofe) aparecem apenas com um “l”, e no primeiro verso da terceira estrofe, a palavra “dôr”, apresenta acento circunflexo diferentemente da versão que seria impressa na revista *Athena*.

Sem o título que constava na primeira impressão do texto, “Sol nullo dos dias vãos”, foi publicado ainda no conjunto “ALGUNS POEMAS”, no n.º 3 da revista *Athena*, de 1924. Desse conjunto fazem parte: “Sacadura Cabral”, “Gládio”; e no subconjunto “DE UM CANCIONEIRO”, figuram: “No entardecer da terra”; “Ó sino da minha aldeia”; “Leve, breve, suave”; “Pobre velha musica!”; “Dorme enquanto eu vello...”; “Sol nullo dos dias vãos”; “Trila na noite uma flauta. É de algum”; “Põe-me as mãos nos

---

em que o primeiro verso termina sem nenhum sinal de pontuação e o verso seguinte inicia-se em maiúscula: “‘Em longes terras hás de ser rainha’ | Um dia lhe disseram, mas em vão...”; e ainda o primeiro terceto, em que o primeiro verso termina com uma vírgula e o verso seguinte, inicia-se com letra maiúscula: “Deus te dê lyrios em vez desta hora, | E em terras longe do que eu hoje sinto”.

<sup>17</sup> Luiz Fagundes Duarte transcreve “boieirinha”, com três letras “i”; já José Augusto Seabra (1993) transcreve “boeirinha” (in PESSOA, 1993: 132) com duas letras “i”. Ver testemunho [64-23].

hombros...”; “Manhã dos outros! Ó sol que dás confiança”; “Treme em luz a água”; “Dorme sobre o meu seio”; “Ao longe, ao luar”; “Em toda a noite o somno não veio”; e “Ela canta, pobre ceifeira”.

Na *Athena*, o poema apresenta uma proximidade formal e temática com os outros reunidos no mesmo subconjunto. Os quatorze poemas apresentam formas fixas, sendo oito quadras, três sextilhas, dois quintilhas e um heptassílabo. Trata-se, em sua maioria, de poemas de versos curtos, bem cantantes e rimados. Como afirma Manuela Parreira da Silva, em verbete do *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, Pessoa havia planejado em várias listas a publicação de um cancionero.<sup>18</sup> Nas listas que localizou em sua pesquisa, a autora identificou títulos de poemas que se repetiriam. Entre eles, estão textos que foram de fato editados nas páginas da revista lisboeta. Pizarro, por sua vez, relaciona o que possivelmente sejam os últimos planos do *Cancioneiro*. A primeira lista, do lote 31 da coleção Távora, datável de c. 1931-1932, apresenta 50 itens, entre os quais se destacam alguns dos poemas mais publicados em vida: “Gladio”, “Canção de Outomno”, “Sol nullo dos dias vãos”, “O aldeão” e “A ceifeira”. A segunda, [48-39], mais extensa que a anterior, com 82 entradas, inclui “Canção de Outomno”, “Ó sino da minha aldeia” e “Ella canta, pobre ceifeira...”. Como aponta PIZARRO, ainda está por ser conduzido “um estudo mais aprofundado dos planos desse livro de canções”, a partir do qual “poderia um dia surgir uma antologia da poesia ortónima mais próxima dos projectos pessoanos” (2017: 449).

“Canção” seria publicado pela terceira vez no *Cancioneiro do I Salão dos Independentes*, volume dedicado a Cesário Verde, Camilo Pessanha, Ângelo Lima e Mário de Sá-Carneiro. A versão impressa em 1930 traz as seguintes diferenças em relação à versão de *Athena*: “ela” aparece grafado com apenas um “l”, no *Cancioneiro*, enquanto o “nullo” mantém os dois “ll” da versão de 1924. Ora, “desconhecia-se a versão manuscrita que se encontra na coleção Távora e que, para além de indicar o ano de “1920”, tal como o testemunho da *Ilustração Portuguesa*, indica o mês de janeiro. Essa versão também reforça as opções ortográficas do autor, nem sempre adoptadas nas publicações impressas” (PIZARRO, 2017: 430). Neste sentido, o *Cancioneiro* seria “mais propriamente uma antologia representativa dos principais nomes de *Orpheu* e de *Presença*”, como aponta Clara ROCHA (2008: 133). Nele, além dos poemas dos escritores a quem se dedicou o volume e de versos de outros poetas da época, como Almada Negreiros, Casais Monteiro, Adolfo Rocha, António Ferro,

<sup>18</sup> “Num texto em prosa, Pessoa expõe o seu pensamento sobre o *Cancioneiro*, definindo-o como ‘uma coletânea (coleção) de Canções’, sendo uma canção, como escreve, ‘todo aquele poema que contém emoção bastante para que pareça ser feito para se cantar, isto é, para nele existir naturalmente o auxílio, ainda que implícito, da música [...] Por isso se não pode chamar canção a um soneto [...] A canção exclui, portanto, tudo que se não pode cantar. Não se pode cantar o que é longo; não se pode cantar o que é duro; não se pode cantar o que é rígido e formal’” (SILVA, 2008: 132).

José Régio, Fernanda de Castro, publicaram-se: “Addiamento”, de Álvaro de Campos; “O menino da sua mãe”, “Gladio” “Gomes Leal” e “Canção”, de Fernando Pessoa.

“Canção” foi publicado, como já se disse, no *Cancioneiro do I Salão dos Independentes*, que, para além de poemas dos escritores a quem se dedicou o volume, contém versos de outros poetas como José de Almada Negreiros, Adolfo Casais Monteiro, Adolfo Rocha, Alfredo Pedro Guisado, Branquinho da Fonseca, António Ferro, José Régio e Fernanda de Castro. Nesta publicação, surgiram “Addiamento”, de Álvaro de Campos, e, de Fernando Pessoa, “O menino da sua mãe”, “Gladio”, “Gomes Leal” e “Sol nullo dos dias vãos” (sob o título “Canção”).

No espólio pessoano encontram-se dois testemunhos datilografados de “Canção”, cotas [117-30<sup>r</sup>] e [117-31<sup>r</sup>]. O primeiro [117-30<sup>r</sup>] é uma “cópia a químico” do testemunho (PIZARRO, 2017: 430). Verificam-se pequenas diferenças entre os dois documentos, como a ausência de título e a presença de exclamação no quarto verso da primeira estrofe, do primeiro deles [117-30<sup>r</sup>], ou a presença de acento circunflexo nas palavras “calôr”, “dôr” e “fôrça”, no segundo [117-31<sup>r</sup>] (PIZARRO, 2017: 430).

Segundo Fernando Carmino Marques, no artigo “Pierre Hourcade e a descoberta de Fernando Pessoa: novas cartas e outros escritos”, o primeiro tradutor francês da poesia pessoana – Hourcade – teria citado várias vezes o poema “Sol nullo dos dias vãos”, para, assim, comprovar a sua hipótese sobre a existência, na obra poética de Pessoa, de “uma emoção verdadeira, a expressão poética de um momento de consciência mais agudo da sua situação de homem” (MARQUES, 2016: 404).

### “Canção de Outomno” / “No entardecer da terra”

Apenas quatro testemunhos relacionam-se a “Canção de outomno / “No entardecer da terra”: dois impressos encontrados (*Ilustração Portuguesa* e *Athena*) e dois datiloscritos, [117-19<sup>r</sup>] e [117-20<sup>r</sup>].

Impresso pela primeira vez em janeiro de 1922, na *Ilustração Portuguesa*, o poema trazia o título em azul, na mesma cor do desenho de Continelli Telmo que emoldurava o poema de Fernando Pessoa, nesta publicação, antes do nome do poeta ao final, acompanhado da data de “1910”.

Já em *Athena*, o poema surge sem o título presente em [117-20<sup>r</sup>] e na *Ilustração Portuguesa*. Nele, verificam-se, além de algumas mudanças na ortografia e na pontuação, uma importante alteração no terceiro verso da última estrofe, que muda de “E mesmo o que hoje sou”, como consta no testemunho datilografado [117-20<sup>r</sup>], para “E até do que hoje sou”, como se verifica em [117-19<sup>r</sup>], fazendo supor que os datiloscritos tenham sido os originais enviados para publicação na *Ilustração Portuguesa* e em *Athena*.

Os dois testemunhos apresentam alguma distinção: o segundo [117-20<sup>r</sup>] traz o título sublinhado “Canção de outomno”, além de algumas intervenções

manuscritas no terceiro e quarto versos da última estrofe, na qual encontramos a quase totalidade das atualizações do poema.

Ainda acerca do referido poema, é importante destacar os outros destinos possíveis para “Canção de Outomno”, como nos informa Luiz Fagundes Duarte:

*Este poema faz parte de um projeto a lápis, sem título, que se encontra em [48E-40<sup>r</sup>], e de um outro, igualmente sem título, em [48E-45<sup>r</sup>]. Também integrou um projeto intitulado Breviário [48E-25<sup>r</sup>] que teria vinte e sete poemas, embora só estejam identificados dezanove, entre os quais, além deste, se contam os n.ºs 2 e 74. E ainda um projeto para o Livro I. – A Casa Entre as Arvores, de Itinerários [48B-63], e uma lista subordinada ao título Exílio [48B-83].*

(in PESSOA, 2018c: 313, itálicos do original)

### “Prece”

Trata-se do poema mais publicado em vida por Fernando Pessoa. Apareceu pela primeira vez no quarto número da revista *Contemporânea*, em outubro de 1922. Neste local, é o último texto do conjunto intitulado “Mar Portuguez”, composto de: I. O Infante; II. Horizonte; III. Padrão; IV. O Morcego; V. Epitaphio de Bartholomeu Dias; VI. Ironia; VII. Os Descobridores do Occidente; VIII. Dança dos Titans; IX. Ascensão de Vasco da Gama; X. Mar Portuguez; XI. A Ultima Nau; XII. Prece. Note-se que tanto o título dado ao conjunto de poemas, como alguns desses doze textos, viriam a compor, com diferenças às vezes no título, em versos ou na ortografia, o livro *Mensagem*, publicado em 1934.

O poema ainda foi publicado no Brasil, dentro do mesmo conjunto anteriormente apresentado na *Contemporânea*, no jornal carioca *Leitura para Todos*, em junho de 1926 “o que a crítica pessoana tem ignorado”, segundo Arnaldo SARAIVA (2015: 8). SARAIVA adverte, porém, que “Não se sabe quem terá tido a iniciativa dessa publicação, se o seu redator chefe Carlos Magalhães ou algum colaborador lusófilo” (2015: 8). Nesta versão de *Leitura para Todos*, verifica-se no primeiro verso o verbo “vir” vem grafado com “u”: “veiu”, como na versão anterior da *Contemporânea*; mas a palavra “chama”, tem apenas um “m”, diferentemente da versão da revista de 1922: “chamma”.

Três anos mais tarde, em 1929, haveria nova publicação de “Prece”, que apareceria, no entanto, isoladamente, no canto direito inferior, na última coluna da página 7 do Suplemento literário de *O Notícias Ilustrado*, seguido do nome de Fernando Pessoa e da indicação “(Do poema ‘Mar Portuguez’)”. Nesta versão, identificam-se as seguintes alterações em relação às publicações anteriores: “veio”, no primeiro verso da primeira estrofe; o primeiro verso da segunda estrofe, traz a palavra “chamma”, com dois “mm”; segundo verso da segunda estrofe o verbo haver é acentuado “há”; no terceiro verso da segunda estrofe, a palavra “ocultou” é escrita com um “c”, enquanto nas anteriores: “occultou”; no terceiro verso da segunda estrofe, grafa-se “erguê-la”, enquanto nas versões anteriores: “erguel-a”; no

primeiro verso da última estrofe, a palavra “ânsia” é acentuada, e, nas anteriores, não havia acento; o segundo verso da última estrofe termina com um ponto final, enquanto, nas anteriores, havia uma vírgula; o último verso do poema também termina com um ponto final, enquanto nas publicações anteriores, havia um ponto de exclamação.

Em 1933, o poema seria republicado no “Diário nacional-sindicalista da tarde”, *A Revolução* (Ano II – n.º 383, 16 de junho), compondo o mesmo conjunto, “Mar Português”, apresentado em 1922, na revista *Contemporânea*, e em 1926, em *Leitura para Todos*. Nesta versão, notam-se muitas semelhanças com a versão da *Contemporânea*; no entanto, no terceiro verso da segunda estrofe, a palavra “ocultou” é escrita apenas com um “c”, como na versão publicada em *O Notícias Ilustrado*; e a palavra “chama”, com apenas um “m”, em *Revolução*. Sobre a republicação do conjunto, veja-se um artigo recente de Rodrigo XAVIER (2020).<sup>19</sup>

No ano seguinte, o texto foi publicado em *Mensagem*, livro composto por 44 poemas, dividido em 3 partes e publicado em 1 de dezembro de 1934. Na versão da *Mensagem*, existem apenas as seguintes alterações em relação à *Contemporânea*: “veio”, com “o”, no primeiro verso da primeira estrofe; e a “saüdade”, que é grafada com trema; mas a palavra “chamma”, tem dois “mm”, como na primeira impressão.

Por fim, a última publicação do poema em vida de Pessoa foi no Suplemento literário do *Diário de Lisboa*, em 14 de dezembro de 1934, dentro de um novo conjunto, sob esta indicação: “Do livro ‘MENSAGEM’ de Fernando Pessoa transcrevem-se 3 poemas com 3 ilustrações inéditas de *Almada*” (FERREIRA, 2008: 220). Esses poemas foram: 1. “O infante”; 2. “O Monstrengo”; e 3. “Prece”. Nesta versão do poema, “veio” figura com “o”, no primeiro verso da primeira estrofe.

Dois manuscritos compõem também o conjunto de testemunhos de “Prece”. O primeiro deles, [59-9a<sup>r</sup>] é um manuscrito a lápis que apresenta algumas correções e a data, “31-12-1921”, localizada ao final da folha e separada do último verso por um traço. No topo, acima do título, que aparece sublinhado, há a informação “Mensagem (variante)” que terá sido anotada por Maria Aliete Galhoz (cf. PESSOA, 2018c: 325). Essa versão muda, em relação ao manuscrito a tinta azul [121-5<sup>r</sup>], os versos “Se ainda ha vida ainda não é finda” e “O frio morto em cinzas a ocultou”.

O segundo testemunho, [121-5<sup>r</sup>], traz o poema atravessando transversalmente a pauta da folha em que foi anotado. Os versos estão escritos sem que haja qualquer correção ou intervenção do poeta e destaca-se, ainda, a presença de duas datas também manuscritas: 31-12-1921 e 1-1-1922.

No verso da folha em que se encontra o poema, [121-5<sup>v</sup>], há ainda uma lista manuscrita a tinta azul com o projeto para a publicação do conjunto “Mar portuguez”. Nesta lista, também organizada transversalmente na folha, há a enumeração de dez

<sup>19</sup> Nesse artigo, Xavier assinala a contribuição de Arnaldo Saraiva para a recuperação do percurso de publicação de Fernando Pessoa no Brasil, por exemplo em *A Entrada de Fernando Pessoa no Brasil* (2015) e em entrevista para a revista brasileira *Gláuks – Revista de Letras e Artes* (2016) (cf. XAVIER, 2020: 545).



itens, mas apenas nove deles apresentam título: “1. Invocação ao Infante; 2. Padrão; 3. O Capitão; 4. O Contramestre; 5. Dança dos Titans; 6. Epitaphio de Vasco da Gama; 7. O Morcego; 8. Prece; e 9. A Última Nau; 10.”. E escrita a lápis, perpendicularmente posicionada, há ainda outra lista, com itens afins, mas com outra sequência.

### “Gladio” / “D. Fernando, infante de Portugal”

“Gladio”<sup>20</sup> é o título de um dos poemas mais publicados em vida por Pessoa, tendo sido divulgado na revista *Athena*, em 1924, no *Cancioneiro* de 1930, e, com o título de “D. Fernando, Infante de Portugal”, em *Mensagem*, em 1934. No entanto, sua primeira impressão ocorreria no número 3 da revista *Orpheu*, cujas “Provas de Página”,<sup>21</sup> de 1917, viriam a ser publicadas somente em 1953.

O segundo testemunho impresso deste poema foi publicado no número 3 da *Athena*, correspondente a dezembro de 1924. Mantendo a dedicatória a Alberto da Cunha Dias, que já constava das “Provas de Página” de *Orpheu* 3, o título que aparece no sumário do periódico, e que antecede o conjunto dos versos pessoanos, é “ALGUNS POEMAS”, no qual ainda se inserem “Sacadura Cabral”<sup>22</sup> e outros poemas.

<sup>20</sup> Em artigo intitulado “*Portugal*, o primeiro aviso de *Mensagem*”, os autores afirmam que Fernando Pessoa, em suas descrições do livro *Portugal*, afirmava que esse seria um “esboço épico” e um “poema em 6 cantos [48E-6r]”, e que “pelo menos em 1914 [Pessoa] terá hesitado entre os títulos Portugal e Gládio [66C-30r]” (cf. BARBOSA; PIZARRO; PITTELA; SOUSA, 2020: 82). Portanto, é de se destacar que “Gladio” chegou a ser cogitado por Pessoa para intitular tal projeto, como apontam os pesquisadores.

<sup>21</sup> Na edição de *Os objectos de Fernando Pessoa* (PIZARRO; FERRARI; CARDIELLO, 2013: 228), são apresentadas, em detalhes, as descrições das provas mencionadas. “Gladio e Além Deus, poemas de Fernando Pessoa” é um contributo duplo que figura nessas provas, nas pp. 183-188. Consulte-se a edição fac-similada e numerada da revista que, nos cem anos de *Orpheu*, em 2015, a Tinta-da-china publicou, ou a página web de *Revista de Ideias e Cultura* (<http://ric.slhi.pt>) onde se encontram *Orpheu*, n.º 1, *Orpheu* n.º 2 e *Orpheu* n.º 3, para além de outras revistas. Os poemas foram revelados postumamente em 1953, em *Poemas Inéditos: destinados ao n.º 3 do Orpheu* (1953).

<sup>22</sup> “Sacadura Cabral” é o título do poema de Pessoa que homenageia o famoso Oficial da Armada portuguesa que foi responsável por realizar em 1922, ao lado de Gago Coutinho, a travessia aérea do Atlântico Norte, que saíra de Portugal com destino ao Brasil em comemoração ao centenário de independência da antiga colônia portuguesa. Segundo António Quadros e Dalila Pereira da Costa, “Juntamente com *Gládio*, que na *Mensagem* se tornaria o poema *D. Fernando, Infante de Portugal*, este poema sobre o aviador Sacadura Cabral foi publicado na revista *Athena*, vol. I, n. 3, Dezembro de 1924. Tudo leva a crer, pelo estilo e pela natureza desta poesia dedicada a um herói português moderno, que Pessoa pensou em integrá-lo na *Mensagem*, tendo desistido talvez, ou por não ter achado o tema e a figura à altura dos heróis-arquétipos, ou por no livro não quadrar um herói moderno” (PESSOA, 1986: 1170). Esta hipótese de Quadros e Costa, que nos foi apresentada pelo pesquisador Marcelo Alves da Silva, parece derivar do fato de “Sacadura Cabral” vir publicado em *Athena* antes de “Gladio”, e por estar formalmente separado dos outros poemas do ortônimo que figuram na mesma publicação, mas que são antecidos pelo subtítulo “DE UM CANCIONEIRO”. A leitura do poema evidencia o tema do desaparecimento do aviador, que ocorrera ao sobrevoar o

“Gladio” foi impresso ainda no *Cancioneiro do I Salão dos Independentes*, volume considerado por Fernando J. B. MARTINHO como “a primeira tentativa de antologiar produções de autores pertencentes, dentro de um conceito alargado, à família modernista” (2013: 284). Os textos encontram-se dispostos em duas colunas no referido suporte e o poema em questão tem a primeira estrofe (p. 21) inserida logo abaixo de “O menino da sua mãe”; sua continuação, na página seguinte, aparece acima de “Gomes Leal”, também de Fernando Pessoa.

O poema foi ainda publicado com o título “D. Fernando, Infante de Portugal”, na primeira das três partes (“Brasão”, “Mar português” e “O Encoberto”) em que se divide o livro *Mensagem*. “D. Fernando” aparece como a “segunda” das cinco Quinas do emblema heráldico: Primeira: “D. Duarte”; Segunda: “D. Fernando, infante de Portugal”; Terceira: “D. Pedro, regente de Portugal”; Quarta: “D. João, infante de Portugal”; Quinta: “D. Sebastião, rei de Portugal” (“Brasão” tem cinco partes: “I. Os campos”; “II. Os castelos”; “III. As quinas”; “IV. A coroa”; “V. O timbre”). A origem de “D. Fernando, Infante de Portugal” remonta ao poema “Gladio”, considerado por grande parte da crítica como o texto mais antigo na gênese da *Mensagem*: “Originariamente de sentido subjetivo, a composição ‘Gládio’ destinava-se a um livro que teria por título este mesmo vocábulo bíblico. [...] Só muito mais tarde, em 1934, esta mesma poesia, ligeiramente alterada, viria a ser convertida na composição que na *Mensagem* é a seguinte quina – *D. Fernando, Infante de Portugal*” (SIMÕES, 1971: 630-631).

Além dos impressos citados anteriormente, a gênese de “Gladio” e, conseqüentemente, da *Mensagem*, é geralmente associada a um testemunho manuscrito [57-40<sup>v</sup>] datado de 21-7-1913, e entendido por José Augusto Seabra como o “poema germinal da *Mensagem*” (in PESSOA, 1993: 198).

Entretanto, segundo os autores do artigo “*Portugal*, o primeiro aviso de *Mensagem*”, publicado recentemente na revista *Pessoa Plural*, o manuscrito “Deus fez de mim seu gladio e a sua lyra”, que faria parte do conjunto de textos e fragmentos que comporiam *Portugal*, é que deveria ser tomado como o testemunho mais antigo ou germinal (BARBOSA *et al.*, 2020: 77). Elaborado em oito versos decassílabos, em evidente aproximação com “a oitava rima camoniana” (BARBOSA *et al.*, 2020: 79), o texto trata o tema do poeta “escolhido”, ungido por Deus, e que nas mãos tem a sua “lyra” (BARBOSA *et al.*, 2020: 81). Este poema é próximo ainda de outro, também apresentado recentemente: “Deus fez de mim seu gladio... Luctarei” [11<sup>7</sup> EN/P-3<sup>r</sup>]. Ambos os poemas podem ser considerados como rascunhos materiais de “Gladio” e de *Mensagem*, e indícios de que a gênese do livro publicado em 1934 remontaria a 1910 e não a 1913, pois: “mesmo que o tom mude de 1910 para 1913, [...] é de 1910 a

---

Canal da Mancha um mês antes da terceira edição da revista lisboeta, podendo configurar-se assim como algo circunstancial, relacionado ao falecimento do aviador em novembro de 1924.

imagem seminal de um Poeta-Encoberto sagrado com um Gládio” (BARBOSA *et al.*, 2020: 81-82).

De 1915, há um testemunho datilografado intitulado “Gladio”, identificado com a cota [57A-31]. Tem esse título, mas o poema é diferente dos outros testemunhos que compartilham o mesmo nome, embora mantenha o mesmo tema predominante: a imagem do poeta escolhido (cf. BARBOSA *et al.*, 2020). Sobre essa distinção, João Dionísio, em fala no Congresso Internacional Fernando Pessoa 2021 intitulada “Gêneses de *Mensagem*”, assinala, ao comparar os testemunhos [42-37<sup>v</sup>] e [57A-31], como os títulos podem ser compreendidos como “móveis”.

De resto, existe um fragmento de papel datilografado que tem como *incipit* “Gladio, por que eu faça guerra”, identificado pela cota [93-32<sup>v</sup>]. No rosto do documento figura uma menção a “John Asgill (E. Brit) e seu panfleto sobre a morte”. Trata-se de John Asgill (1659-1738), escritor e político inglês, que em 1706 publicou o texto *Death and Burial*, um conjunto de poemas que versam sobre questões em torno da morte, da imortalidade da alma, de Deus e o diabo, do céu e o inferno.

Há ainda dois testemunhos datados de 1930: [121-1] e [121-2]. O primeiro está dedicado ao advogado, escritor e jornalista Alberto da Cunha Dias, e tem como identificação a cota. Um não traz a assinatura de Fernando Pessoa ao final da página e verificam-se algumas diferenças no uso das maiúsculas e minúsculas em algumas palavras.

Por fim, o último testemunho do poema “D. Fernando, Infante de Portugal”, anterior ao impresso em *Mensagem*, encontra-se num conjunto documental, [146], antecedente do livro de 1934. Este conjunto possui o título “Portugal”, riscado e substituído pelo título *Mensagem*, a lápis. Trata-se de um corpus completo, com notas manuscritas para tipografia, que inclui folha de rosto e índice autógrafo a tinta preta, com a mesma tinta da numeração das páginas.

### “O menino da sua mãe”

“O menino da sua mãe” está entre os poemas mais conhecidos de Fernando Pessoa. Como aponta Luiz Fagundes Duarte (in PESSOA, 2018c: 345), não há conhecimento de manuscritos autógrafos relacionados à gênese desse texto, publicado em maio de 1926 na revista *Contemporânea*, em novembro de 1928 n’*O Notícias Ilustrado* e, em 1930, no *Cancioneiro do I Salão dos Independentes*.

A partir da comparação dos testemunhos impressos, observam-se algumas alterações nas versões apresentadas ao público em vida do escritor. Dentre elas, destacam-se mudanças na pontuação, na ortografia e no uso de alguns sinais. Da primeira para a segunda versão verificam-se as maiores modificações: o uso de dois travessões no terceiro verso da primeira estrofe, em *O Notícias Ilustrado*; exclusão dos parênteses no segundo verso, da terceira estrofe do poema publicado no jornal; ortografia mais arcaizante no testemunho de 1926, em que de “extendidos”, na

*Contemporânea* e também no *Notícias Ilustrado*, passa-se a “estendidos”, na versão do *Salão dos Independentes*; para “Tam jovem!”, na *Contemporânea* e no *Notícias*, para “Tão jovem!”, no *Cancioneiro*; de “idade” para “idade”; de “Cahiu-lhe” para “Caiu-lhe”; de “creada”, em 1926, a “criada”; bem como alterações no uso de pontos, vírgulas e reticências, como se pode perceber pela comparação entre os impressos; a palavra “collo”, quinto verso, da quinta estrofe, aparece grafada com dois “ll”, na *Contemporânea* e com um “l” em *O Notícias Ilustrado*; “ha”, na *Contemporânea*, “há”, acentuado, nas versões de 1928 e 1930; no terceiro verso na sexta estrofe, a palavra “Imperio”, aparece sem acento em 1926 e 1928, e acentuado, “há”, no suporte de 1930; “Dera-lh’a a” para “Dera-lhe a”, no *Cancioneiro do I Salão dos Independentes*; além de “ele”, com dois “ll”, em 1926, para “ele”, com apenas uma letra “l”, tanto em *O Notícias* quanto no *Cancioneiro*.

Maria Aliete Galhoz anota na *Obra Poética* que “Este poema contou o próprio A. [Autor] que foi inspirado numa litografia que viu numa pensão onde fora jantar, com um amigo [cf. Carlos Queirós, *Homenagem a Fernando Pessoa*]” (PESSOA, 2005: 745)<sup>23</sup>. Galhoz faz referência à publicação do poema na revista *Contemporânea* e em *O Notícias Ilustrado*, entretanto, não menciona a publicação de “O menino da sua mãe” no *Cancioneiro do I Salão dos Independentes*, de 1930 (cf. PESSOA, 2005: 745).

Jorge de Sena, em carta de 1944 escrita ao Pessoa “depois de morto”, aproxima o poema de outros textos da produção pessoana: “O D. Sebastião da *Mensagem* parece-se tão extraordinariamente com o Menino Jesus do ‘Guardador de Rebanhos’ (‘era o deus que faltava’...), que quase se suspeita da objetividade de ‘O menino da sua mãe’! É essa a fonte do espantoso vácuo que o cercava, meu Amigo: o vácuo da Terra, da qual o Sol se levanta, mas da qual não nasce!...” (SENA, 2000: 21).

Como apontámos acima, este é um dos mais conhecidos e analisados poemas de Fernando Pessoa, para o que as três publicações reportadas muito contribuíram. No entanto, a crítica muitas vezes tem buscando compreendê-lo pela chave biografista de João Gaspar Simões, como nos alerta António Sousa Ribeiro:

Many current readings of this poem – under the influence of the interpretation by João Gaspar Simões in his Pessoa biography, originally published in 1954 (SIMÕES, 1981) – tend to disregard the framework of war, leaning towards a private-existential, biographist interpretation based on the personal grief due to the loss of a mother who had “betrayed” the poet as a young child. “O menino da sua mãe”, Simões bluntly states, is none other than Pessoa himself (SIMÕES, 1981: 46).<sup>24</sup>

(RIBEIRO, 2017: 12)

<sup>23</sup> Na referida *Homenagem* de Carlos QUEIRÓS, lê-se: “O poemeto que passo a ler, foi inspirado, segundo êle próprio me contou, numa litografia que viu numa pensão, onde, uma vez, jantou com um amigo. Está publicado no n.º I da 3.ª série da revista ‘Contemporânea’, com o título ‘O menino da sua mãe’, e é esta obra prima de visualidade poética e de impressionante poder dramático” (1936: 16).

<sup>24</sup> Em seu artigo, RIBEIRO (2017) informa que a primeira edição de *Vida e obra de Fernando Pessoa*, de João Gaspar Simões, seria de 1954. No entanto, a primeira edição do livro de Simões é de 1950.

Além das apreciações derivadas da mencionada abordagem realizada por Gaspar Simões na biografia de Pessoa, muitas outras leituras propõem aproximações entre o texto pessoano e produções de outros escritores. É o caso, por exemplo, da relação proposta por Clara Rocha entre “O menino da sua mãe” e “Le Dormeur du val”, de Arthur Rimbaud (ROCHA, 1985: 306-308). Por sua vez, Ana Isabel BOURA, no estudo “Morto em combate: a figura do soldado em *Legende vom toten Soldaten*, de Bertolt Brecht, e *O menino da sua mãe*, de Fernando Pessoa” (2014), propõe a aproximação entre o poema de Pessoa e um de Brecht. Em “World War I: Europe, Africa and ‘O menino da sua mãe’”, George Monteiro afirma que a poesia ocidental sobre a guerra seria derivada da *Iliada*, de Homero.<sup>25</sup> Em seu artigo, Monteiro menciona o levantamento realizado por Rudolf Lind sobre os poemas de oposição à guerra que teriam sido elaborados por Pessoa nos anos da I Grande Guerra:

Georg Rudolf Lind identified and analyzed Pessoa’s small cache of antiwar poems written during World War I. Pessoa wrote wartime poems he attributed to the heteronyms Ricardo Reis, Alberto Caeiro, and Alvaro de Campos (“Ode marcial” [“Martial Ode”]). He also wrote “Salute to the Sun’s Entry into Aries,” “Tomamos a vila depois de um intenso bombardeamento” (“We Took the Town after Heavy Bombardment”), and “O Menino da sua mãe,” poems he attributed not to heteronyms but to his orthonymic self.

(MONTEIRO, 2015: 51)

Em sua análise, Monteiro aponta para a aproximação entre o poema estudado e os versos do soldado-poeta, Rupert Brooke, considerando “O menino da sua mãe” como uma provável resposta do escritor português à sentimentalidade (MONTEIRO, 2015) da poesia do jovem inglês morto em abril de 1915.

### “Addiamento”

Dentre os dez poemas elencados neste artigo, apenas um é atribuído a um heterônimo pessoano, “Addiamento”, assinado por Álvaro de Campos. Publicado na *Revista da Solução Editora*, no número 1, de 1929, sairia ainda no *Cancioneiro do I Salão dos Independentes*, em 1930, em “cópia exata” (in PESSOA, 2015: 636) à da primeira impressão.

Dentro do espólio do escritor, na Biblioteca Nacional, consta um testemunho datilografado a tinta azul [70-39], com indicação da data, “14/04/1928”, e a assinatura de “Alvaro de Campos”.

<sup>25</sup> “The Greek poet’s grand poem about the ways of warfare and the heroism of warriors stands as the beginning design and, in my opinion, remains the benchmark for all that has followed. Not unexpectedly, Homer’s work has had several major English-language translations. [...]. It was Chapman’s Homer that John Keats first read and then celebrated in the equally well-regarded sonnet “On First Reading into Chapman’s Homer” (MONTEIRO, 2015: 48) Sobre o poema de Keats, Monteiro apresenta página do exemplar da Biblioteca particular de Fernando Pessoa, em que aparece a anotação manuscrita: “very good” (MONTEIRO, 2015: 50).

Em 2017, a edição de outono da revista *Pessoa Plural* foi dedicada à “Coleção Fernando Távora”, “um dos principais colecionadores dos manuscritos e impressos do escritor [Pessoa]” (VASCONCELOS, 2017: 2; sobre tal acervo, ver PIZARRO, 2017; e VIZCAÍNO, 2017). Nesta coleção foram localizados manuscritos até então desconhecidos, incluindo cartas e poemas de Fernando Pessoa, Mário de Sá-Carneiro, Raul Leal e Alfredo Pedro Guisado, entre outros. Num artigo do *special issue*, intitulado “Álvaro de Campos: dois poemas na Coleção Fernando Távora”, Filipa de Freitas destaca a presença de uma cópia de “Addiamento”:

O testemunho encontrado na coleção Fernando Távora (Anexo III) é, pelas suas características materiais, uma cópia em papel químico do testemunho dactilografado do espólio de Pessoa (Anexo II). Salienta-se, no entanto, uma ligeira diferença entre os testemunhos: a primeira tem a data riscada, a tinta preta, desconhecendo-se se esta intervenção manuscrita foi feita por Pessoa ou por um contemporâneo a quem pertencera a cópia, embora Fernando Távora sugira que se trata provavelmente de uma alteração feita por Pessoa. A propósito da aquisição deste dactiloscrito e do seu possível percurso, o arquitecto Fernando Távora deixou uma longa nota (Figs. 1 a 6)

(FREITAS, 2017: 490)

### “Gomes Leal”

Este soneto de Fernando Pessoa foi escrito em homenagem ao poeta lisboeta António Duarte Gomes LEAL, autor do livro *Claridades do Sul* (1875). O poema foi publicado em *O Notícias Ilustrado*, em 28 de outubro de 1928. Os versos, todos em itálico, foram publicados na coluna central da folha do jornal e traziam o título em caixa alta.

O soneto ainda foi publicado no *Cancioneiro do I Salão dos Independentes*<sup>26</sup>, em 1930. Nele, o poema apresentava, além de alterações na pontuação, uma mudança importante na ortografia que, de mais arcaizante na edição de 1928, passaria a mais moderna, em 1930, como, por exemplo, nos termos “trez aneis”, “fataes”, “Apollo”, “afflicto”, “cinctura”, “triplice” e “algida”, sem acento, em *O Notícias Ilustrado*, que passaram a figurar como “três anéis”, “fatais”, “Apolo”, “aflito”, “cintura”, “tríplice” e “álgida” no *Cancioneiro*. Em relação à pontuação, o terceiro verso da primeira estrofe termina com reticências, na versão do *Notícias* e com ponto final, no *Cancioneiro*. Mas a maior mudança ocorreria no segundo verso da primeira estrofe, em que o substantivo “amargura” seria substituído por “tristeza” nesta publicação de 1930.<sup>27</sup>

<sup>26</sup> Por lapso, Jorge URIBE, no artigo “Em vida de Fernando Pessoa – Lista de publicações – 1912-1935” (2020), aponta para a publicação do poema “Gomes Leal” apenas em *O Notícias Ilustrado*, deixando de relacionar a publicação do soneto no *Cancioneiro do I Salão dos Independentes*, de 1930.

<sup>27</sup> No volume *Os Inéditos de Fernando Pessoa e os Critérios do Dr. Gaspar Simões*, Jorge Nemésio, em comentário ao teor do questionamento de Simões e à resposta de Pessoa a uma carta, afirma: “As enormes capacidades expressivas de Pessoa, que lhe permitiam sentir-se à vontade tanto em pequenas como em grandes composições, mostram a mesma íntima espontaneidade tanto para umas

Na gênese do soneto que homenageia Leal<sup>28</sup>, encontra-se um manuscrito, [118-45<sup>r</sup>], bastante corrigido, que apresenta em seu topo alguns versos riscados ladeados pela data “27-1-1924”, entre parênteses. Abaixo dos versos descartados na folha, separada por um traço, há a elaboração dos quatorze versos do poema. Ao lado deles, há o título “Gomes Leal”.

Além desse testemunho datado, há um datiloscrito identificado pela cota [66D-18<sup>r</sup>], sem nenhuma intervenção manuscrita, que traz o título em caixa alta, sublinhado, e contém, depois do poema, o nome de Fernando Pessoa.

Leal é conhecido pela crítica como um dos precursores do modernismo em Portugal e é a associação de sua poesia com o mito fáustico<sup>29</sup> que tem levado estudiosos a apontarem para o diálogo entre a obra deste escritor e o *Fausto* pessoano:

Também data de 1907 uma das edições do *Fausto* de Goethe na biblioteca pessoana, em tradução francesa, havendo outro volume mais antigo, de 1867, com a tradução inglesa de Anster (os demais volumes pertinentes são de publicação posterior). Ainda, segundo um diário de leituras do poeta [28A-1<sup>r</sup>], foi precisamente em 8 de Maio de 1907 que Pessoa leu *Claridades do Sul* de Gomes Leal, livro que contém o poema “Fausto e Mephistopheles”.

(in PESSOA, 2018b: 24)

Para concluir, é bom lembrar que em carta a João Gaspar Simões, datada de 26 de outubro de 1930, Fernando Pessoa aproxima a temática de “O último sortilégio” à de outros poemas, dentre eles “Gomes Leal”:

Causou-lhe estranheza, talvez, o assunto. Isso, porém, procede de v. desconhecer outros poemas meus, inéditos, do mesmo género. Tenho um, incompleto, *Lucifer*, que vai muito além deste na mesma direcção; e esse é já antigo. A mesma nuvem paira sobre os cinco poemas a cujo conjunto chamei *Além-Deus*, e que escrevi há ainda mais tempo; são cinco pequenos poemas, completos, e estiveram para ser publicados (chegaram a ser impressos) num *Orpheu* 3 que foi frustrado de cima. E, além destes, há ainda outros poemas, incluindo um soneto sobre o Gomes Leal, que deve conhecer, pelo menos da *Antologia do Salão de Outono*.

(PESSOA, 1957: 52)

---

como para outras. J. G. S., porém, parece entender que só as ‘grandes’ podem ser obras primas. Enfim, que lhe havemos de fazer?” (NEMÉSIO, 1957: 26).

<sup>28</sup> Há ainda no espólio pessoano um poema datado de 1909 em homenagem “ao poeta e crítico literário Gomes Leal (1848-1921), censurando-o por se tornar um crente católico” (in PESSOA, 2013a: 313) assinado pelo autor fictício Joaquim Moura-Costa: “Colaborador previsto dos jornais *O Phosphoro* e *O Iconoclasta*” (PESSOA, 2013a: 313). Cf. (LOPES, 1990: II, 215).

<sup>29</sup> Uma das “primeiras lições” de *Como Fernando Pessoa pode mudar a sua vida* é “Como homenagear Goethe”, na qual se indica que Pessoa, em 1932, ano do centenário da morte de Goethe, procurou homenagear o autor de *Fausto*, a convite de Carlos Osório de Oliveira: “O artigo, como tantos planos pessoanos, nunca foi terminado [...]; ficaram apenas rascunhos da homenagem, que não deixou de ser homenagem, se o que vale é a intenção” (PITTELLA; PIZARRO, 2016: 139).

## I. Poemas publicados em vida

## 1. "O Aldeão" / "Ó sino da minha aldeia"

## a. A Renascença

c. 02-1914



Fig. 1a. A Renascença, n.º 1, 1914.



	Ó sino da minha aldeia, Dolente na tarde calma, Cada tua badalada Sôa dentro da minh'alma. <sup>1</sup>		
5	E é tão lento o teu soar, Tão como triste da vida, Que já a primeira pancada Tem um som de repetida.	10	Por mais que tanjas perto, Quando passo triste <sup>2</sup> e errante, És para mim como um sonho - Sôas-me sempre distante.... <sup>3</sup>
		15	A cada pancada tua, Vibrante no céu aberto, Sinto mais longe o passado, Sinto a saudade mais perto.

## NOTAS

- <sup>1</sup> minha'alma. ] grafado de forma diferente na revista Athena.  
<sup>2</sup> triste ] não assim na revista Athena.  
<sup>3</sup> Reticências utilizadas, diferindo do publicado na revista Athena.

**b. Athena**

c. 12-1924

	Ó sino da minha aldeia, Dolente na tarde calma, Cada tua badalada Soa dentro da minha alma.		
5	E é tam lento o teu soar, Tam como triste da vida, Que já a primeira pancada Tem o som de repetida.		
10	Por mais que tanjas perto, Quando passo, sempre errante, És para mim como um sonho, Soas-me na alma distante.		
15	A cada pancada tua, Vibrante no céu aberto, Sinto mais longe o passado, Sinto a saudade mais perto.		

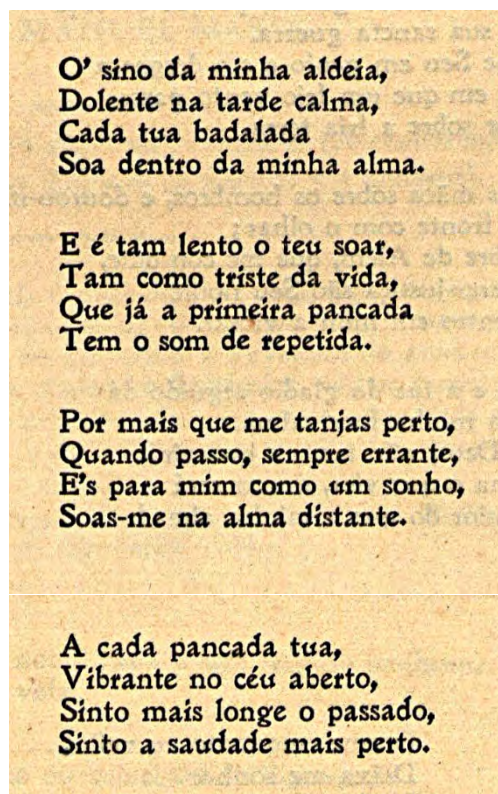


Fig. 1b. Athena, n.º 4, 1924.

## 2. "A Ceifeira" / "Ella canta pobre ceifeira"

## a. Terra Nossa

c. 09-1916

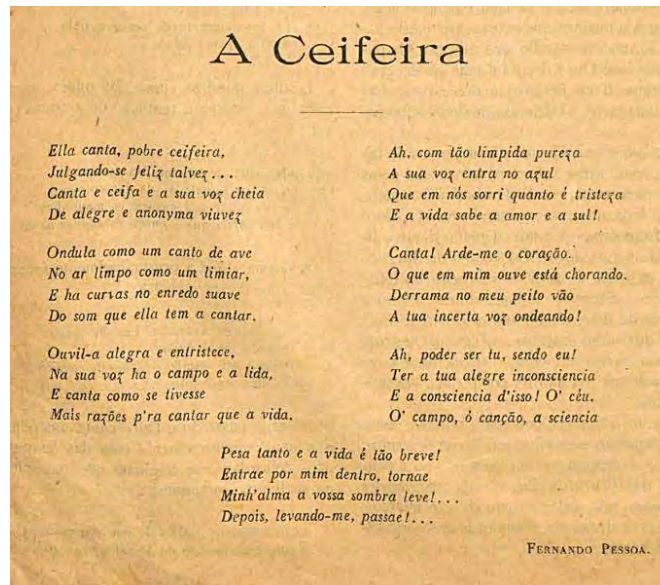


Fig. 2a. Terra Nossa, n.º 3, 1916.

## A Ceifeira

	Ella canta, pobre ceifeira, Julgando-se feliz talvez...		Ah, como tão limpida pureza A sua voz entra no azul
	Canta e ceifa e a sua voz cheia De alegre e anonyma viuvez	15	Que em nós sorri quanto é tristeza E a vida sabe a amor e a sul!
5	Ondula como um canto de ave No ar limpo como um limiar, E ha curvas no enredo suave Do som que ella tem a cantar.	20	Canta! Arde-me o coração. O que em mim ouve está chorando. Derrama no meu peito vão A tua incerta voz ondeando!
10	Ouvil-a alegre e entristece, Na sua voz ha o campo e a lida, E canta como se tivesse Mais razões p'ra cantar que a vida.		Ah, poder ser tu, sendo eu! Ter a tua alegre inconsciencia E a consciencia d'isso! Ó céu. Ó campo, ó canção, a sciencia
	25	Pesa tanto e a vida é tão breve! Entrae por mim dentro, torna Minh'alma a vossa sombra leve!... Depois, levando-me, passae!...	

FERNANDO PESSOA

**b. Athena**

c. 12-1924

Ella canta, pobre ceifeira,  
 Julgando se feliz talvez;  
 Canta, e ceifa, e a sua voz, cheia  
 De alegre e anonyma viuvez,

5 Ondula como um canto de ave  
 No ar limpo como um limiar,  
 E ha curvas no enredo suave  
 Do som que ella tem a cantar.

Ouvil-a alegre e entristece,  
 10 Na sua voz ha o campo e a lida,  
 E canta como se tivesse  
 Mais razões pr'a cantar que a vida.

Ah, canta, canta sem razão!  
 O que em mim sente stá<sup>1</sup> pensando.  
 15 Derrama no meu coração  
 A tua incerta voz ondeando!

Ah, poder ser tu, sendo eu!  
 Ter a tua alegre inconsciencia,  
 E a consciencia d'isso! Ó<sup>2</sup> céu!  
 20 Ó<sup>3</sup> campo! ó canção! A sciencia

Pesa tanto e a vida é tam breve!  
 Entrae por mim dentro! Tornae  
 Minha alma a vossa sombra leve!  
 Depois, levando-me, passae!

FERNANDO PESSOA

**MATERIAIS**

Última folha impressa da revista Athena. Exemplar sem marginalia. Cf. <https://doi.org/10.7301/Z0445JZR> (p. 71; em artigo de ARAUJO e GAGLIARDI, 2015).

**NOTAS**

- 1 [e]stá
- 2 O' ] por questões tipográficas, com apóstrofo e não com acento agudo.
- 3 O' ] ver a nota anterior.

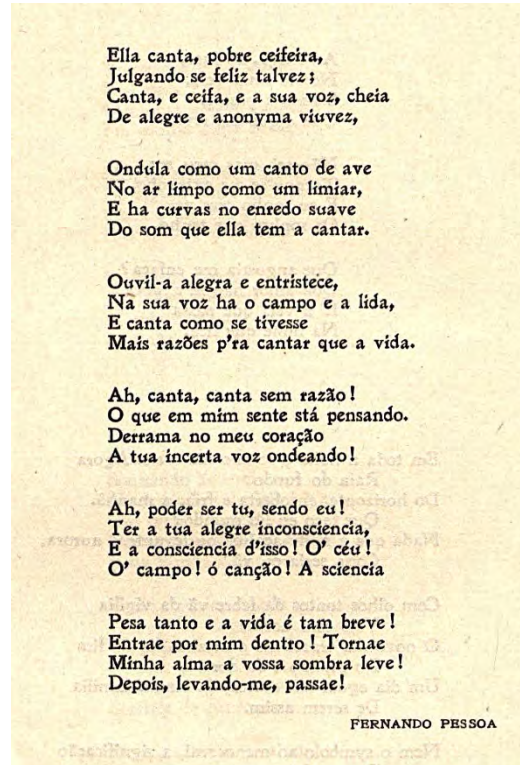


Fig. 2b. Athena, nº 3, 1924.

## 3. "Passos da Cruz – XII"

## a. Centauro

c. Out.-Nov.-Dez.-1916

## XII

- Ella ia, tranquila pastorinha,  
Pela estrada da minha imperfeição.  
Seguia-a, como um gesto de perdão,  
O seu rebanho, a saudade minha...
- 5 "Em longes terras hás de ser rainha"  
Um dia lhe disseram, mas em vão...  
Seu vulto perde-se na escuridão...  
Só sua sombra ante meus pés caminha...
- 10 Deus te dê lyrios em vez desta hora,  
E em terras longe do que eu hoje sinto  
Serás, rainha não, mas só pastora —  
Só sempre a mesma pastorinha a ir,  
E eu serei teu regresso, esse indistincto  
Abysmo entre o meu sonho e meu porvir...

## b. O Notícias Ilustrado

c. 04-1929

## PASSOS DA CRUZ

## XII

*Ella ia, tranquila pastorinha,  
Pela estrada da minha imperfeição.  
Seguia-a, como um gesto de perdão,  
O seu rebanho, a saudade minha...*

*"Em longes terras hás de ser rainha"  
Um dia lhe disseram, mas em vão...  
Seu vulto perde-se na escuridão...  
Só sua sombra a ante meus pés caminha...*

*Deus te dê lyrios em vez desta hora,  
E em terras longe do que eu hoje sinto  
serás, rainha não, mas só pastora —*

*Só sempre a mesma pastorinha a ir,  
e eu serei teu regresso, esse indistincto  
abysmo entre o meu sonho e meu porvir...*

FERNANDO PESSOA

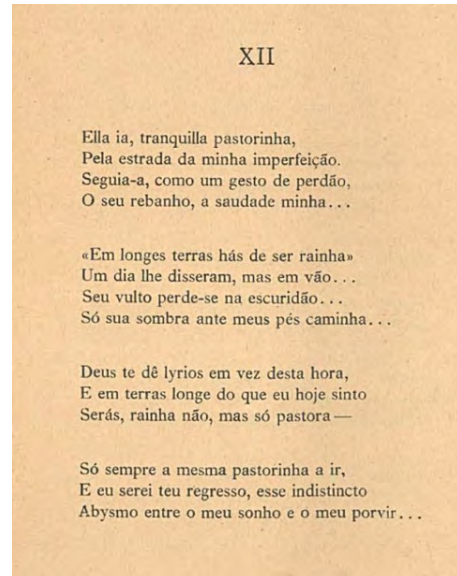


Fig. 3a. Centauro, 1916.

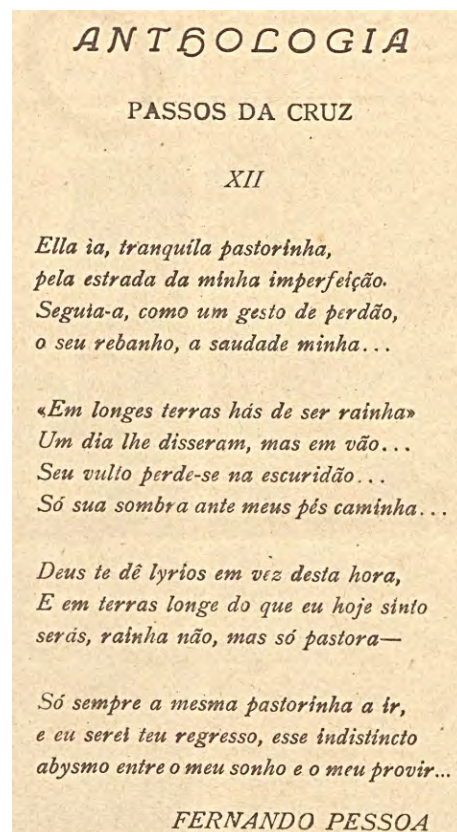


Fig. 3b. O Notícias Ilustrado, 1929.

#### 4. “Canção” / “Sol nullo dos dias vãos”

##### a. Ilustração Portuguesa

c. 01-1922

### CANÇÃO

Sol nullo dos dias vãos,  
 Cheios de lida e de calma,  
 Aquece ao menos as mãos  
 A quem não entras na alma!

5 Que ao menos a mão, roçando  
 A mão que por ela passe,  
 Com externo calor brando  
 O frio da alma disfarce!

10 Senhor, já que a dôr é nossa  
 E a fraqueza que ela tem,  
 Dá-nos ao menos a força  
 De a não mostrar a ninguém!

1920 FERNANDO PESSOA

*Desenho de Albert Jourdain*

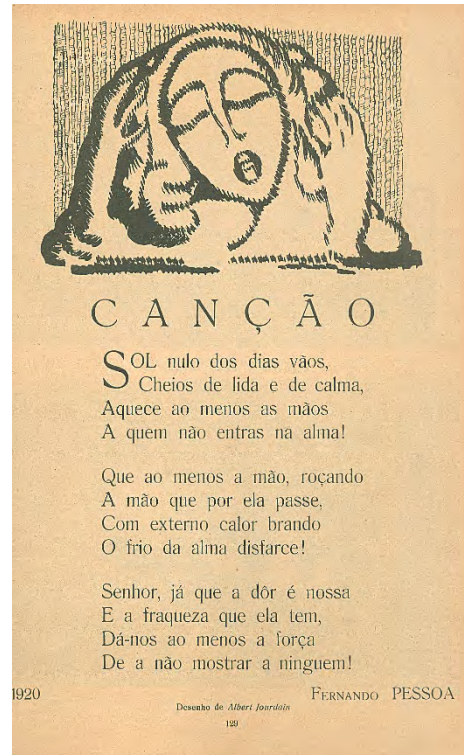


Fig. 4a. Ilustração Portuguesa, 1922.

#### MATERIAIS

Folha impressa contendo “Desenho de André Jourdain”, no topo da página e data de 1920, na parte inferior, à esquerda do nome do autor.

##### b. Athena

c. 12-1924

Sol nullo dos dias vãos,  
 Cheios de lida e de calma,  
 Aquece ao menos as mãos  
 A quem não entras na alma!

5 Que ao menos a mão, roçando  
 A mão que por ella passe,  
 Com externo calor brando  
 O frio da alma disfarce!

10 Senhor, já que a dor é nossa  
 E a fraqueza que ella tem,  
 Dá-nos ao menos a força  
 De a não mostrar a ninguém!

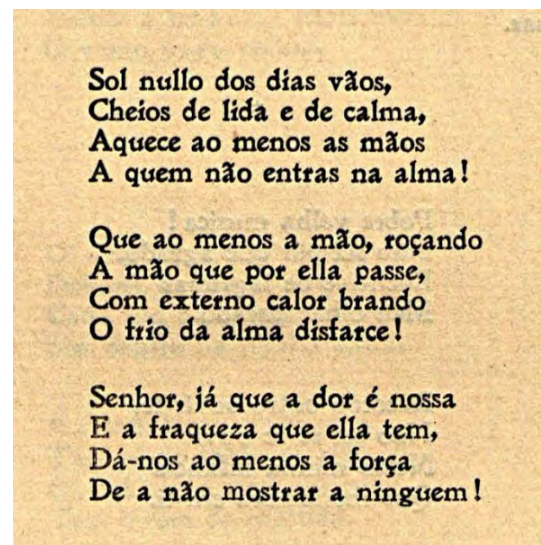


Fig. 4b. Athena, 1924.

c. *Cancioneiro do I Salão dos Independentes*

c. 05-1930

C A N Ç Ã O

Sol nulo dos dias vãos,  
Cheios de lida e de calma,  
Aquece ao menos as mãos  
A quem não entras na alma!

5 Que ao menos a mão, roçando  
A mão que por ela passe,  
Com externo calor brando  
O frio da alma disfarce!

10 Senhor, já que a dôr é nossa  
E a fraqueza que ela tem,  
Dá-nos ao menos a força  
De a não mostrar a ninguém!

F E R N A N D O P E S S O A

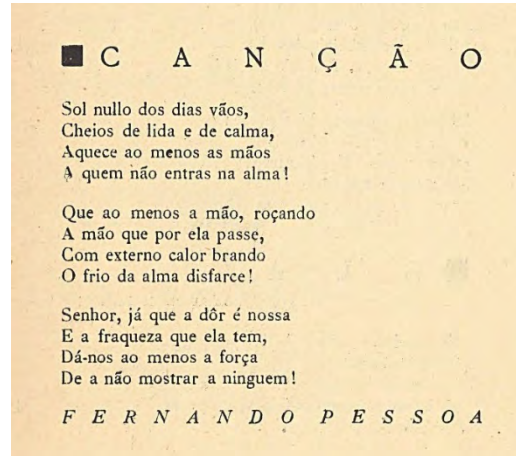


Fig. 4c. *Cancioneiro do I Salão dos Independentes, 1930.*

**MATERIAIS**

Folha impressa do Cancioneiro. O poema “Canção”, que aparece logo abaixo de “Gomes Leal”, encerra a colaboração de Pessoa no livro coletivo.

## 5. “Canção de Outomno” / “No entardecer da terra”

## a. Ilustração Portuguesa

c. 01-1922

## CANÇÃO DE OUTOMNO

No entardecer da terra,  
O sopro do longo outomno  
Amareleceu o chão.  
Um vago vento erra,  
5 Como um sonho mau num somno,  
Na livida solidão.

Soergue as folhas, e poussa  
As folhas, e volve e revolve  
E esváhe-se inda outra vez.  
10 Mas a folha não repoussa,  
E o vento livido volve  
E expira na lividez.

Eu<sup>1</sup> já não sou quem era;  
O que eu sonhei, morri-o;  
15 E mesmo o que hoje sou  
Amanhã direi: Quem dera  
Volver a sel-o! Mais frio  
O vento vago voltou.

1910

FERNANDO PESSOA

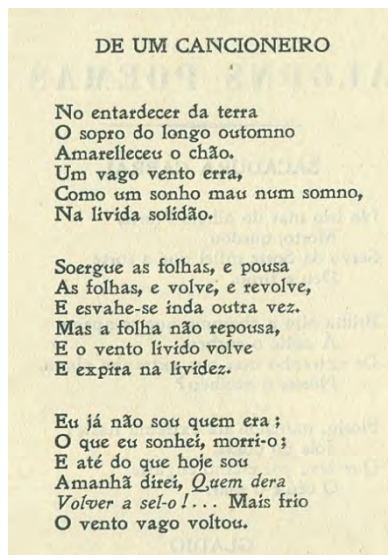


Fig. 5b. Athena, 1924.

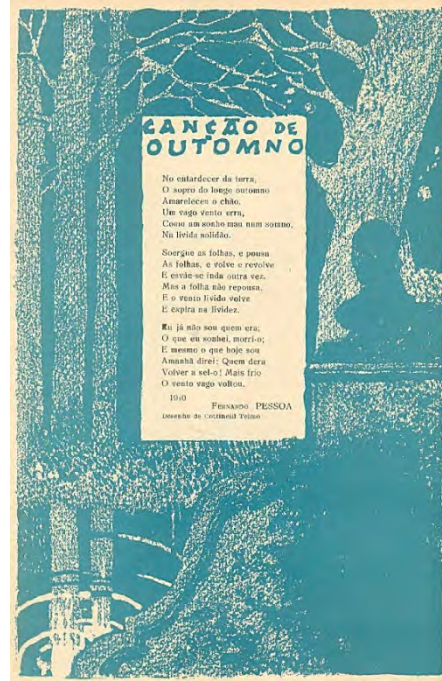


Fig. 5a. Ilustração Portuguesa, 1922.

## b. Athena

c. 12-1924

No entardecer da terra  
O sopro do longo outomno  
Amarelleceu o chão.  
Um vago vento erra,  
5 Como um sonho mau num somno,  
Na livida solidão.

Soergue as folhas, e poussa  
As folhas, e volve, e revolve,  
E esvahe-se inda outra vez.  
10 Mas a folha não poussa,  
E o vento livido volve  
E expira na lividez.

Eu já não sou quem era;  
O que eu sonhei, morri-o;  
15 E até do que hoje sou  
Amanhã direi, *Quem dera*  
*Volver a sel-o!*... Mais frio  
O vento vago voltou.

## 6. "Prece"

a. *Contemporânea*

c. 10-1922

XII

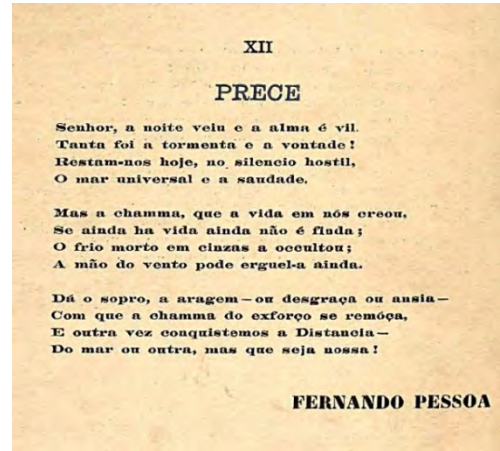
PRECE

Senhor, a noite veiu e a alma é vil.  
Tanta foi a tormenta e a vontade!  
Restam-nos hoje, no silencio hostil,  
O mar universal e a saudade.

5 Mas a chamma, que a vida em nós creou,  
Se ainda ha vida ainda não é finda;  
O frio morto em cinzas a occultou;  
A mão do vento pode erguel-a ainda.

10 Dá o sopro, a aragem - ou desgraça ou ansia -  
Com que a chamma do exforço se remóça,  
E outra vez conquistemos a Distancia -  
Do mar ou outra, mas que seja nossa!

FERNANDO PESSOA

Fig. 6a. *Contemporânea*, 1922.b. *Leitura para Todos*

c. 06-1926

XII

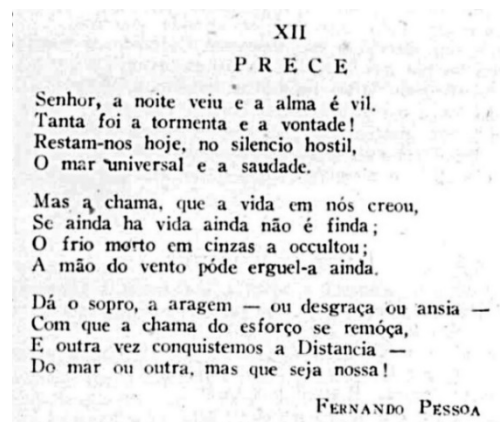
PRECE

Senhor, a noite veiu e a alma é vil.  
Tanta foi a tormenta e a vontade!  
Restam-nos hoje, no silencio hostil,  
O mar universal e a saudade.

5 Mas a chama, que a vida em nós creou,  
Se ainda ha vida ainda não é finda;  
O frio morto em cinzas a occultou;  
A mão do vento póde erguel-a ainda.

10 Dá o sopro, a aragem - ou desgraça ou ansia -  
Com que a chama do esforço se remóça,  
E outra vez conquistemos a Distancia -  
Do mar ou outra, mas que seja nossa!

FERNANDO PESSOA

Fig. 6b. *Leitura para Todos*, 1926.



## c. O Notícias Ilustrado

c. 01-1929

## ANTHOLOGIA

## PRECE

Senhor, a noite veio e a alma é vil.  
Tanta foi a tormenta e a vontade!  
Restam-nos hoje, no silencio hostil,  
O mar universal e a saudade.

5 Mas a chama, que a vida em nós creou,  
Se ainda há vida ainda não é finda;  
O frio morto em cinzas a ocultou;  
A mão do vento pôde erguê-la ainda.

Dá o sopro, a aragem — ou desgraça, ou ânsia —  
10 Com que a chama do esforço se remoça.  
E outra vez conquistemos a Distancia —  
Do mar ou outra, mas que seja nossa.

FERNANDO PESSOA

(Do poema “Mar Portuguez”.)

## d. Revolução

c. 06-1933

## XII

## Prece

Senhor, a noite veio e a alma é vil.  
Tanta foi a tormenta e a vontade!  
Restam-nos hoje, no silencio hostil,  
O mar universal e a saudade.

5 Mas a chama, que a vida em nós creou,  
Se ainda ha vida ainda não é finda;  
O frio morto em cinzas a occultou;  
A mão do vento pode erguel-a ainda.

Dá o sôpro, a aragem - ou desgraça ou ansia —  
10 Com que a chama do esforço se remoça  
E outra vez conquistemos a Distancia —  
Do mar ou outra, mas que seja nossa!

FERNANDO PESSOA

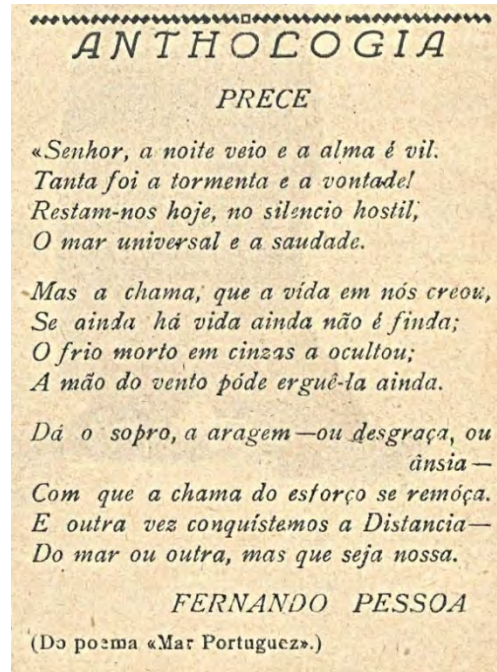


Fig. 6c. O Notícias Ilustrado, 1929.

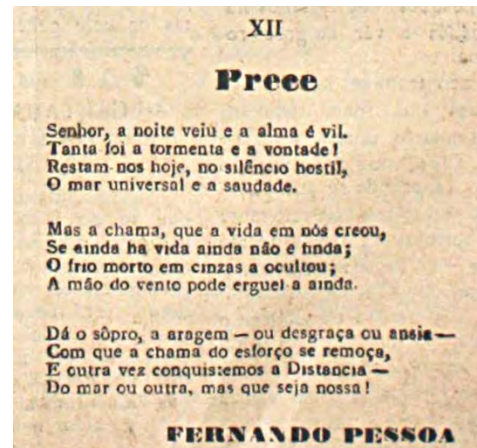


Fig. 6d. Revolução, 1933.

**e. Mensagem**

c. 10-1934

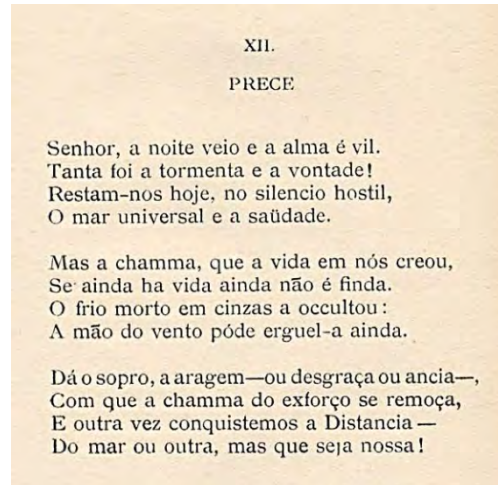
XII.

PRECE

Senhor, a noite veio e a alma é vil.  
Tanta foi a tormenta e a vontade!  
Restam-nos hoje, no silencio hostil,  
O mar universal e a saüdade.

5 Mas a chamma, que a vida em nós creou,  
Se ainda ha vida ainda não é finda.  
O frio morto em cinzas a occultou:  
A mão do vento póde erguel-a ainda.

10 Dá o sopro, a aragem – ou desgraça ou ancia –  
Com que a chamma do exforço se remoça,  
E outra vez conquistemos a Distancia –  
Do mar ou outra, mas que seja nossa!

Fig. 6e. *Mensagem*, 1934.**f. Diário de Lisboa**

c. 12-1934

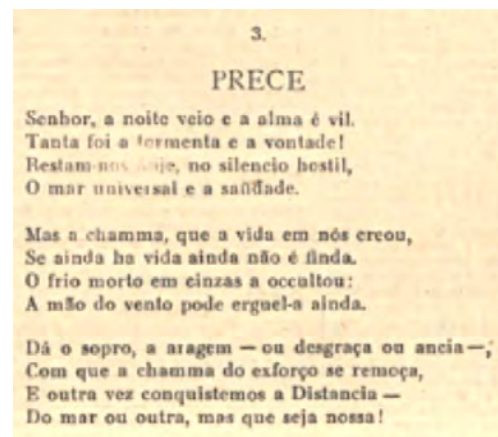
3.

PRECE

Senhor, a noite veio e a alma é vil.  
Tanta foi a tormenta e a vontade!  
Restam-nos hoje, no silencio hostil,  
O mar universal e a saudade.

5 Mas a chamma, que a vida em nós creou,  
Se ainda ha vida ainda não é finda.  
O frio morto em cinzas a occultou ;  
A mão do vento pode erguel-a ainda.

10 Dá o sopro, a aragem – ou desgraça ou ancia –;  
Com que a chamma do exforço se remóça,  
E outra vez conquistemos a Distancia –  
Do mar ou outra, mas que seja nossa!

Fig. 6f. *Diário de Lisboa*, 1934.

## 7. "Gladio" / "D. Fernando, Infante de Portugal"

### a. Athena

c. 12-1924

#### GLADIO

Ao Alberto da Cunha Dias.

Deu-me Deus o Seu gladio, porque eu faça  
A sua sancta guerra.

Sagrou-me Seu em genio e em desgraça  
Às horas em que um frio vento passa  
Por sobre a fria terra.

Poz-me as mãos sobre os hombros, e dourou-me  
A frente com o olhar ;

A esta febre de Além, que me consome,  
E este querer-justiça são Seu nome  
Dentro em mim a vibrar.

E eu vou, e a luz do gladio erguido dá  
Em minha face calma.

Cheio de Deus, não temo o que virá,  
Pois, venha o que vier, nunca será  
Maior do que a minha alma !

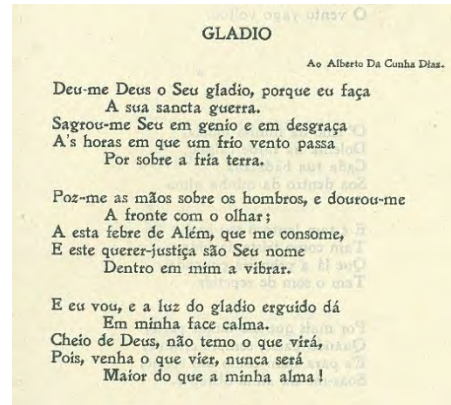


Fig. 7a. Athena, 1924.

### b. Cancioneiro do I Salão dos Independentes

c. 05-1930

#### GLADIO

ao Alberto da Cunha Dias

Deu-me Deus o Seu gladio, porque eu faça  
A sua santa guerra.

Sagrou-me Seu em genio e em desgraça  
Às horas em que um frio vento passa  
Por sôbre a fria terra,

Poz-me as mãos sôbre os hombros, e dourou-me  
A frente com o olhar;

E esta febre de Além, que me consome,  
E este querer-justiça são Seu nome  
Dentro em mim a vibrar.

E eu vou, e a luz do gladio erguido dá  
Em minha face calma.

Cheio de Deus, não temo o que virá,  
Pois, venha o que vier, nunca será  
Maior do que a minha alma!

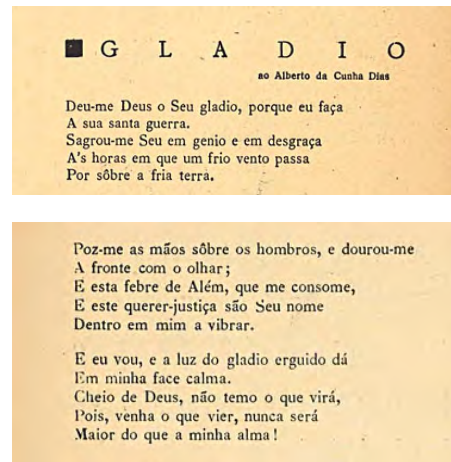


Fig. 7b. Cancioneiro do I Salão dos Independentes, 1930.

**MATERIAIS**

Folha impressa do Cancioneiro. Os textos desta publicação encontram-se dispostos em duas colunas. O poema “Gladio” tem a primeira estrofe (p. 21) inserida logo abaixo de “O menino da sua mãe”; sua continuação, na página seguinte, aparece acima do poema “Gomes Leal”.

**c. Mensagem**

c. 10-1934

## SEGUNDA

## D. FERNANDO, INFANTE DE PORTUGAL

Deu-me Deus o seu gladio, porque eu faça  
A sua santa guerra.  
Sagrou-me seu em honra e em desgraça,  
Às horas em que um frio vento passa  
5 Por sobre a fria terra.

Poz-me as mãos sobre os ombros e doirou-me  
A frente com o olhar ;  
E esta febre de Além, que me consome,  
E este querer grandeza são seu nome  
10 Dentro em mim a vibrar.

E eu vou, e a luz do gladio erguido dá  
Em minha face calma.  
Cheio de Deus, não temo o que virá,  
Pois, venha o que vier, nunca será  
15 Maior do que a minha alma.

## SEGUNDA

## D. FERNANDO, INFANTE DE PORTUGAL

Deu-me Deus o seu gladio, porque eu faça  
A sua santa guerra.  
Sagrou-me seu em honra e em desgraça,  
Às horas em que um frio vento passa  
Por sobre a fria terra.

Poz-me as mãos sobre os ombros e doirou-me  
A frente com o olhar ;  
E esta febre de Além, que me consome,  
E este querer grandeza são seu nome  
Dentro em mim a vibrar.

E eu vou, e a luz do gladio erguido dá  
Em minha face calma.  
Cheio de Deus, não temo o que virá,  
Pois, venha o que vier, nunca será  
Maior do que a minha alma.

Fig. 7c. Mensagem, 1934.

**MATERIAIS**

Exemplar impresso, [BNP, RES 4431 P], com folhas amareladas, manchas de mofo na falsa folha de rosto e no colofão, sem intervenções autógrafas de Fernando Pessoa. O exemplar traz errata no fim do volume, incluindo o primeiro verso da segunda estrofe do presente poema: “Poz-me as mãos sobre os ombros e doirou-me” e o primeiro verso da quarta estrofe de “O Mostrengo”: “Trez vezes do leme as mãos ergueu”.

## 8. "O menino da sua mãe"

## a. Contemporânea

c. 05-1926

## O MENINO DA SUA MÃE

No plaino abandonado  
 Que a morna brisa aquece,  
 De balas traspassado —  
 Duas, de lado a lado —,  
 5 Jaz morto, e arrefece.

Raia-lhe a farda o sangue.  
 De braços estendidos,  
 Alvo, louro, exangue,  
 Fita com olhar langue  
 10 E cego os céus perdidos.

Tam jovem! que jovem era!  
 (Agora que idade tem?)  
 Filho único, a mãe lhe dera  
 Um nome e o mantivera:  
 15 "O menino da sua mãe."

Cahiu-lhe da algibeira  
 A cigareira breve.  
 Dera-lh'a a mãe. Está inteira  
 E boa a cigareira.  
 20 Elle é que já não serve.

De outra algibeira, alada  
 Poma a roçar o solo,  
 A brancura embainhada  
 De um lenço ... Deu-lh'o a creada  
 25 Velha que o trouxe a o collo.

Lá longe, em casa, ha a prece:  
 "Que volte cedo, e bem!"  
 (Malhas que o Imperio tece!)  
 Jaz morto, e apodrece,  
 30 O menino da sua mãe.

FERNANDO PESSOA

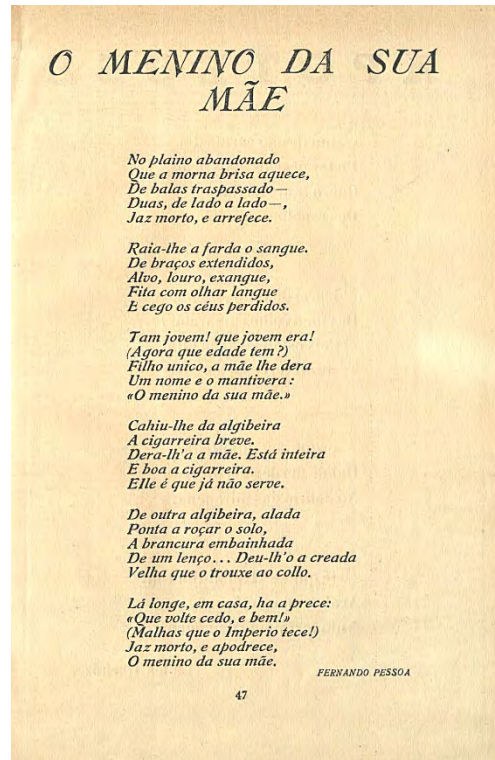


Fig. 8a. Contemporânea, 1926.

**b. O Notícias Ilustrado**

c. 11-1928

## O MENINO DA SUA MÃE

No plaino abandonado,  
Que a morna brisa aquece,  
De balas traspassado  
— Duas, de lado a lado —  
5 Jaz morto, e arrefece.

Raia-lhe a farda o sangue.  
De braços estendidos,  
Alvo, louro, exangue,  
Fita com olhar langue  
10 E cego os céus perdidos.

Tam jovem! Que jovem era!  
Agora que idade tem?  
Filho único, a mãe lhe dera  
Um nome, e o mantivera —  
15 “O menino da sua mãe” ...

Caiu-lhe da algibeira  
A cigareira breve.  
Dera-lh’a a mãe. Está inteira  
E boa a cigareira.  
20 Ele é que já não serve.

De outra algibeira, alada  
Ponta a roçar o solo,  
A brancura embainhada  
Do lenço... Deu-lh’o a creada  
25 Velha que o trouxe ao colo.

Lá longe, em casa, há a prece:  
Que volte cedo, e bem!  
(Malhas que o Imperio tece!)  
Jaz morto, e apodrece,  
30 O menino da sua mãe...

FERNANDO PESSOA

## ANTHOLOGIA

## O MENINO DA SUA MÃE

No plaino abandonado,  
Que a morna brisa aquece,  
De balas traspassado  
— Duas de lado a lado —  
Jaz morto, e arrefece.

Raia-lhe a farda o sangue,  
De braços estendidos,  
Alvo, louro, exangue,  
Fita com olhar langue  
E cego os céus perdidos.

Tam jovem! Que jovem era!  
Agora que idade tem?  
Filho único, a mãe lhe dera  
Um nome, e o mantivera —  
«O menino da sua mãe» ...

Caiu-lhe da algibeira  
A cigareira breve.  
Dera-lh’a a mãe. Está inteira  
E boa a cigareira...  
Ele é que já não serve.

Da outra algibeira, alada  
Ponta a roçar o solo,  
A brancura embainhada  
Do lenço... Deu-lh’o a creada  
Velha, que o trouxe ao colo.

Lá longe, em casa, há a prece:  
Que volte cedo e bem!  
(Malhas que o Imperio tece!)  
Jaz morto, e apodrece,  
O menino da sua mãe...

FERNANDO PESSOA

Fig. 8b. O Notícias Ilustrado, 1928.

c. *Cancioneiro do I Salão dos Independentes*

c. 05-1930

## O MENINO DA SUA MÃE

No plaino abandonado,  
 Que a morna brisa aquece,  
 De balas traspassado—  
 Duas, de lado a lado—  
 5 Jaz morto, e arrefece.

Raia-lhe a farda o sangue.  
 De braços estendidos,  
 Alvo, louro, exangue,  
 Fita com olhar langue  
 10 E cego os céus perdidos.

Tão jovem! que jovem era!  
 (Agora que idade tem?)  
 Filho único, a mãe lhe dera  
 Um nome, e o mantivera:  
 15 “O menino da sua mãe.”

Caiu-lhe da algibeira  
 A cigarreira breve.  
 Dera-lhe a mãe. Está inteira  
 E boa a cigarreira.  
 20 Ele é que já não serve.

De outra algibeira, alada  
 Ponta a roçar o solo,  
 A brancura embainhada  
 Do lenço... Deu-lh'o a criada  
 25 Velha que o trouxe ao colo.

Lá longe, em casa, há a prece:  
 “Que volte cedo, e bem!”  
 (Malhas que o Império tece!)  
 Jaz morto, e apodrece  
 30 O menino da sua mãe.

## ■ O MENINO DA SUA MÃE

No plaino abandonado  
 Que a morna brisa aquece,  
 De balas traspassado —  
 Duas, de lado a lado —,  
 Jaz morto, e arrefece.

Raia-lhe a farda o sangue.  
 De braços estendidos,  
 Alvo, louro, exangue,  
 Fita com olhar langue  
 E cego os céus perdidos.

Tão jovem! que jovem era!  
 (Agora que idade tem?)  
 Filho único, a mãe lhe dera  
 Um nome e o mantivera:  
 «O menino da sua mãe.»

Caiu-lhe da algibeira  
 A cigarreira breve.  
 Dera-lhe a mãe. Está inteira  
 E boa a cigarreira,  
 Ele é que já não serve.

De outra algibeira, alada  
 Ponta a roçar o solo,  
 A brancura embainhada  
 De um lenço... Deu-lh'o a criada  
 Velha que o trouxe ao colo.

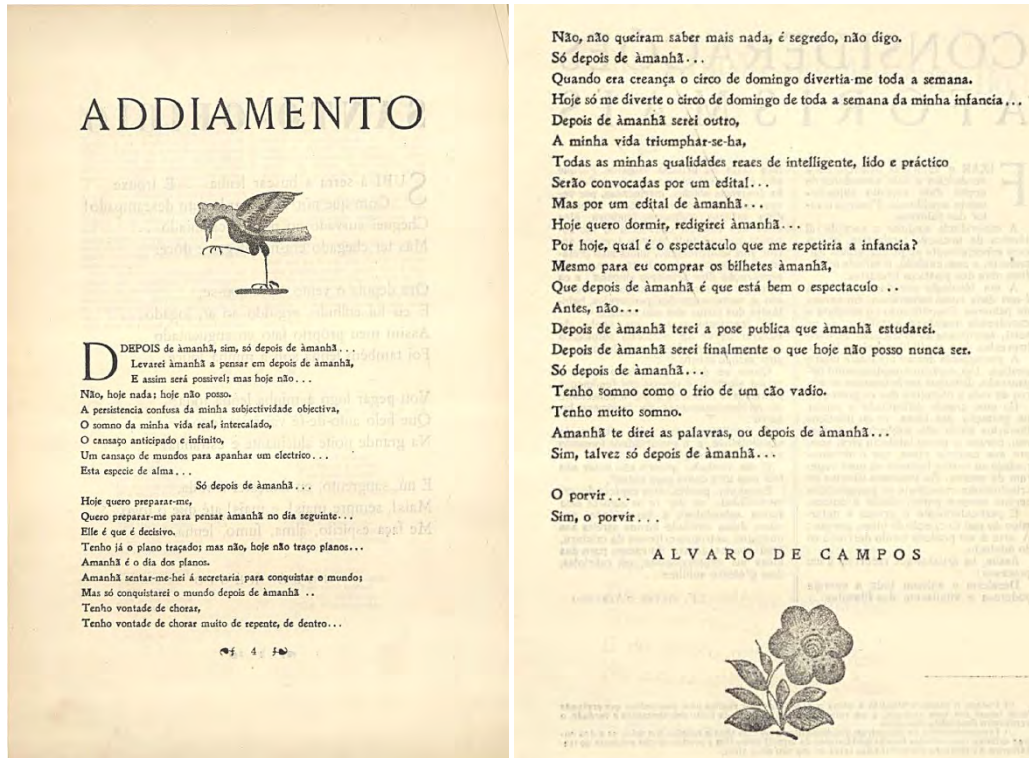
Lá longe, em casa, há a prece:  
 «Que volte cedo, e bem!»  
 (Malhas que o Império tece!)  
 Jaz morto e apodrece  
 O menino da sua mãe.

Fig. 8c. *Cancioneiro do I Salão dos Independentes*, 1930.

## 9. "Addiamento"

## a. Revista da Solução Editora

c. 1929

Figs. 9a<sup>1</sup> e 9a<sup>2</sup>. Revista da Solução Editora, 1929.

## Addiamento

- DEPOIS de amanhã<sup>1</sup>, sim, só depois de amanhã...  
 Levarei amanhã a pensar em depois de amanhã,  
 E assim será possível; mas hoje não...  
 Não, hoje nada; hoje não posso.
- 5 A persistencia confusa da minha subjectividade objectiva,  
 O somno da minha vida real, intercalado,  
 O cansaço anticipado e infinito,  
 Um cansaço de mundos para apanhar um electrico...  
 Esta especie de alma...
- 10 Só depois de amanhã...  
 Hoje quero preparar-me,  
 Quero preparar-me para pensar amanhã no dia seguinte...  
 Elle é que é decisivo.
- 15 Tenho já o plano traçado; mas não, hoje não traço planos...  
 Amanhã é o dia dos planos.  
 Amanhã sentar-me-hei á secretaria para conquistar o mundo;  
 Mas só conquistarei o mundo depois de amanhã...  
 Tenho vontade de chorar,  
 Tenho vontade de chorar muito de repente, de dentro...



20 Não, não queiram saber mais nada, é segredo, não digo.  
Só depois de amanhã...  
Quando era criança o circo de domingo divertia-me toda a semana.  
Hoje só me diverte o circo de domingo de toda a semana da minha infância...  
Depois de amanhã serei outro,  
25 A minha vida triunfar-se-ha,  
Todas as minhas qualidades reaes de inteligente, lido e práctico  
Serão convocadas por um edital...  
Mas por um edital de amanhã...  
Hoje quero dormir, redigirei amanhã...  
30 Por hoje, qual o espectáculo que eu me repetiria a infância?  
Mesmo para eu comprar os bilhetes amanhã,  
Que depois de amanhã é que está bem o espectáculo...  
Antes, não...  
Depois de amanhã terei a pose publica que amanhã estudarei.  
35 Depois de amanhã serei finalmente o que hoje não posso nunca ser.  
Só depois de amanhã...  
Tenho somno como o frio de um cão vadio.  
Tenho muito somno.  
Amanhã te direi as palavras, ou depois de amanhã...  
40 Sim, talvez só depois de amanhã...  
  
O porvir...  
Sim, o porvir...

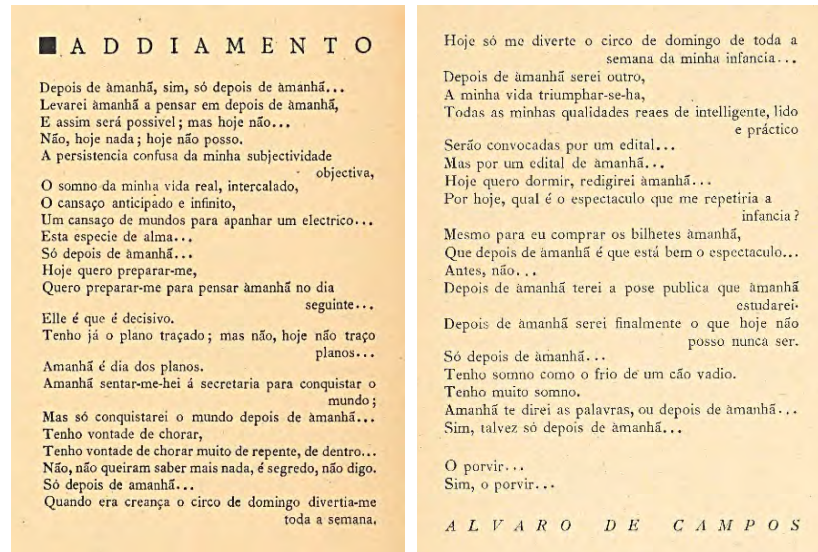
ALVARO DE CAMPOS

**NOTAS**

<sup>1</sup> amanhã ] grafada com acento grave ao longo do poema, exceto quando grafada com "A" maiúsculo.

## b. Cancioneiro do I Salão dos Independentes

c. 05-1930

Figs. 9b<sup>1</sup> e 9b<sup>2</sup>. Cancioneiro do I Salão dos Independentes, 1930.

- Depois de amanhã<sup>1</sup>, sim, só depois de amanhã...  
 Levarei amanhã a pensar em depois de amanhã,  
 E assim será possível; mas hoje não...  
 Não, hoje nada; hoje não posso.  
 5 A persistencia confusa da minha subjectividade objectiva,  
 O somno da minha vida real, intercalado,  
 O cansaço anticipado e infinito,  
 Um cansaço de mundos para apanhar um electrico...  
 Esta especie de alma...  
 10 Só depois de amanhã...  
 Hoje quero preparar-me,  
 Quero preparar-me para pensar amanhã no dia seguinte...  
 Elle que é decisivo.  
 Tenho já o plano traçado; mas não, hoje não traço planos...  
 15 Amanhã é dia dos planos.  
 Amanhã sentar-me-hei á secretaria para conquistar o mundo;  
 Mas só conquistarei o mundo depois de amanhã...  
 Tenho vontade de chorar,  
 Tenho vontade de chorar muito de repente, de dentro...  
 20 Não, não queiram saber mais nada, é segredo, não digo.  
 Só depois de amanhã...  
 Quando era creança o circo de domingo divertia-me toda a semana.  
 Hoje só me diverte o circo de domingo de toda a semana de minha infancia...  
 Depois de amanhã serei outro,  
 25 A minha vida triumphar-se-ha,  
 Todas as minhas qualidades reaes de intelligente, lido e práctico  
 Serão convocadas por um edital...  
 Mas por um edital de amanhã...  
 Hoje quero dormir, redigirei amanhã...

- 30 Por hoje, qual é o espectáculo que me repetiria a infância?  
Mesmo para eu comprar os bilhetes àmanhã,  
Que depois de àmanhã é que está bem o espectáculo...  
Antes, não...  
Depois de àmanhã terei a pose publica que amanhã estudarei.
- 35 Depois de àmanhã serei finalmente o que hoje não posso nunca ser.  
Só depois de àmanhã...  
Tenho somno como o frio de um cão vadio.  
Tenho muito somno.  
Amanhã te direi as palavras, ou depois de àmanhã...
- 40 Sim, talvez só depois de àmanhã...  
  
O porvir...  
Sim, o porvir...

**NOTAS**

- <sup>1</sup> àmanhã] grafada com acento grave ao longo do poema, exceto quando grafada com "A" maiúsculo.

## 10. "Gomes Leal"

a. *O Notícias Ilustrado*

c. 10-1928

GOMES LEAL

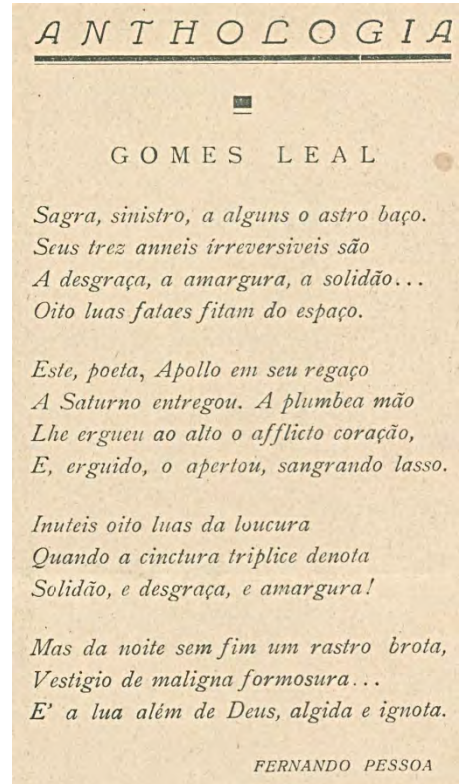
Sagra, sinistro, a alguns o astro baço.  
Seus trez anneis irreversiveis são  
A desgraça, a amargura, a solidão...  
Oito luas fataes fitam do espaço.

5 Este, poeta, Apollo em seu regaço  
A Saturno entregou. A plumbea mão  
Lhe ergueu ao alto o afflictio coração,  
E, erguido, o apertou, sangrando lasso.

10 Inuteis oito luas da loucura  
Quando a cinctura triplíce denota  
Solidão, e desgraça, e amargura!

Mas da noite sem fim um rastro brota,  
Vestigio da maligna formosura...  
E' a lua além de Deus, algida e ignota.

FERNANDO PESSOA

Fig. 10a. *O Notícias Ilustrado*, 1928.b. *Cancioneiro do I Salão dos Independentes*

c. 05-1930

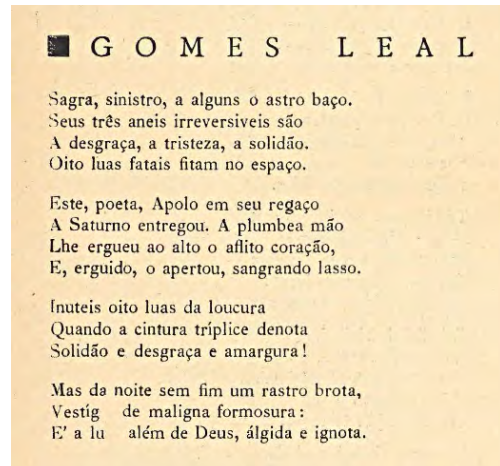
GOMES LEAL

Sagra, sinistro, a alguns o astro baço.  
Seus três aneis irreversiveis são  
A desgraça, a amargura, a solidão.  
Oito luas fatais fitam do espaço.

5 Este, poeta, Apolo em seu regaço  
A Saturno entregou. A plumbea mão  
Lhe ergueu ao alto o aflito coração,  
E, erguido, o apertou, sangrando lasso.

10 Inuteis oito luas da loucura  
Quando a cintura triplíce denota  
Solidão e desgraça e amargura!

Mas da noite sem fim um rastro brota,  
Vestíg[i]o da maligna formosura:  
E' a lu[a] além de Deus, algida e ignota.

Fig. 10b. *Cancioneiro do I Salão dos Independentes*, 1930.

### III. Gênese dos poemas publicados em vida

#### 1. “O Aldeão” / “Ó sino da minha aldeia”

##### c. [119-11a<sup>r</sup>]

c. 02-1914

Ó sino da minha aldeia,

A cada tua pancada,  
Vibrante no céu aberto;  
Sinto mais longe o passado  
Sinto a saudade mais perto

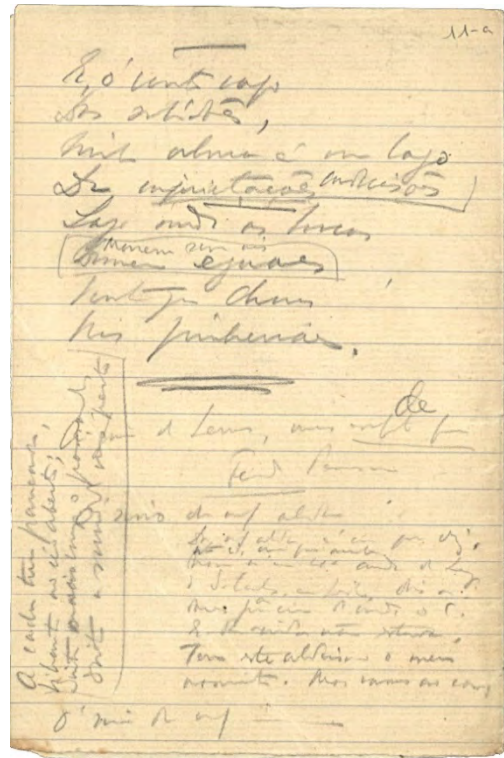


Fig. 1c. [119-11a<sup>r</sup>].

#### MATERIAIS

Manuscrito a lápis, em letra muito rápida e de difícil leitura, numa folha de papel pautado que contém, na metade superior, oito versos do poema ortonímico “Vento que passas”, bastante diferentes da versão publicada em *Poesias Inéditas* (1919-1930), da *Ática* (1956). Na parte inferior, abreviado, encontra-se o primeiro verso do poema “Ó sino da m/ aldeia”. Na margem esquerda do papel, na vertical, figura a última estrofe (vv. 13-16) já com a lição final (cf. PESSOA, 2018: 251). Cf. uma nota final da *Antologia mínima – Poesia* (PESSOA, 2018: 311): “Num apontamento manuscrito, junto à última estrofe do poema e ao seu primeiro verso, lê-se: ‘Da m[inha] aldeia é como quem diz, isto é, como quem mente. Nasci num 4.º andar do Largo de S. Carlos, em Lisboa, dois andares acima de onde o C[entro] E[leitoral] R[epublicano] ainda não estava. Teve este aldeísmo o meu nascimento.’ (119-11a<sup>r</sup>). Veja-se também uma carta de 11 de dezembro de 1931 para João Gaspar Simões a este respeito”.

d. [117-21<sup>1</sup>]

c. 08-04-1911

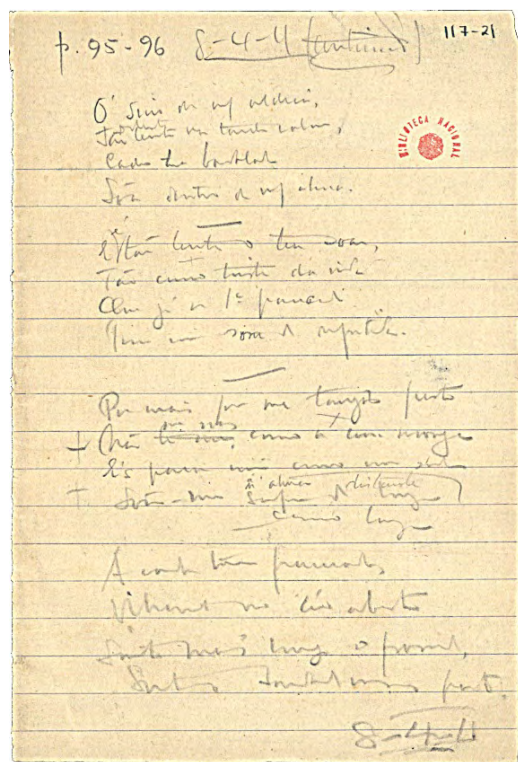
Ó sino da minha aldeia,  
Dolente<sup>1</sup> na tarde calma,  
Cada tua badalada  
Sôa dentro da minha alma.

5 E é<sup>2</sup> tão lento o teu soar,  
Tão como triste da vida  
Que já a 1<sup>a</sup> pancada  
Tem um som de repetida.

10 Por mais que me tanjas perto,  
Não me soas<sup>3</sup> como a um monge.  
És para mim como um sonho,  
Soas-me sempre<sup>4</sup> de longe.<sup>5</sup>

15 A cada tua pancada,  
Vibrante no céu aberto,  
Sinto mais longe o passado,  
Sinto a saudade mais perto.

8-4-11

Fig. 1d. [117-21<sup>1</sup>].

## MATERIAIS

Manuscrito a lápis numa folha de papel pautado escrita só de um lado e que contém apenas este poema. Na margem superior figura a data 8-4-11, seguida da indicação "(Continuado)". A data volta a constar no final do texto, dele separada por um pequeno traço (cf. PESSOA, 2018: 251). Os versos 10 e 12 têm um sinal de hesitação (um traço cortado).

## NOTAS

- 1 [↓ tão lenta]
- 2 [↑ é]
- 3 < te soas > [↑ me soas]
- 4 [↑ ná' alma distante]
- 5 [↓ como longe.]

e. [117-22<sup>r</sup>]

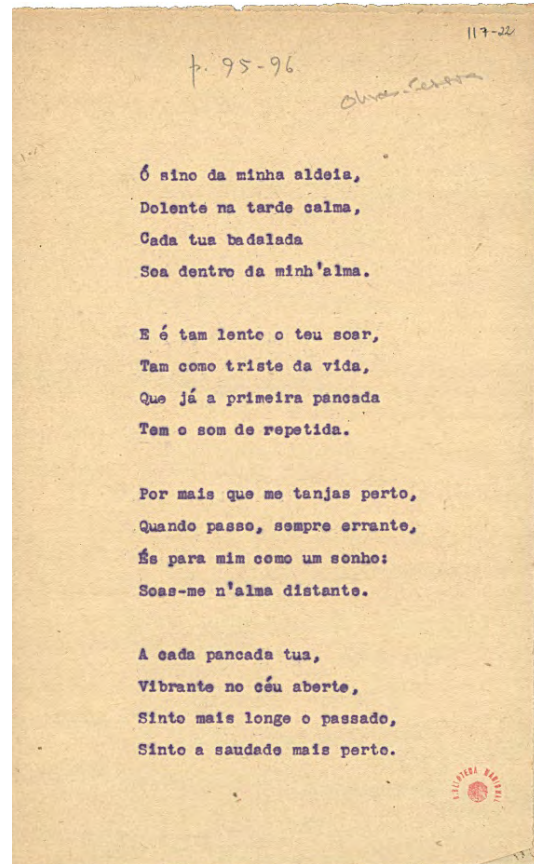
c. 08-04-1911

Ó sino da minha aldeia,  
 Dolente na tarde calma,  
 Cada tua badalada  
 Soa dentro da minh'alma.

5 E é tam lento o teu soar,  
 Tam como triste da vida,  
 Que já a primeira pancada  
 Tem o som de repetida.

10 Por mais que me tanjas perto,  
 Quando passo, sempre errante,  
 És para mim como um sonho:  
 Soas-me n'alma distante.

15 A cada pancada tua,  
 Vibrante no céu aberto,  
 Sinto mais longe o passado,  
 Sinto a saudade mais perto.

Fig. 1e. [117-22<sup>r</sup>].

## MATERIAIS

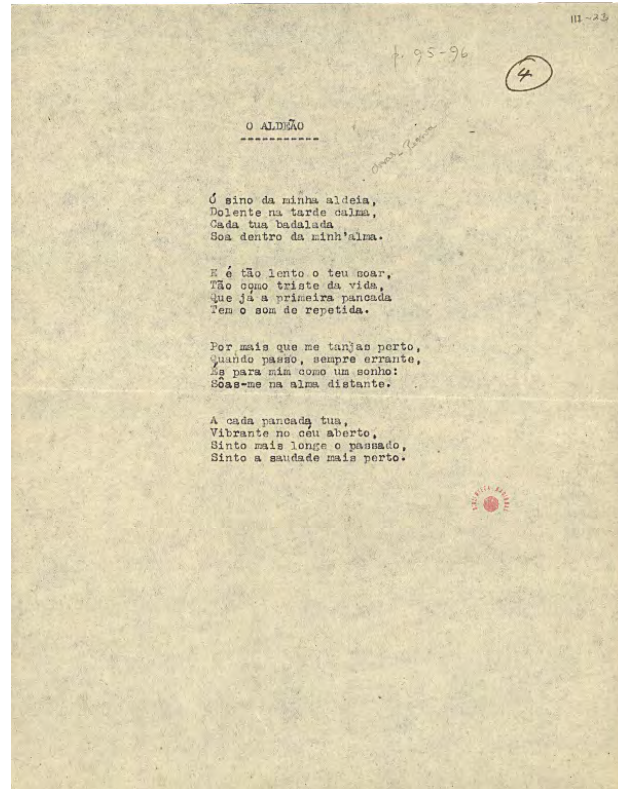
Datiloscrito limpo, constituído por original [22a] e o respetivo duplicado a químico [22<sup>r</sup>]. Com ligeiras diferenças de ortografia, contém a versão final do poema (cf. PESSOA, 2018: 251). Existem dois registros, a lápis, um na parte superior da folha "p. 95-96", e outro na diagonal superior direita, "Obras-Pessoa", talvez em caligrafia de Maria Aliete Galhoz.

f. [117-23<sup>r</sup>]

3-4-1911

## O ALDEÃO

- Ó sino da minha aldeia,  
Dolente na tarde clama,  
Cada tua badalada  
Soa dentro da minha alma.
- 5 E é tão lento o teu soar,  
Tão como triste da vida,  
Que já a primeira pancada  
Tem o som de repetida.
- 10 Por mais que me tanjas perto,  
Quando passo, sempre errante,  
És para mim como um sonho,  
Soas-me na alma distante.
- 15 A cada pancada tua,  
Vibrante no céu aberto,  
Sinto mais longe o passado,  
Sinto a saudade mais perto.

Fig. 1f. [117-23<sup>r</sup>].

## MATERIAIS

*Datiloscrito limpo. É o único testemunho do poema que traz título – O ALDEÃO –, que não passou para qualquer dos impressos. Com ligeiras diferenças de ortografia, contém a versão final do poema (cf. PESSOA, 2018: 251). Existem dois registros, a lápis, um na parte superior da folha “p. 95-96”, e outro na diagonal superior direita, “Obras-Pessoa”, talvez em caligrafia de Maria Aliete Galhoz.*



## 2. "A Ceifeira" / "Ella canta pobre ceifeira"

## c. [028-MN]

c. 12-1924

- Ella canta, pobre ceifeira,  
 Julgando se feliz talvez;  
 Canta, e ceifa, e a sua voz, cheia  
 De alegre e anonyma viuvez,
- 5 Ondula como um vôo<sup>1</sup> de ave  
 No ar limpo como um limiar:<sup>2</sup>  
 Ha<sup>3</sup> curvas no enredo suave  
 Do som que ella tem a cantar.
- Ouvil-a alegre e entristece,  
 10 Na sua voz ha o campo e a lida,  
 E canta como se tivesse  
 Mais razões pr'a cantar que a vida.
- Ah, canta, canta sem razão!  
 O que em mim sente stá pensando.  
 15 Derrama no meu coração  
 A tua incerta voz ondeando!
- Ah, poder ser tu, sendo eu!  
 Ter a tua alegre inconsciencia,  
 E a consciencia d'isso! Ó<sup>4</sup> céu!  
 20 Ó<sup>5</sup> campo! ó canção! A sciencia
- Pesa tanto e a vida é tam breve!  
 Pela minha alma adentro entrae<sup>6</sup>  
 Como um vento em que ser leve,<sup>7</sup>  
 Levando-me de mim, passae!<sup>8</sup>

FERNANDO PESSOA

## MATERIAIS

Última folha impressa do conjunto "ALGUNS POEMAS" na revista Athena; contém alterações autografas.

## NOTAS

- 1 <canto> [↑ vôo]  
 2 limiar<,> [→/:]  
 3 E ha ] retiramos a conjunção /E/ inicial, circulada pelo poeta a lápis, indicando hesitação.  
 4 O' ] por questões tipográficas, com apóstrofo e não com acento agudo.  
 5 Ver a nota anterior.  
 6 Entrae por mim dentro! Tornae [← Pela minha alma adentro entrae]  
 7 Minha alma a vossa sombra leve! [← <\*Todo> {↑ Com} um vento em que ser leve,]  
 8 Depois, levando-me, passae! [← Levando-me de mim, passae!]

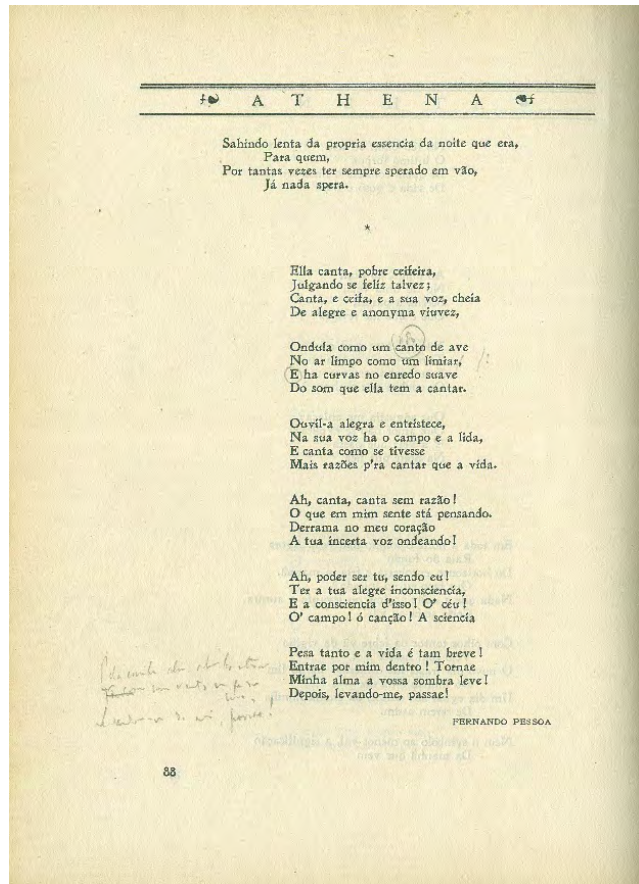


Fig. 2c. [028-MN].

d. [5-26<sup>v</sup>]

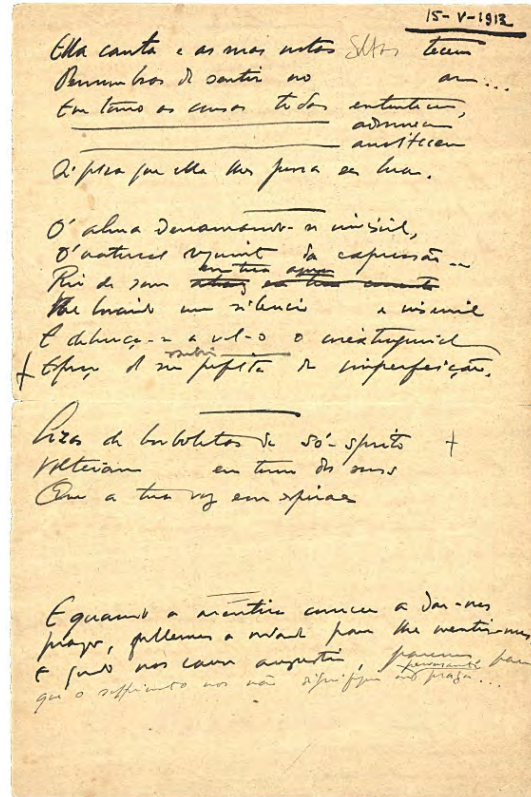
c. 15-05-1913

15-V-1913

Ella canta e as suas notas soltas<sup>1</sup> tecem  
 Penumbra de sentir no □ ar...  
 Em torno as cousas todas anoitecem,<sup>2</sup>  
 Só para que ella lhes possa ser luar.

Ó alma derramando-se invisível,  
 Ó natural requinte da expressão...  
 Rio de som em tuas aguas<sup>3</sup>  
 Vae<sup>4</sup> boiando em silencio □ e insensível  
 E debruça-se a vel-o o inextinguível  
 Esforço de subir de imperfeição<sup>5</sup>

Azas de borboletas de só-spirito<sup>6</sup>  
 Volteiam □ em torno dos sons  
 Que<sup>7</sup> a tua voz em espiraes

Fig. 2d. [5-26<sup>v</sup>].

E quando a mentira comece a dar-nos  
 prazer, fallemos a verdade para lhe mentirmos.  
 E quando nos cause angustia, paremos para  
 que o sofrimento nos não signifique ou perversamente praza...<sup>8</sup>

## MATERIAIS

Verso de uma das duas metades de um impresso de Proposta para Hypotheca; nessas metades estão manuscritos a tinta preta, para além destes versos, fragmentos do Livro do Desassossego.

## NOTAS

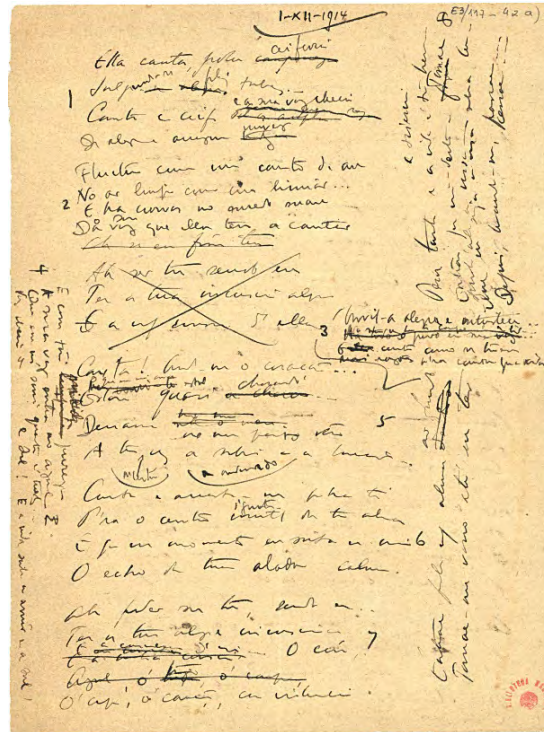
- 1 soltas ] acrescentada a lápis.
- 2 Em torno as cousas todas entristecem ] depois deste verso o autor ponderou outros dois, que talvez sejam variantes deste, alterando apenas o final: [↓ adormecem ] [↓ anoitecem ]
- 3 <atraz em tua corrente> [↑ em tuas aguas]
- 4 <S> /Vae\
- 5 Esforço de ser perfeita [↑ subir] de imperfeição. ] com um traço cortado à esquerda, indicando hesitação.
- 6 Azas de borboletas de só-spirito ] com um traço cortado à direita, indicando hesitação.
- 7 <E> /Q\ue
- 8 paremos para que o sofrimento nos não signifique ou [↑ perversamente] praza... ] acrescentado a lápis.

e. [117-42a<sup>r</sup>]

c. 01-12-1914

I-XII-1914

- Ella canta, pobre ceifeira<sup>1</sup>  
 Julgando-se feliz talvez.<sup>2</sup>  
 Canta e ceifa e a sua voz cheia<sup>3</sup>  
 De alegre e anonyma viuvez.<sup>4</sup>
- 5 Fluctua como um canto de ave  
 No ar limpo como um limiar...  
 E ha curvas no enredo suave  
 Do som<sup>5</sup> que ella tem a cantar.
- Ouvil-a alegre e entristece...  
 10 Na sua voz ha o campo e a lida...<sup>6</sup>  
 E canta<sup>7</sup> como se tivesse  
 Mais razões p'ra cantar que a vida...
- E com tão nitida pureza<sup>8</sup>  
 A sua voz entra no azul  
 15 Que em nós sorri quanto é tristeza...  
 E a vida sabe a amôr e a Sul!<sup>9</sup>
- Canta! Arde-me o coração...  
 O que em mim ouve esta chorando<sup>10</sup>  
 Derrama no meu peito vão<sup>11</sup>  
 20 A tua incerta voz ondeando...<sup>12</sup>
- Canta e arrasta-me p'ra ti  
 P'ra o centro ignoto<sup>13</sup> da tua alma  
 E que um momento eu sinta em mim  
 O echo da tua alada calma.
- 25 Ah poder ser tu, sendo eu...  
 Ter a tua alegre inconsciencia  
 E a consciencia d'isso... Ó céu,<sup>14</sup>  
 Ó campo, ó canção, com violencia.<sup>15</sup>
- Pesa tanto e a sciencia<sup>16</sup> é tão breve  
 30 Entrae por mim-dentro ... Tornae<sup>17</sup>  
 Minh'alma a vossa sombra leve...<sup>18</sup>  
 Depois, levando-me, cessae...<sup>19</sup>

Fig. 2e. [117-42a<sup>r</sup>].

## MATERIAIS

Uma folha parda, amarelada, manuscrita no rosto a tinta preta. A renumeração de estrofes é responsabilidade do autor. Segue-se as indicações numéricas na transcrição. Há dois versos escritos na parte inferior, na margem direita, na perpendicular: Entrae pela m/alma <dentro> [↑ ao fundo] | Tornae-me vosso até eu ter

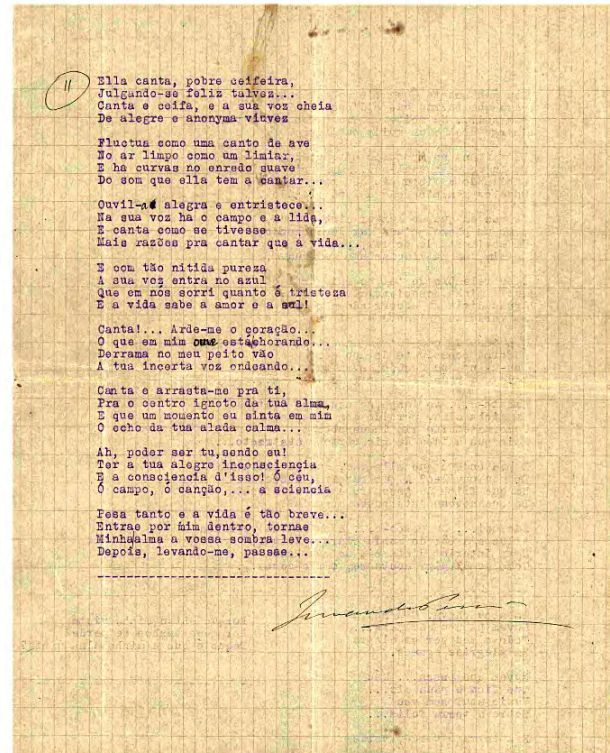
## NOTAS

- 1 <camponesa> [↑ ceifeira]
- 2 Julga<-se>[↑ando-se]<alegre> [↑ feliz talvez.]
- 3 <sob a ampla> [↑ <como quem roga>] [↑ e a sua voz cheia]
- 4 <tristeza> [↑ viuvez].
- 5 Da vez [↑Do som] *variantes alternativas; depois desta estrofe, segue-se uma outra, riscada:* <Ah se eu fôsse teu | Ah ser tu sendo eu | Ter a tua inconsciencia alegre | <S>/E\ a m/consc. d'ella>.
- 6 <Ha todo o povo em sua voz> [↑ Na sua voz ha o campo e a lida]
- 7 E <ella> canta
- 8 <limpida> [↑ <primitiva>/nitida\ ]>
- 9 Voz cheia de □ e Sul! [→ E a vida sabe a amôr e a Sul!]
- 10 <Estou quase a chorar> [↑ O que em mim ouve esta chorando]
- 11 Derrama<sobre o meu> [↑ <no meu>] [↓ no meu peito vão]
- 12 A tua [↓ incerta] voz <a subir e a baixar>
- 13 <inutil> [↑ ignoto]
- 14 <E a minha consciencia> [↑ E<eu consciente> {↑ a consciencia} d'isso...] O céu,] *acrescentamos acento no "O" antes de "céu".*
- 15 <Azul, ó seara [↑ trigo], ó campo> [↓ Ó campo, ó canção, com violencia.]
- 16 a vida [↑ a sciencia]
- 17 <fazei> [↑ Tornae]
- 18 <Que eu seja a sua/vossa> [↑Minh'alma a vossa] sombra leve...
- 19 passae [↓ cessae ]...

f. [ACR, CORR. 4483-3<sup>v</sup>]

s/d; em carta de 19 de janeiro de 1915

- Ella canta, pobre ceifeira,  
 Julgando-se feliz talvez...  
 Canta e ceifa, e a sua voz cheia  
 De alegre e anonyma viuvez
- 5 Fluctua como um canto<sup>1</sup> de ave  
 No ar limpo como um limiar,  
 E ha curvas no enredo suave  
 Do som que ella tem a cantar...
- Ouvil-a<sup>2</sup> alegre e entristece...  
 10 Na sua voz ha o campo e a lida,  
 E canta como se tivesse  
 Mais razões pra cantar que a vida...
- E com tão nitida pureza  
 A sua voz entra no azul  
 15 Que em nós sorri quanto é tristeza  
 E a vida sabe a amor e a sul!
- Canta!... Arde-me o coração...  
 O que em mim ouve está chorando<sup>3</sup>...  
 Derrama no meu peito vão  
 20 A tua incerta voz ondeando...
- Ah, poder ser tu, sendo eu!  
 Ter a tua alegre inconsciencia  
 E a consciencia d'isso! Ó céu,  
 Ó campo, ó canção, ... a sciencia
- 25 Pesa tanto e a vida é tão breve...  
 Entrae por mim dentro, tornae  
 Minha alma<sup>4</sup> a vossa sombra leve...  
 Depois, levando-me, passae...

Fig. 2f. [ACR, CORR. 4483-3<sup>v</sup>].

## MATERIAIS

Uma folha de quadricula datilografada no rosto a tinta roxa com algumas intervenções manuscritas.

## NOTAS

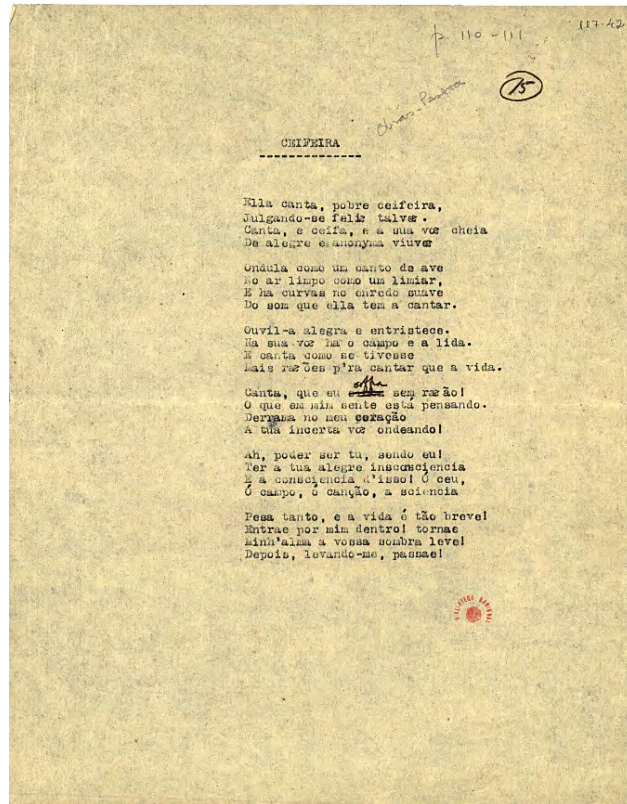
- 1 uma canto ] no original.
- 2 Ouvil-<t>[<-a] substituição manuscrita a tinta preta.
- 3 <t>/ouve\ está | chorando ] há uma barra vertical manuscrita a tinta preta.
- 4 [Minha | alma ] há uma barra vertical manuscrita a tinta preta.

g. [117-42<sup>1</sup>]

c. 1924

## CEIFEIRA

- Ella canta, pobre ceifeira,  
 Julgando-se feliz talvez.  
 Canta, e ceifa, e a sua voz cheia  
 De alegre e anonyma viuvez<sup>1</sup>
- 5 Ondula como um canto de ave  
 No ar limpo como um limiar,  
 E ha curvas no enredo suave  
 Do som que ella tem a cantar.
- Ouvil-a alegre e entristece.  
 Na sua voz ha o campo e a lida.  
 E canta como se tivesse  
 Mais razões p'ra cantar que a vida.
- Canta, que eu soffra<sup>2</sup> sem razão!  
 O que em mim sente está pensando  
 15 Derrama no meu coração<sup>3</sup>  
 A tua incerta voz ondeando!
- Ah, poder ser tu, sendo eu!  
 Ter a tua alegre inconsciencia  
 E a consciencia d'isso! Ó ceu,  
 20 Ó campo, ó canção, a sciencia
- Pesa tanto, e a vida é tão breve!  
 Entrae por mim dentro! tornae  
 Minh'alma a vossa sombra leve!  
 Depois, levando-me, passae!

Fig. 2g. [117-42<sup>1</sup>].

## MATERIAIS

Uma folha de papel de máquina datilografada no rosto a tinta preta com uma intervenção manuscrita. Figuram dois registros, a lápis, um na parte superior da folha "p. 110-111", e outro na diagonal superior direita, "Obras-Pessoa", em provável caligrafia de Maria Aliete Galhoz.

## NOTAS

- 1 viuvez ] sem ponto final.  
 2 <sinta > [↑ soffra] substituição manuscrita a tinta preta.  
 3 <pei[to]> /coração \

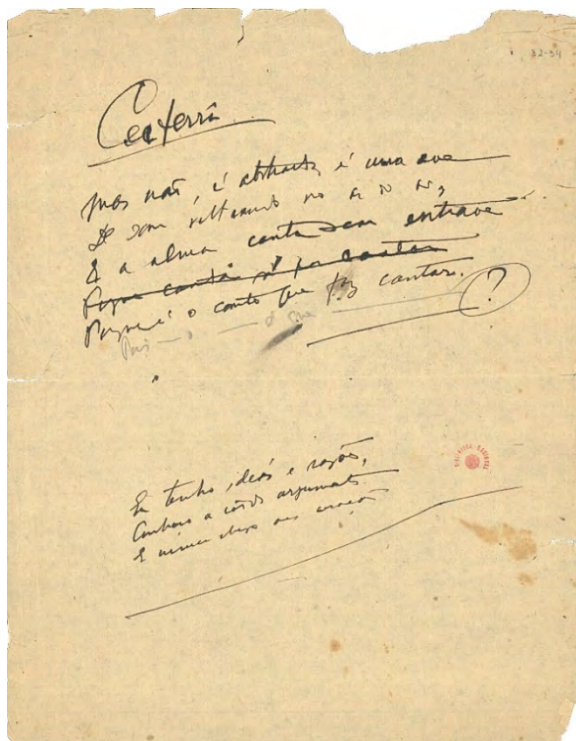
h. [32-34<sup>r</sup>]

c. 1932?

## Ceifeira

Mas não, é abstracta, é uma ave  
 De som volteando no ar do ar,  
 E a alma canta sem entrave  
 Pois o canto é que faz cantar.<sup>1</sup>

- 5 E tenho idéas e razões,  
 Conheço a côr dos argumentos  
 E nunca chego aos corações  
 □

Fig. 2h. [32-34<sup>r</sup>].

## MATERIAIS

Uma folha parda, com cortes irregulares e algum desgaste, manuscrita a tinta preta no rosto, com um verso a lápis.

## NOTAS

- <sup>1</sup> <Porque canta só por cantar> [↓ <Porque é o canto que faz cantar>] [↓ Pois o canto é que faz cantar.] [→ ?] o último verso, a lápis, tem palavras intercaladas por tracejados. Fazendo-se a substituição, obtém-se o verso

## 3. "Passos da Cruz – XII"

c. [48E-27<sup>r</sup>]

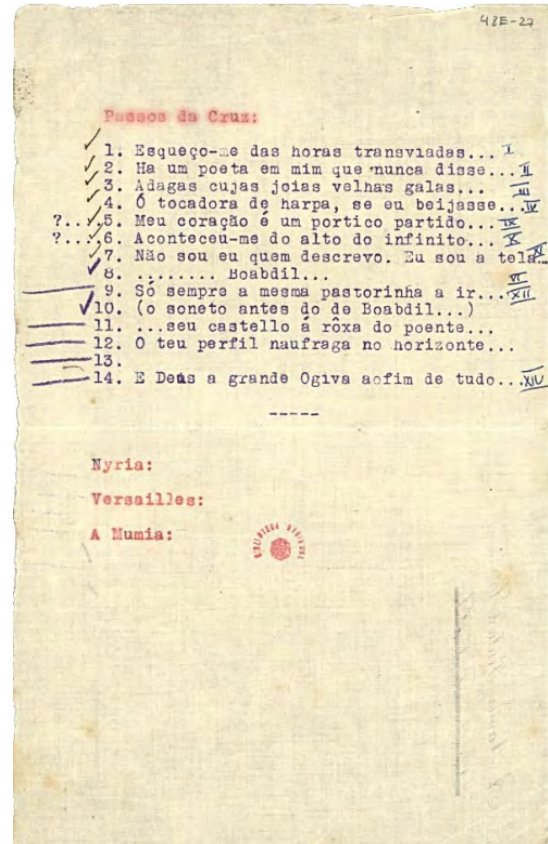
s/d

- ✓ 1. Esqueço-me das horas transviadas... I
- ✓ 2. Ha um poeta em mim que nunca disse... II
- ✓ 3. Adagas cujas joias velhas galas... III
- ✓ 4. Ó tocadora de harpa, se eu beijasse... IV
- ?...✓ 5. Meu coração é um portico partido...IX
- ?...✓ 6. Aconteceu-me do alto do infinito...X
- ✓ 7. Não sou em que descrevo. Eu sou a tela...XI
- ✓ 8. ... .. Boabdil... VI
- 9. Só sempre a mesma pastorinha a ir...XII
- ✓ 10. (o soneto antes do de Boabdil...)
- 11. ... seu castello á rôxa do poente...
- 12. O teu perfil naufraga no horizonte...
- 13.
- 14. E Deus a grande Ogiva aofim de tudo...XIV

Nyria:

Versailles:

A Mumia:

Fig. 3c. [48E-27<sup>r</sup>].

## MATERIAIS

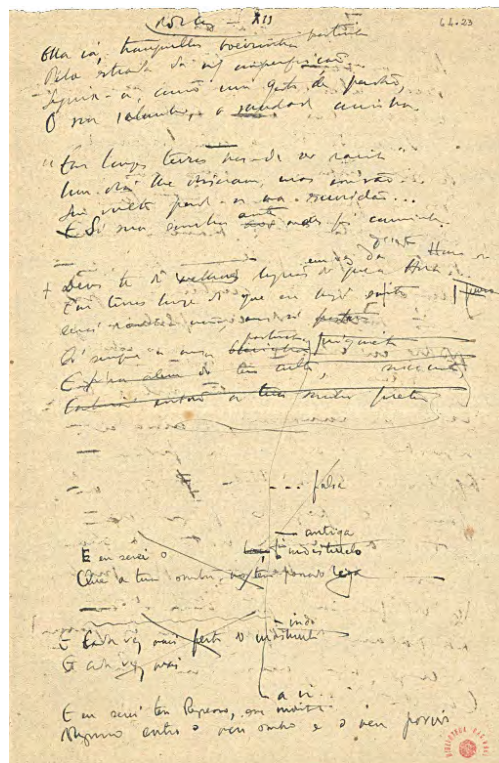
Folha de papel datilografada e numerada, contendo título em vermelho: "Passos da Cruz", encabeçando um projeto de quatorze poemas. A numeração do lado esquerdo, em algarismos arábicos, é datilografada e acompanhada por um sinal manuscrito indicativo de checagem dos poemas. Do lado direito dos versos, há uma outra numeração, só que romana e, também, manuscrita, mas em ordem diferente da que é indicada antes de cada verso. Há duas interrogações datilografadas, antecedendo os itens 5 e 6 da lista. O item 13 não apresenta verso, na referida lista. Segundo Fagundes Duarte, "O projeto deve ter sido feito de memória, porquanto alguns dos sonetos são identificados não pelo incipit mas por um outro verso" (cf. PESSOA, 2018: 164).



d. [64-23<sup>o</sup>]

PdaCruz – XII

- Ella ia, tranquila pastorinha<sup>1</sup>  
 Pela estrada da minha<sup>2</sup> imperfeição...  
 Seguia-a, como um gesto de perdão,  
 O seu rebanho, a saudade minha.
- 5 “Em terras longe há de ser rainha”  
 Um dia lhe disseram, mas em vão...  
 Seu vulto perde-se na escuridão...  
 Só<sup>3</sup> sua sombra ante<sup>4</sup> meus pés caminha...
- 10 Deus<sup>5</sup> te dê lyrios<sup>6</sup> em vez d’esta Hora<sup>7</sup>  
 Em terras longe do que eu hoje sinto<sup>8</sup>  
 Serás rainha não, mas só pastora –
- Só sempre a mesma pastorinha a ir<sup>9</sup>  
 E eu serei teu Regresso, esse indistincto  
 Abysmo entre o meu sonho e o meu porvir<sup>10</sup>

Fig. 3d [64-23<sup>o</sup>].

## MATERIAIS

Manuscrito a tinta numa folha de papel escrita de ambos os lados: no rosto, o presente poema; no verso, um texto em prosa não relacionável com o poema. Na face em que se encontra o poema temos, na margem superior, a indicação “PdaCruz – XII”, separada do texto por um pequeno traço horizontal (indício de que pode ter sido acrescentada depois de escrito o texto). A metade superior da página é ocupada pelo poema, formalmente completo (as duas quadras e os dois tercetos), mas com muitos riscados e substituições; na parte inferior, encontramos lições alternativas ou lições de substituição para alguns dos versos, entre elas as lições definitivas dos vv. 13-14 (cf. PESSOA, 2018: 176-177).

## NOTAS

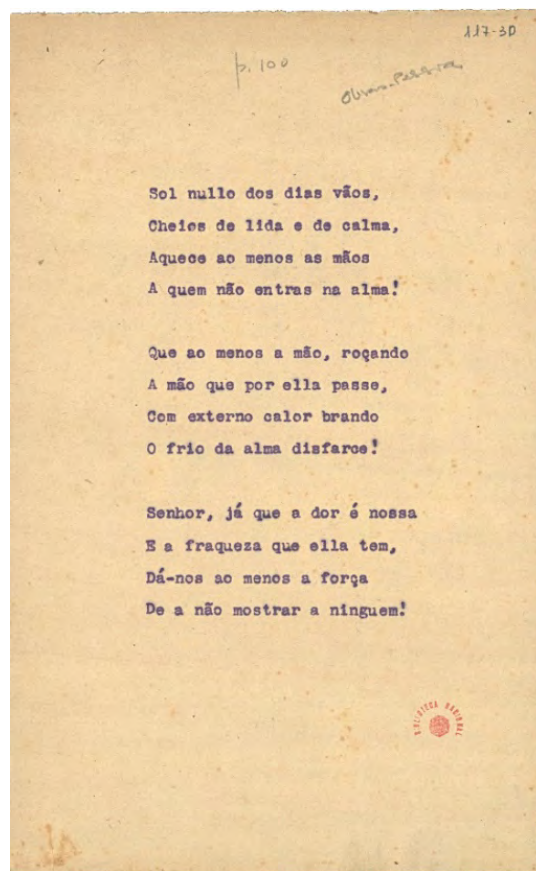
- 1 <boieirinha> [↑pastorinha]  
 2 m/ ] completámos a palavra “minha”.  
 3 <E>/S\ ó sua sombra  
 4 <aos> [↑ ante] meus pés caminha.  
 5 [← †] Deus  
 6 Deus te dê <melhores> lyrios  
 7 <do que a> [↑ em vez da] Hora [↑ d’esta Hora... ]  
 8 Em terras longe do que eu hoje sinto [→ <penso>]  
 9. Só sempre a mesma <boieirinha> [↑ pastorinha inquieta] [↓---falsa] [↓—antiga] [↓—indo] [↓—a ir.] são fornecidas quatro alternativas para o final do verso.  
 10 <E p’ra alem do teu culto, □ succinto,> | <Caberia então a tua † preta> | <E eu serei o □ <laço> [↑ fio] indistincto> | <Que a tu a sombra ao teu passado liga> | <E cada vez mais perto o indistincto [↓ E cada vez mais]> | [↓ E eu serei teu Regresso, esse indistincto [↑ a ti]] | [↓ Abysmo entre o meu sonho e o meu porvir].

## 4. "Canção" / "Sol nullo dos dias vãos"

d. [117-30<sup>a</sup>]

c. 1920

- Sol nullo dos dias vãos,  
Cheios de lida e de calma,  
Aquece ao menos as mãos  
A quem não entras na alma!
- 5 Que ao menos a mão, roçando  
A mão que por ella passe,  
Com externo calor brando  
O frio da alma disfarce!
- 10 Senhor, já que a dor é nossa  
E a fraqueza que ella tem,  
Dá-nos ao menos a força  
De a não mostrar a ninguém!

Fig. 4d. [117-30<sup>a</sup>].

## MATERIAIS

Folha pardo-amarelada, datilografada no rosto a tinta roxa. Existem dois registros, a lápis, um na parte superior da folha "p. 100", e outro na diagonal superior direita, "Obras-Pessoa".

e. [117-31<sup>1</sup>]

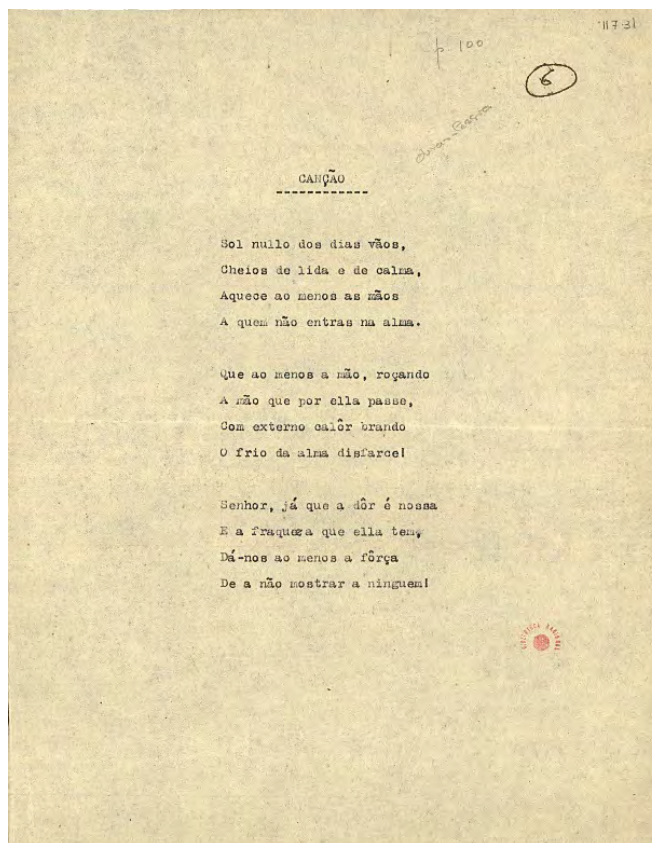
s/d

## CANÇÃO

Sol nullo dos dias vãos,  
Cheios de lida e de calma,  
Aquece ao menos as mãos  
A quem não entras na alma.

5 Que ao menos a mão, roçando  
A mão que por ella passe,  
Com externo calôr brando  
O frio da alma disfarce!

10 Senhor, já que a dôr é nossa  
E a fraqueza<sup>1</sup> que ella tem,  
Dá-nos ao menos a fôrça  
De a não mostrar a ninguém!

Fig. 4e. [117-31<sup>1</sup>].

## MATERIAIS

Folha pardo-acinzentada, datilografada no rosto a tinta preta. Há na diagonal direita superior um número "6", circulado a lápis, o sintagma "Obras-Pessoa", e "p. 100".

## NOTAS

<sup>1</sup> fraqueza ] parece que o tipo /z/ apresenta um problema de alinhamento.

## 5. "Canção de Outomno" / "No entardecer da terra"

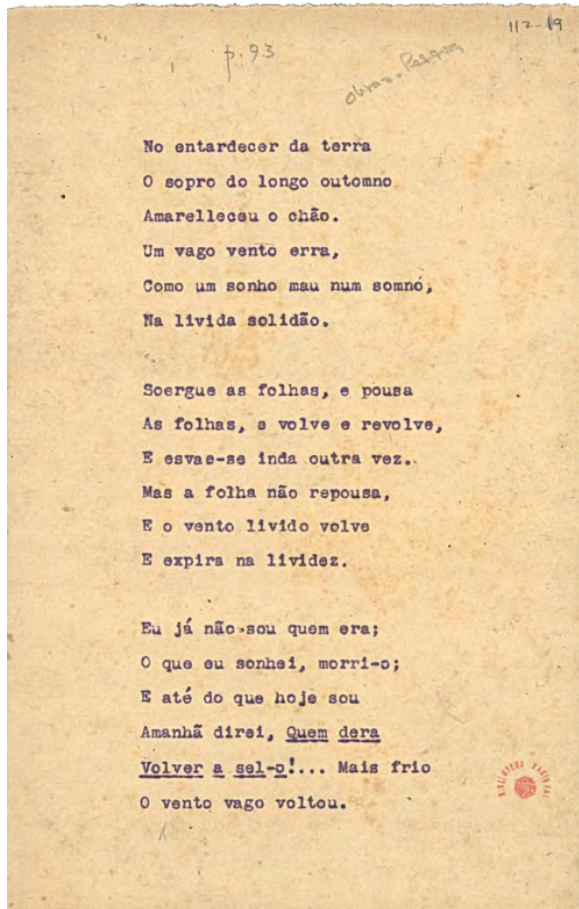
c. [117-19<sup>r</sup>]

s/d

No entardecer da terra  
 O sopro do longo outomno  
 Amarelleceu o chão.  
 Um vago vento erra,  
 5 Como um sonho mau num somno,  
 Na livida solidão.

Soergue as folhas, e pouosa  
 As folhas, e volve e revolve,  
 E esvae-se inda outra vez.  
 10 Mas a folha não repousa,  
 E o vento livido volve  
 E expira na lividez.

Eu já não sou quem era;  
 O que eu sonhei, morri-o;  
 15 E até do que hoje sou  
 Amanhã direi, Quem dera  
Volver a sel-o!... Mais frio  
 O vento vago voltou.

Fig. 5c. [117-19<sup>r</sup>].

## MATERIAIS

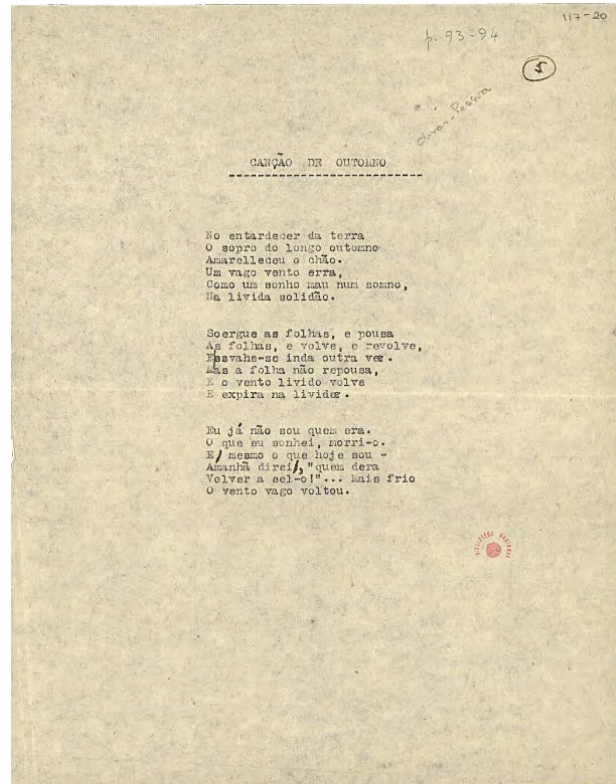
Folha pardo-amarelada, datilografada no rosto a tinta roxa. Há na diagonal direita superior o sintagma "Obras-Pessoa", e a indicação "p. 93".

d. [117-20<sup>2</sup>]

s/d

## CANÇÃO DE OUTOMNO

- No entardecer da terra  
O sopro do longo outomno  
Amarelleceu o chão.  
Um vago vento erra,  
5 Como um sonho mau num somno,  
Na livida solidão.
- Soergue as folhas, e poussa  
As folhas, e volve, e revolve,  
E esvahe-se<sup>1</sup> inda outra vez<sup>2</sup>.  
10 Mas a folha não repousa,  
E o vento livido volve  
E expira na lividez<sup>3</sup>.
- Eu já não sou quem era.  
O que eu sonhei, morri-o.  
15 E<sup>4</sup> mesmo o que hoje sou –  
Amanhã direi,<sup>5</sup> “quem dera  
Volver a sel-o!” ... Mais frio  
O vento vago voltou.

Fig 5d. [117-20<sup>2</sup>].

## MATERIAIS

Folha pardo-acinzentada, datilografada no rosto a tinta preta. Existem registros, a lápis, dois na parte superior da folha “p. 93-94” e o número “6” circulado, e outro na diagonal superior direita, “Obras-Pessoa”.

## NOTAS

- 1 E |esvalhe-se | com uma correção manuscrita de espaçamento.
- 2 vez ] o caractere /z/ da máquina apresenta um problema de alinhamento.
- 3 lividez ] o caractere /z/ da máquina apresenta o mesmo tipo problema.
- 4 E <, > mesmo ] intervenção manuscrita a tinta preta.
- 5 direi <: > [→ , ]. intervenção manuscrita a tinta preta.

## 6. "Prece"

## g. [59-9a']

c.

## Prece

- Senhor, a noite veio<sup>1</sup> e a alma é vil<sup>2</sup>.  
 Tanto foi o tormento e a tempestade<sup>3</sup>!  
 Perigos, guerras foram mil em mil!<sup>4</sup>  
 Hoje só resta, no silencio hostil,  
 5 Só resta o mar que<sup>5</sup> havia e a saudade.  
 Mas se a chamma que<sup>6</sup> a vida em nós gerou,  
 Porque inda ha vida, nao é inda extincta,  
 Se é amortecida, relapsada só  
 E pode renascer<sup>7</sup> fulva e distincta,  
 10 Dá o sopro, a aragem<sup>8</sup> — (ou desgraça ou ansia) —  
 Para que a brasa em chamma erguer-se possa,  
 E outra vez conquistemos a Distancia,  
 Do mar ou outra, mas<sup>9</sup> que seja nossa

31-12-1921

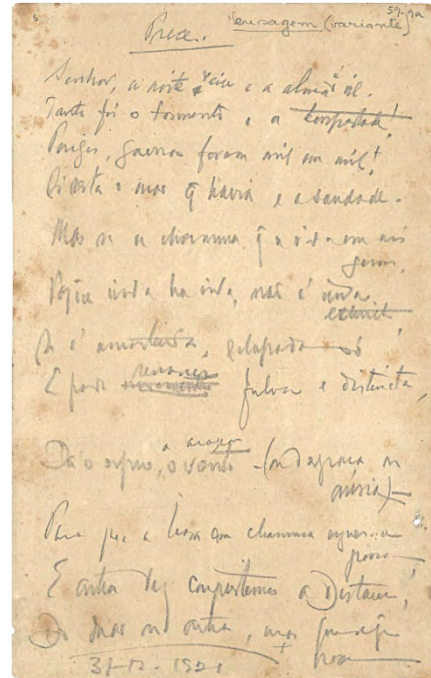


Fig. 6g. [59-9a'].

## MATERIAIS

Manuscrito a lápis, com diversas correções e marcas de dubitação feitas em campanha posterior. No cimo da página, pela mão de Maria Aliete Galhoz, a indicação também a lápis: "Mensagem (variante)". A data aparece no fim da página, com um traço a separá-la do texto.

## NOTAS

- 1 e [↑ veio]
- 2 a alma [↑ é] vil
- 3 <tempestade>
- 4 <!>/. \
- 5 q ] completámos a palavra "que".
- 6 q ] completámos a palavra "que".
- 7 <remontar> [↑ renascer]
- 8 o vento [↑ a aragem]
- 9 /mas/

h. [121-5<sup>a</sup>]

c. 31-12-1921; 01-01-1922

Prece.

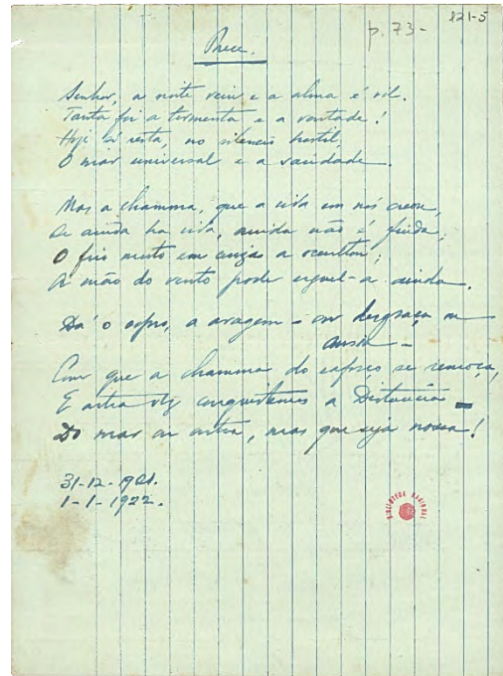
Senhor, a noite veio e a alma é vil.  
Tanta foi a tormenta e a vontade!  
Hoje só resta, no silencio hostil,  
O mar universal e a vaidade.

5 Mas a chamma, que a vida em nós creou  
Se ainda ha vida, ainda não é finda;  
O frio morto em cinza a resultou;  
A mão do vento pode erguel-a ainda.

10 Só o sopro, a aragem – ou desgraça ou ansia –  
Com que a chamma do esforço se remoça,  
E outra vez conquistemos a Distancia  
Do mar ou outra, mas que seja nossa !

31-12-1921

1-1-1922

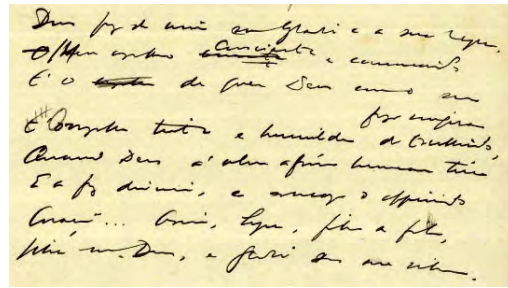
Fig. 6h. [121-5<sup>a</sup>].

## 7. "Gladio" / "D. Fernando, Infante de Portugal"

d. [11<sup>7</sup> EN-72<sup>r</sup>]

c. 1910

Deus fez de mim seu gladio e a sua lyra,  
 Meu<sup>1</sup> orgulho consciente<sup>2</sup> e commovido  
 É o<sup>3</sup> de quem Deus com o seu fazer ungira  
 Orgulho<sup>4</sup> triste e humilde de Escolhido,  
 5 Quando Deus á alma a fôrma humana tira  
 E a faz divina, e esmaga o oprimido  
 Coração... Assim, lyra, fibra a fibra  
 Vibra com Deus, e gladio Deus me vibra.

Fig. 7d. [11<sup>7</sup> EN-72<sup>r</sup>].

## MATERIAIS

Pormenor de um fragmento de papel liso com duas margens irregulares, vincado na horizontal. Veja-se o contributo de BARBOSA et al., "Portugal, o primeiro aviso de Mensagem: 106 documentos inéditos". <https://doi.org/10.26300/djfd-kf82>

## NOTAS

- 1 <O>/Meu\
- 2 <consciente>[↑consciente]
- 3 <orgulho>
- 4 <E> <o>/O\ rgulho

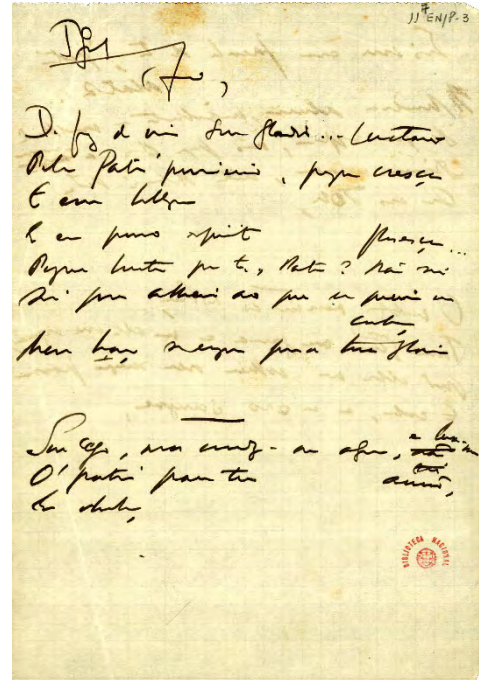


e. [11<sup>7</sup> EN/P-3<sup>r</sup>]

c. 1910

P[ortu]gal  
(fim)

- Deus<sup>1</sup> fez de mim seu gladio...Luctarei  
 Pela Patria primeiro, porque cresça  
 E em belleza □  
 E em puro espirito □ floresça...  
 5 Porque lutar por ti, Patria? Não sei.<sup>2</sup>  
 Sei que alheio ao que eu queira ou conheça  
 Meu braço<sup>3</sup> soerguer para a tua gloria  
 □  
 Sou cego, mas conduz-me alguém, e leva-me<sup>4</sup>  
 Ó patria para teu □ amôr,  
 10 Eu \*obedeço □

Fig. 7e. [11<sup>7</sup> EN/P-3<sup>r</sup>].

## MATERIAIS

Folha quadriculada no rosto com linhas muito ténues, com picotado e manchas evidentes na margem superior (materialmente afim a 11<sup>7</sup> EN-P-2). O primeiro verso será a primeira versão da abertura do célebre poema “D. Fernando, Infante de Portugal” de Mensagem, inicialmente intitulado “Gládio” quando escrito em 1913; há pelo menos um outro verso em “Portugal” que também deve ser considerado como variante: “Deus fez de mim seu gladio e a sua lyra” (em 11<sup>7</sup> EN-72<sup>r</sup>). Veja-se o contributo de BARBOSA et al., “Portugal, o primeiro aviso de Mensagem: 106 documentos inéditos”. <https://doi.org/10.26300/djfd-kf82>

## NOTAS

- 1 D. ] completámos a palavra “Deus”.
- 2 sei[.] ponto final editorial.
- 3 /braço/
- 4 <não sei>[↑e leva-me]

f. [57-40<sup>v</sup>]

c. 21-7-1923

**Gladío**

21/7/1913

Deu-me Deus o Seu Gladio, porque eu faça  
 A sua santa guerra...  
 Sagrou-me seu em genio e em desgraça  
 As horas em<sup>1</sup> que um frio vento passa  
 Por sobre a fria terra...

5

Poz-me as mãos sobre os hombros e dourou-me  
 A fronte com o olhar  
 E esta febre<sup>2</sup> de Além que me consome  
 E este querer justiça são Seu Nome<sup>3</sup>  
 Dentro em mim a vibrar...

10

E eu vou, e a luz do Gladio erguido dá

## MATERIAIS

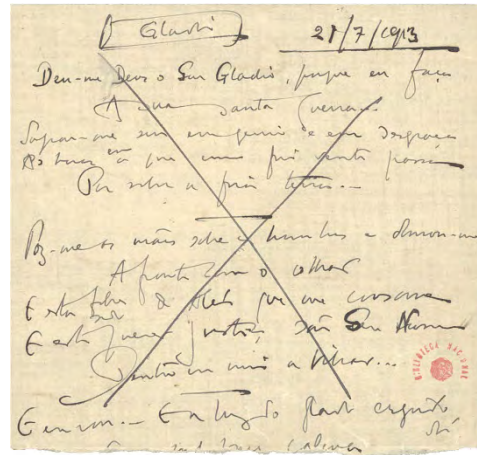
Fac-similado na primeira edição crítica de Mensagem (PESSOA, 1993). Folha amarelada, rasgada na parte inferior, manuscrita a tinta preta. Encontra-se riscado.

## NOTAS

<sup>1</sup> a [↑ em]

<sup>2</sup> sede [↑ febre]

<sup>3</sup> <s >/S\eu <n>/N\ome

Fig. 7f. [57-40<sup>v</sup>].

g. [57A-31<sup>r</sup>]

c. 31 de agosto de 1915

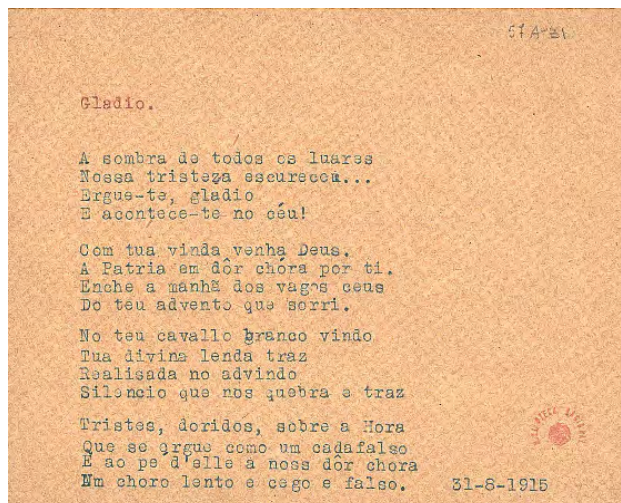
Gladio.

A sombra de todos os luares  
 Nossa tristeza escureceu...<sup>1</sup>  
 Ergue-te, gladio  
 E acontece-te no céu!

5 Com tua vinda venha Deus.  
 A Patria em dôr chora por ti.  
 Enche a manhã dos vagos ceus  
 Do teu advento que sorri.

10 No teu cavallo branco<sup>2</sup> vindo  
 Tua divina lenda traz  
 Realisada no advindo  
 Silencio que nos quebra e traz

15 Tristes, doloridos, sobre a Hora  
 Que se ergue como um cadafalso  
 E ao pé d'alle a nossa<sup>3</sup> dôr chora  
 Um<sup>4</sup> choro lento e cego e falso. 31-8-1915

Fig. 7g. [57A-31<sup>r</sup>].

## MATERIAIS

Fac-similado na edição crítica de Mensagem, 1993. Folha datilografada no rosto a tinta preta, com título em vermelho. Vê-se um registro a lápis na diagonal superior direita com a cota 57A-31. O testemunho datilografado intitulado "Gladio", não chegou a ser publicado em vida do escritor.

## NOTAS

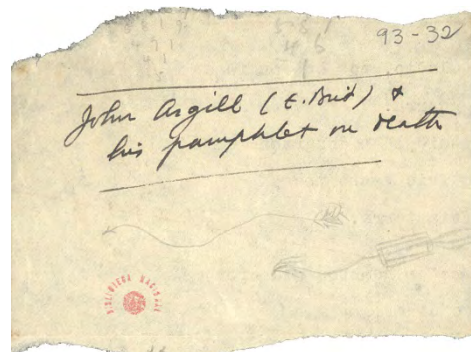
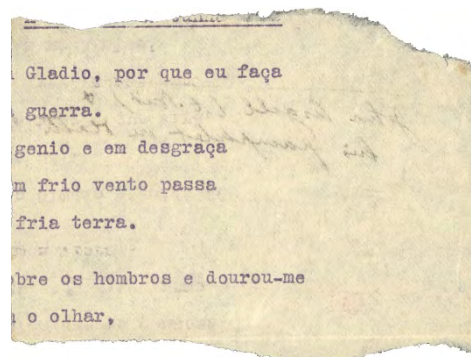
- 1 escurece <i>/u \ ...
- 2 <g>/b \ ranco
- 3 noss ] completámos a palavra.
- 4 <A>/U \ m

**h. [93-32<sup>v</sup>]**

sem data

Gladio, por que eu faça guerra  
genio e em desgraça  
[u]m frio vento passa  
fria terra.

5 [so]bre os hombros e dourou-me  
o olhar,



Figs. 7h<sup>1</sup> e 7h<sup>2</sup>. [93-32<sup>v</sup>] e [93-32<sup>r</sup>].

**MATERIAIS**

Versos de “Gladio” datilografados a tinta roxa num fragmento de folha. No rosto, a tinta preta, há menção a “John Asgill (E. Brit) & his pamphlet on death”, e a lápis, formando dois triângulos invertidos, certos números “5891 491 41 5”, “581 46 1”, e ainda os desenhos de duas setas.

i. [121-1<sup>r</sup>]

c. 1924?

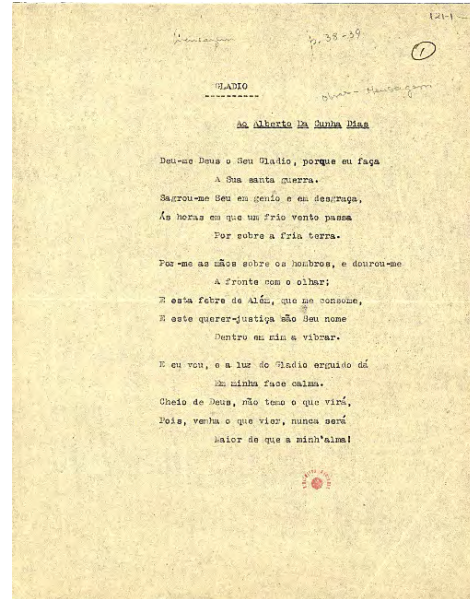
## GLADIO

Ao Alberto da Cunha Dias

Deu-me Deus o Seu Gladio, porque<sup>1</sup> eu faça  
 A Sua santa guerra.  
 Sagrou-me Seu em genio e em desgraça,  
 Às horas em que um frio vento passa  
 5 Por sobre a fria terra.

Poz-me<sup>2</sup> as mãos sobre os ombros, e dourou-me  
 A fronte com o olhar;  
 E esta febre de Além, que me consome,  
 E este querer-justiça são Seu nome  
 10 Dentro em mim a vibrar.

E eu vou, e a luz do Gladio erguido dá  
 Em minha face calma.  
 Cheio de Deus, não temo o que virá,  
 Pois, venha o que vier, nunca será  
 15 Maior de que a minh'alma!

Fig. 7i. [121-1<sup>r</sup>].

## MATERIAIS

Folha de papel datilografada no rosto a tinta preta. Vê-se um registro a lápis no canto superior direito da folha: "Obras-Mensagem", bem como registro feito a lápis, quase centralizado, na parte superior da folha, onde se lê: "Mensagem" provavelmente em caligrafia de Maria Aliete Galhoz. Ainda no canto superior direito, a tinta preta, encontra-se o número "1" circulado. Essa mesma notação pode ser observada em outros testemunhos datilografados, como no caso de "Canção" (117-31<sup>r</sup>).

## NOTAS

- <sup>1</sup> porque ] tipo /q/ mais escuro, aparentando problema na máquina ou alteração manuscrita feita com tinta.
- <sup>2</sup> Poz-me ] tipo /z/ aparenta problema de alinhamento. Vê-se o mesmo em poemas do conjunto publicado em Athena, como "Ceifeira" (117-42) e "Canção" (117-31). Provavelmente os poemas foram datilografados na mesma máquina.

j. [121-2<sup>r</sup>]

c. 1924?

## GLADIO

A Alberto da Cunha Dias

Deu-me Deus o seu Gladio, por que eu faça  
 A sua sancta guerra.  
 Sagrou-me seu em genio e em desgraça  
 Ás horas em que um frio vento passa  
 5 Por sobre a fria terra.

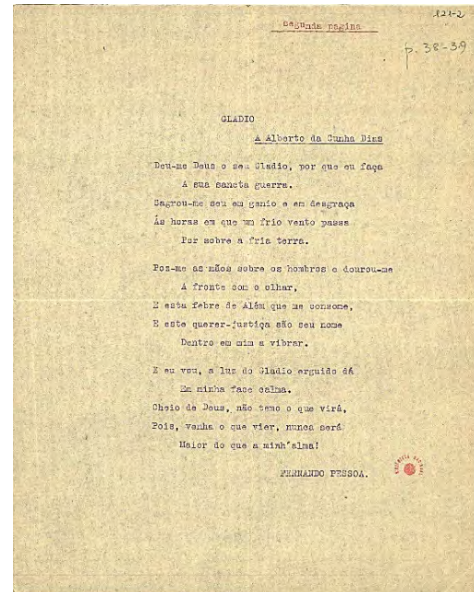
Poz-me as mãos sobre os hombros e dourou-me  
 A fronte com o olhar,  
 E esta febre de Além, que me consome,  
 E este querer-justiça são seu nome  
 10 Dentro em mim a vibrar.

E eu vou, a luz do Gladio erguido dá  
 Em minha face calma.  
 Cheio de Deus, não temo o que virá,  
 Pois, venha o que vier, nunca será  
 15 Maior do que a minh'alma!

FERNANDO PESSOA.

## MATERIAIS

Folha de papel datilografada no rosto a tinta roxa. Vê-se um registro a lápis no canto superior direito da folha: "(p. 38-39)". A inscrição "segunda pagina", sublinhada na parte superior da folha, sugere conexão com outra página.

Fig. 7j. [121-2<sup>r</sup>].

## k. [146] [p. 32]

1934

## Segunda

## D. FERNANDO, INFANTE DE PORTUGAL

Deu-me Deus o seu gladio, porque eu faça  
 A sua santa guerra.  
 Sagrou-me seu em honra e em desgraça,  
 Às horas em que um frio vento passa  
 Por sobre a fria terra.

5

Poz-me as mãos sobre os ombros e doirou-me  
 A fronte com<sup>1</sup> o olhar;  
 E esta febre de Além, que me consome,  
 E este querer grandeza são seu nome  
 Dentro em mim a vibrar.

10

E eu vou, e a luz do gladio erguido dá  
 Em minha face calma.  
 Cheio de Deus, não temo o que virá,  
 Pois, venha o que vier, nunca será  
 Maior do que a minha alma.

15

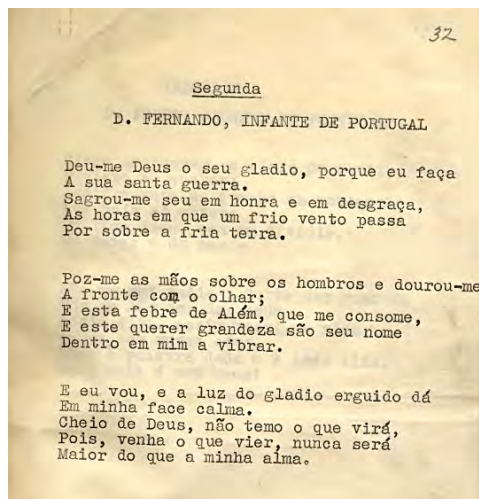


Fig. 7k. [146] [p. 32].

## MATERIAIS

Poema datilografado. Encontra-se na versão de Mensagem encadernada em tecido cinzento, com identificação na lombada, isto é, no conjunto datilografado anterior à versão impressa do livro. É este conjunto que possui o título datilografado PORTUGAL, riscado e substituído pelo título Mensagem, a lápis.

## NOTAS

<sup>1</sup> co<ç> /m\

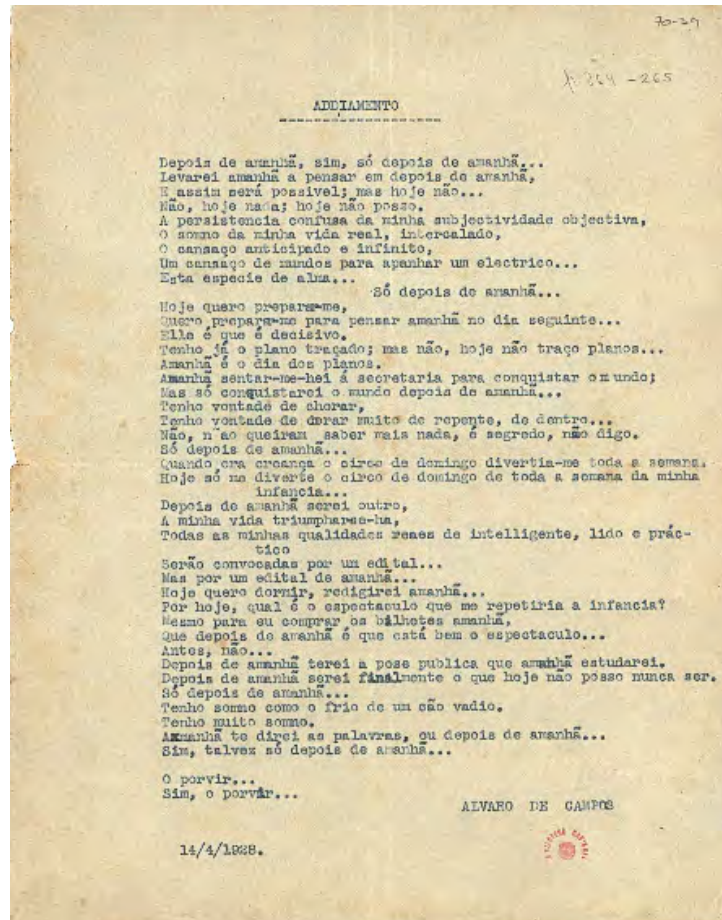
## 8. "O menino da sua mãe"

Não se conhecem testemunhos, para além do impresso.

## 9. Addiamento

d. [70-39<sup>a</sup>]

c. 14-4-1928

Fig. 9d. [70-39<sup>a</sup>].

## ADDIAMENTO

- Depois de amanhã, sim, só depois de amanhã...  
 Levarei amanhã a pensar em depois de amanhã,  
 E assim será possível; mas hoje não...  
 Não, hoje nada; hoje não posso.  
 5 A persistencia confusa da minha subjectividade objectiva,  
 O somno da minha vida real, intercalado,  
 O cansaço anticipado e infinito,  
 Um cansaço de mundos para apanhar um electrico...  
 Esta especie de alma...  
 10 Só depois de amanhã...



Hoje quero preparar-me,  
 Quero preparar-me para pensar amanhã no dia seguinte...  
 Elle é que é decisivo.  
 Tenho já o plano traçado; mas não, hoje não traço planos...  
 15 Amanhã é o dia dos planos.  
 Amanhã<sup>1</sup> sentar-me-hei á secretaria para conquistar o mundo;  
 Mas só conquistarei<sup>2</sup> o mundo depois de amanhã...  
 Tenho vontade de chorar,  
 Tenho vontade de chorar<sup>3</sup> muito de repente, de dentro...  
 20 Não, não<sup>4</sup> queiram saber mais nada, é segredo, não<sup>5</sup> digo.  
 Só depois de amanhã...  
 Quando era creança o circo de domingo divertia-me toda a semana.  
 Hoje só me diverte o circo de domingo de toda a semana da minha infancia...  
 Depois de amanhã serei outro,  
 25 A minha vida triumphar-se-ha,  
 Todas as minhas qualidades reaes de intelligente, lido e práctico  
 Serão convocadas por um edital...  
 Mas por um edital de amanhã...  
 Hoje quero dormir, redigirei amanhã...  
 30 Por hoje, qual é o espectáculo que me repetiria a infancia?  
 Mesmo para eu comprar os bilhetes amanhã,  
 Que depois de amanhã é que está bem o espectáculo...  
 Antes, não...  
 Depois de amanhã terei a pose publica que amanhã<sup>6</sup> estudarei.  
 35 Depois de amanhã serei finalmente<sup>7</sup> o que hoje não posso nunca ser.  
 Só depois de amanhã...  
 Tenho somno como o frio de um cão vadio.  
 Tenho muito somno.  
 Amanhã<sup>8</sup> te direi as palavras, ou depois de amanhã...  
 40 Sim, talvez só depois de amanhã...  
  
 O porvir...  
 Sim, o porvir<sup>9</sup>...

ÁLVARO DE CAMPOS

14/4/1928.

## NOTAS

1 A&lt;a&gt;/m \anhã

2 con&lt;s&gt;/q \uistarei

3. chorar ] *ocorreu possivelmente uma falha de alinhamento da máquina na palavra "chorar".*4. não ] *o caractere do til em "não" foi datilografado antes da letra "a", causando um deslocamento.*

5 n&lt;n&gt;/ã \o

6 am&lt;nh&gt;/an \hã

7 f&lt;ani&gt;/ina \lmente

8 A&lt;m&gt;/x \manhã

9 porv&lt;e&gt;/i \r

## 10. Gomes Leal

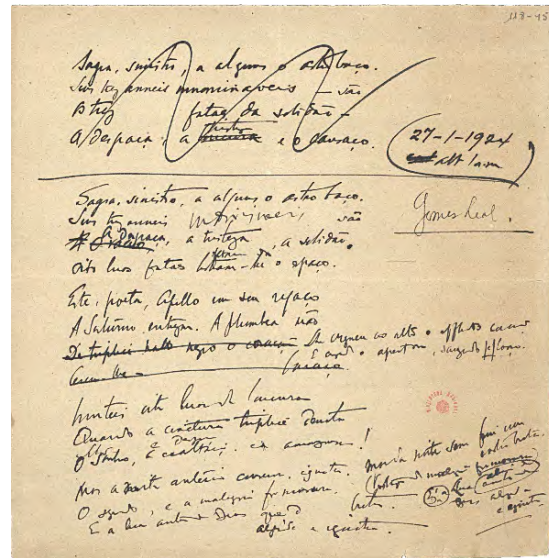
c. [118-45<sup>r</sup>]c. 27-1-1924<sup>1</sup>

Sagra, sinistro, a alguns o astro baço.<sup>1</sup>  
 Seus trez aneis indivisiveis<sup>2</sup>, são  
 A Desgraça<sup>3</sup>, a tristeza, a solidão...  
 Oito luas fataes toldam-lhe<sup>4</sup> o espaço.

- 5 Este, poeta, Apollo em teu regaço  
 A Saturno entregou. A plumbea mão  
 Lhe ergueu ao alto afflicto coração,<sup>5</sup>  
 E, erguido, o apertou, sangrando lasso.<sup>6</sup>

- Inuteis oito luas da loucura  
 10 Quando a cintura triplice Denota  
 O sonho<sup>7</sup>, a exaltação<sup>8</sup> e amargura!

Mas da noite anterior cresceu, ignota.<sup>9</sup>  
 O segredo, e a maligna formosura<sup>10</sup>  
 E a lua além de Deus, algida e ignota.<sup>11</sup>

Fig. 10c. [118-45<sup>r</sup>].

## MATERIAIS

Manuscrito a tinta, com muitas correções. Na parte superior, temos uma versão genética dos vv. 1-3, cancelada por um traço ondulado, e a data à direita. Existem um traço separador e novo início do poema, já completo mas com muitas emendas. O título foi acrescentado mais tarde, com outro instrumento de escrita, na margem direita (cf. PESSOA, 2018: 348-349).

## NOTAS

- <sup>1</sup> <Sagra, sinistro, a alguns o astro baço. | Seus trez aneis indivisiveis – são | As trez □ fataes da solidão – | A desgraça, a <loucura> [ ↑ tristeza ] e o cansaço. > | Sagra, sinistro, a alguns o astro baço.  
<sup>2</sup> Seus trez aneis indivisiveis, são  
<sup>3</sup> <A> <O Vácuo> [ ↑ A Desgraça ]  
<sup>4</sup> toldam-lhe [ ↑ fitam do ]  
<sup>5</sup> <De triplice hallo negro o coração> [ → Lhe ergueu ao alto o afflicto coração, ]  
<sup>6</sup> <Cerrou-lhe □ baraço> [ → E erguido o apertou, sangrando | e | lasso. ]  
<sup>7</sup> Sonho [ ↑ Solidão ]  
<sup>8</sup> a exaltação [ ↑ a Desgraça ]  
<sup>9</sup> ignota [ → Mas da noite da noite sem fim um rastro brota ]  
<sup>10</sup> formosura [ → Vestígio de maligna formosura ]  
<sup>11</sup> Deus que o [ ↓ afligida e ignota ] □ † [ → 3.<sup>a</sup> Lua † afligida e ignota. ]

d. [66D-18<sup>r</sup>]

s/d

## GOMES LEAL

Sagra, sinistro, a alguns o astro baço.  
Seus trez anneis indivisiveis são  
A desgraça, a tristeza, a solidão.  
Oito luas fataes fitam do espaço.

5 Este poeta, Apollo em seu regaço  
A Saturno entregou. A plumbea mão  
Lhe ergueu ao alto o afflicto coração,  
E, erguido, o apertou, sangrando lasso.

10 Inuteis oito luas da loucura  
Quando a cintura triplice denota  
Solidão e desgraça e amargura!

Mas da noite<sup>1</sup> sem fim um rastro brota,  
Vestigio de maligna formosura:  
É a lua além de Deus, algida e ignota.

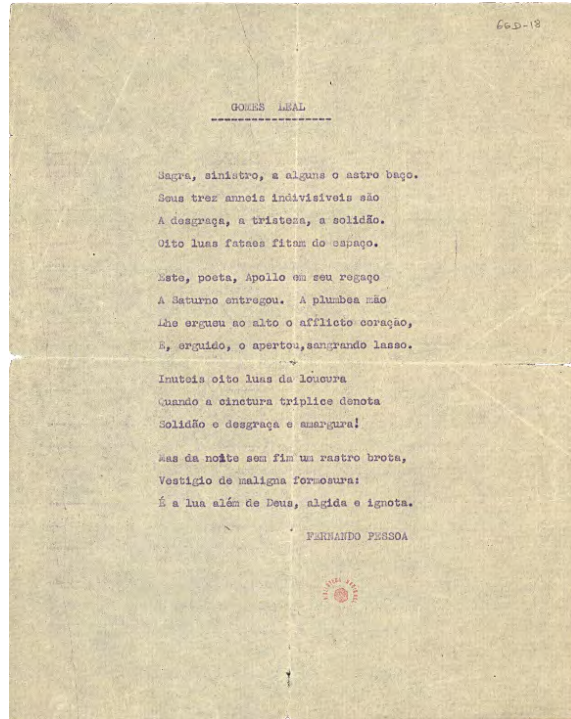
FERNANDO PESSOA

## MATERIAIS

Texto datilografado e sem correções, com título e assinatura no fim. A folha tem marcas de ter sido dobrada em quatro.

## NOTAS

<sup>1</sup> no<n>/i\te

Fig. 10d. [66D-18<sup>r</sup>].

## Bibliografia

- ALMEIDA, Teresa Sousa de (1994). “Athena ou a encenação necessária”. *Athena: Revista de Arte*. Lisboa: Contexto Editora. 2ª edição fac-similada.
- ARAUJO, Diane Walker; GAGLIARDI, Caio (2015). “Jorge de Sena depois de João Gaspar Simões: a abordagem evolutiva nos estudos pessoanos dos anos 50 e 60”. *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 7, primavera, pp. 67-93. Brown Digital Repository, Brown University Library. <https://doi.org/10.7301/Z0445JZR>
- BARBOSA, Nicolás; PIZARRO, Jerónimo; PITELLA, Carlos; SOUSA, Rui (2020). “Portugal, o primeiro aviso de Mensagem: 106 documentos inéditos”. *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 17, primavera, pp. 76-229. Brown Digital Repository, Brown University Library. <https://doi.org/10.26300/djfd-kf82>
- BLANCO, José (1983). *Fernando Pessoa: Esboço de uma Bibliografia*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- BOURA, Ana Isabel (2014). “Morto em combate: a figura do soldado em ‘Legende vom toten Soldaten’, de Bertolt Brecht, e ‘O menino da sua mãe’, de Fernando Pessoa”. *Cadernos de Literatura Comparada*, n.º 31, pp. 43-62. <https://ilc-cadernos.com/index.php/cadernos/article/view/271>
- CONGRESSO INTERNACIONAL DE FERNANDO PESSOA (2021). Casa Fernando Pessoa, Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, 13 de outubro. <https://www.youtube.com/watch?v=9A0JDaz7hKE>
- FEIJÓ, António M. (1996). “A constituição dos heterónimos. I. Caeiro e a correcção de Wordsworth”. *Colóquio/Letras*, n.º 140/141, Abril, pp. 48-60. <https://coloquio.gulbenkian.pt/>
- FERREIRA, Sara Afonso (2008). “Diário de Lisboa”. *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Lisboa: Caminho, pp. 219-220.
- FREITAS, Filipa de (2017). “Álvaro de Campos: dois poemas na Coleção Fernando Távora”. *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 12, outono, pp. 489-502. Brown Digital Repository, Brown University Library. <https://doi.org/10.7301/Z0N29V5N>
- GALHOZ, Maria Aliete (1991). “Em torno ao poema de Fernando Pessoa ‘Ó sino da minha aldeia’ – nota preliminar e breve achega ao seu estudo”. *Estudos Portugueses – Homenagem a Luciana Stegagno Picchio*. Lisboa: Difusão Editorial, pp. 743-758.
- IANNONE, Carlos Alberto (1975). *Bibliografia de Fernando Pessoa*. São Paulo: Edições Quíron.
- JENNINGS, Hubert Dudley (1969). “Alguns aspectos da vida de Fernando Pessoa na África do Sul”. *Colóquio: Revista de Artes e Letras*, n.º 52, Lisboa, pp. 64-69. Podem explorar-se os 60 volumes da revista. <https://coloquio.gulbenkian.pt/al/sirius.exe/artigo?1528&1528>
- LOPES, Teresa Rita (1990). *Pessoa por Conhecer – II. Textos para um novo mapa*. Lisboa: Estampa.
- MARQUES, Fernando Carmino (2016). “Pierre Hourcade e a descoberta de Fernando Pessoa: novas cartas e outros escritos”. *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 9, primavera, pp. 399-494. Brown Digital Repository, Brown University Library. <https://doi.org/10.7301/Z0F769ST>
- MARTINHO, Fernando J. B. (2013). “A liberdade, segundo Campos”, *Actas do Congresso Internacional Fernando Pessoa*. Lisboa: Casa Fernando Pessoa, Teatro Aberto, 30 de nov., pp. 282-289. [https://www.casafernandopessoa.pt/application/files/7915/1698/4246/CFP\\_ACTAS\\_2013.pdf](https://www.casafernandopessoa.pt/application/files/7915/1698/4246/CFP_ACTAS_2013.pdf)
- MARTINS, Fernando Cabral (2008) (org.). *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Lisboa: Caminho.
- MONTEIRO, George (2015). “World War I: Europe, Africa and ‘O menino da sua mãe’”. *Portuguese Literary & Cultural Studies*, n.º 28 (special issue: *Fernando Pessoa as English Reader and Writer*; guest editors, Patricio Ferrari & Jerónimo Pizarro), pp. 47-65. “Published on-line: 2017-05-12”. <https://ojs.lib.umassd.edu/index.php/plcs/issue/view/PLCS28>
- \_\_\_\_\_ (1989). “The Song of the Reaper: Pessoa and Wordsworth”. *Portuguese Studies*, n.º 5, pp. 71-80. <https://www.jstor.org/stable/41104880>

- NEMÉSIO, Jorge (1958). *A Obra Poética de Fernando Pessoa: Estrutura de Futuras Edições*. Bahia: Publicações da Universidade.
- \_\_\_\_\_. (1957). *Os Inéditos de Fernando Pessoa e os Critérios do Dr. Gaspar Simões*. Lisboa: Edições Eros.
- ORPHEU (2015). Edição fac-similada da revista. Material reunido numa caixa de colecção forrada a tecido, serigrafada e numerada. Lisboa: Tinta-da-china.
- \_\_\_\_\_. (1994). Prefácio de Fernando Cabral Martins. Edição fac-similada. Lisboa: Contexto.
- PESSOA, Fernando (2018a). *Antologia Mínima – Poesia*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Tinta-da-china.
- \_\_\_\_\_. (2018b). *Fausto*. Edição de Carlos Pittella; colaboração de Filipa de Freitas. Lisboa: Tinta-da-china.
- \_\_\_\_\_. (2018c). *Mensagem e Poemas Publicados em Vida*. Edição crítica de Luiz Fagundes Duarte. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- \_\_\_\_\_. (2015) *Obra Completa de Álvaro de Campos*. Edição de Jerónimo Pizarro e Antonio Cardiello, com colaboração de Jorge Uribe e Filipa Freitas. Rio de Janeiro: Tinta-da-china Brasil
- \_\_\_\_\_. (2013a). *Eu Sou Uma Antologia: 136 autores fictícios*. Edição de Jerónimo Pizarro e Patrício Ferrari. Lisboa: Tinta-da-china.
- \_\_\_\_\_. (2013b). *Proses – Volume I 1912-1922*. Edição de José Blanco. Paris: Éditions de la Différence.
- \_\_\_\_\_. (2013c). *Proses – Volume II 1923-1935*. Edição de José Blanco. Paris: Éditions de la Différence.
- \_\_\_\_\_. (2006). *Prosa Publicada em Vida*. Edição de Richard Zenith. Lisboa: Assírio & Alvim.
- \_\_\_\_\_. (2005). *Obra Poética*. Organização, introdução e notas de Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- \_\_\_\_\_. (2000). *Crítica, Ensaios, Artigos e Entrevistas*. Edição de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Assírio & Alvim.
- \_\_\_\_\_. (1998a). *Correspondência. 1905-1922*. Edição de Manuela Parreira da Silva. Lisboa: Assírio & Alvim.
- \_\_\_\_\_. (1998b) *Ficções do Interlúdio*. Edição de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Assírio & Alvim.
- \_\_\_\_\_. (1993). *Mensagem e Poemas Esotéricos*. Coordenação, José Augusto Seabra. Madrid: ALLCA; Porto: Fundação A. Almeida. Coleção Archivos.
- \_\_\_\_\_. (1986). *Obra Poética e em Prosa*. Introdução, organização, biobibliografia e notas de António Quadros e Dalila Pereira da Costa. Porto: Lello. Vol. I.
- \_\_\_\_\_. (1957). *Cartas de Fernando Pessoa a João Gaspar Simões*. Introdução, apêndice e notas do destinatário. Lisboa: Europa-América.
- \_\_\_\_\_. (1953). *Poemas Inéditos: Destinados ao n.º 3 do “Orpheu”*. Prefácio de Adolfo Casais Monteiro. Lisboa: Inquérito.
- PITTELLA, Carlos; PIZARRO, Jerónimo (2016). *Como Fernando Pessoa Pode Mudar a Sua Vida*. Rio de Janeiro: Tinta-da-china Brasil.
- PIZARRO, Jerónimo (2017). “Poemas e documentos inéditos: o lote 31 e a colecção Fernando Távora”. *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 12, outono, pp. 333-456. Brown Digital Repository, Brown University Library. <https://doi.org/10.7301/Z0FJ2F16>
- \_\_\_\_\_. (2010). “Estudo”. Fernando Pessoa, *Livro do Desasocego*. Edição de Jerónimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. Edição Crítica de Fernando Pessoa, Série Maior, vol. XII, pp. 517-605.
- PIZARRO, Jerónimo; FERRARI, Patrício; CARDIELLO, Antonio (2013). *Os Objectos de Fernando Pessoa*. Alfragide: Dom Quixote.
- QUEIRÓS, Carlos (1936). *Homenagem a Fernando Pessoa – com excerptos das suas cartas de amor e um retrato por Almada*. Coimbra: Edições Presença.
- RIBEIRO, António Sousa (2017). “Modernist temporalities: the Orpheu generation and the impact of history”. *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 11 (special issue: Portuguese Modernisms 1915-1917 – Contextos, Facetas e Legados da geração Orpheu; editores convidados: Steffen Dix e Patrícia Silva), primavera, pp. 9-22. Brown Digital Repository, Brown University Library. <https://doi.org/10.7301/Z0W0943J>

- ROCHA, Clara (2008). "Cancioneiro". *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Lisboa: Caminho, pp. 132-133.
- \_\_\_\_\_. (1985). *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- RODRIGUES-MOURA, Enrique (2019). "Para uma interpretação hermenêutica de uma edição crítico-genética: emendas de elocução e emendas de poética". *Estudos Linguísticos e Filológicos oferecidos a Ivo Castro*. Organização de Ernestina Carrilho, Ana Maria Martins, Sandra Pereira e João Paulo Silvestre. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, pp. 1339-1353. Disponível em: [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/39619/3/Estudos\\_Linguisticos\\_e\\_Filologicos\\_2019.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/39619/3/Estudos_Linguisticos_e_Filologicos_2019.pdf)
- SÁ-CANEIRO, Mário de (1995). *Obra Completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- SARAIVA, Arnaldo (2021). *A Entrada de Fernando Pessoa no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Batel.
- \_\_\_\_\_. (2016). "Entrevista com Arnaldo Saraiva". Realizada por Lilian Maria Barbosa Ferrari e Joelma Santana Siqueira. *Gláuks: Revista de Letras e Artes*, vol. 16, n.º 2, jul./dez., pp. 335-339. <https://www.revistaglauks.ufv.br/Glauks/issue/view/15>
- \_\_\_\_\_. (2015). *A Entrada de Fernando Pessoa no Brasil*. Porto: Coleção Folhetos 1.
- \_\_\_\_\_. (2002). "Leitura do poema 'Ela canta, pobre ceifeira', de Fernando Pessoa". *Século de Ouro: Antologia Crítica da Poesia Portuguesa do Século XX*. Organização de Osvaldo Manuel Silvestre e Pedro Serra. Braga, Coimbra, Lisboa: Angelus Novos & Cotovia, pp. 170-176.
- SENA, Jorge de (2000). *Fernando Pessoa & C.ª Heterónima*. Lisboa: Edições 70. 3.ª ed.
- \_\_\_\_\_. (1977). "Athena". *Grande Dicionário de Literatura Portuguesa e de Teoria Literária*. Direção de João José Cochofel. Lisboa: Iniciativas Editoriais.
- SEVERINO, Alexandrino E. (1969). *Fernando Pessoa na África do Sul*. Marília: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília.
- SILVA, Manuela Parreira da (2008). "Cancioneiro". *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*. Lisboa: Caminho, pp. 131-132.
- SIMÕES, João Gaspar (1971). *Vida e Obra de Fernando Pessoa*. Amadora: Bertrand. 2.ª ed.
- SOUSA, João Rui de (1988). *Fotobibliografia de Fernando Pessoa*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- URIBE, Jorge (2020). "Em vida de Fernando Pessoa – Lista de publicações 1912-1935". *Estranhar Pessoa*, n.º 7, Out., pp. 13-52. <http://estranharpessoa.com/nmero-7>
- VASCONCELOS, Ricardo (2017). "Um tributo a Fernando Távora". *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 12 (número especial: *New Insights into Portuguese Modernism from the Fernando Távora Collection*; guest editor, Ricardo Vasconcelos), outono, pp. 1-13. Brown Digital Repository, Brown University Library. <https://doi.org/10.7301/Z08S4N4N>
- VIZCAÍNO, Fernanda (2017). "O Meta-arquivo da Coleção Fernando Távora". *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 12 (número especial: *New Insights into Portuguese Modernism from the Fernando Távora Collection*; guest editor, Ricardo Vasconcelos), outono, pp. 18-81. Brown Digital Repository, Brown University Library. <https://doi.org/10.7301/Z0J964M4>
- XAVIER, Rodrigo (2020). "Fernando Pessoa em publicações periódicas brasileiras (1926, 1931, 1935)". *Pessoa Plural—A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 17, outono, pp. 543-572. Brown Digital Repository, Brown University Library. <https://doi.org/10.26300/s0aq-b080>

**RAQUEL DOS SANTOS MADANÊLO SOUZA** é Mestre em Literatura Brasileira, UFMG(2004) e Doutora em Estudos Comparados de Literaturas em Língua Portuguesa, USP(2008), com realização de pesquisas, com Bolsa FAPESP, na Universidade de Lisboa. Foi Professora de Literatura Portuguesa na Universidade Federal de São Paulo (2009-2015) e realizou estudos pós-doutorais com Bolsa de Pesquisa no Exterior, da FAPESP, entre 2013-2014, na Universidade de Coimbra. Faz parte do Polo de poesia portuguesa moderna e contemporânea, da UFMG. Atualmente, é professora de Literatura Portuguesa na graduação e pós-graduação do Curso de Letras da UFMG. Estuda revistas literárias do século XX, em Portugal; modernismos; modernidade.

**RAQUEL DOS SANTOS MADANÊLO SOUZA** has a Master's in Brazilian Literature, UFMG (2004), and a PhD in Comparative Studies of Literatures in the Portuguese Language, USP(2008), performing research, with a FAPESP scholarship from the University of Lisbon. She was a Professor of Portuguese Literature at the Federal University of São Paulo (2009-2015), and conducted post-doctoral studies with a Research Abroad Scholarship, from FAPESP, between 2013-2014, at the University of Coimbra. She is part of the Pole of Modern and Contemporary Portuguese Poetry at UFMG. Currently, she is a professor of Portuguese Literature at the undergraduate and graduate levels of the Literature course at UFMG. She studies twentieth-century literary magazines in Portugal, modernisms, and modernity.

— — —

**ROBERTO BEZERRA DE MENEZES** é mestre em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará (2012) e doutor em Estudos Literários – Literaturas Modernas e Contemporâneas pela Universidade Federal de Minas Gerais (2018), instituição onde atualmente é residente pós-doutoral (PNPD/CAPES) junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários – Pós-Lit, atuando em pesquisa e ensino. Como parte das atividades do Polo de Pesquisa em Poesia Portuguesa Moderna e Contemporânea, edita a revista *Tamanha Poesia*. Integra também o comitê editorial da *Revista do Centro de Estudos Portugueses*. Tem se dedicado à pesquisa da poesia portuguesa moderna e contemporânea, em especial a de Herberto Helder e de Daniel Jonas.

**ROBERTO BEZERRA DE MENEZES** holds a Master's in Comparative Literature from the Federal University of Ceará (2012) and a Ph.D. in Literary Studies – Modern and Contemporary Literature from the Federal University of Minas Gerais (2018), institution where he is currently a post-doctoral resident (PNPD/CAPES) at the Postgraduate Program in Letters: Literary Studies – Post-Lit, working in research and teaching. As part of the activities of the Research Center in Modern and Contemporary Portuguese Poetry, he edits the magazine *Tamanha Poesia*. He is also a member of the editorial committee of the *Revista do Centro de Estudos Portugueses*. He has been dedicated to researching modern and contemporary Portuguese poetry, especially that of Herberto Helder and Daniel Jonas.

— — —

**RODRIGO XAVIER** é professor do Setor de Literatura Portuguesa do Departamento de Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e pesquisador da Cátedra Jorge

de Sena para Estudos Luso-Afro-Brasileiros. É doutor em Letras pela PUC-Rio, com estágio pós-doutoral pela Universidade Federal Fluminense (UFF) em Estudos Literários (2013) e pela Universidade de Chicago em Estudos Germânicos (Fulbright Visiting Scholar 2015-2016). É membro da MLA (Modern Language Association), tendo especial interesse de investigação em crítica textual e nas relações entre a literatura e outras áreas, com enfoque na poesia e no teatro português.

**RODRIGO XAVIER** is a professor of Portuguese Literature in the Department of Vernacular Letters at the Federal University of Rio de Janeiro (UFRJ), and a researcher of the Jorge de Sena Chair of Luso-Afro-Brazilian Studies. He holds a Ph.D. in Literature from PUCRio, with postdoctoral internships in Literary Studies at the Federal Fluminense University (2013) and in Germanic Studies at the University of Chicago (Fulbright Visiting Scholar 2015-2016). He is a member of the Modern Language Association (MLA), having a special research interest in textual criticism and in the relationships between literature and other fields of knowledge, with special focus on Portuguese poetry and drama.